



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



**APAGAMENTO DA OCLUSIVA DENTAL /d/ NO MORFEMA {-ndo} FORMADOR  
DE GERÚNDIO NA FALA ENVIRENSE**

MANAUS-AM  
2019

RISONILDE CLEMENTINO DE ARAÚJO

**APAGAMENTO DA OCLUSIVA DENTAL /d/ NO MORFEMA {-ndo} FORMADOR  
DE GERÚNDIO NA FALA ENVIRENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo

MANAUS-AM  
2019

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A663a Araujo, Risonilde Clementino de  
Apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio na fala envirense / Risonilde Clementino de Araujo. 2019  
142 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Orlando da Silva Azevedo  
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Sociolinguística.. 2. Dialetoлогия Pluridimensional. 3. Português amazônico. 4. Morfema {-ndo}. I. Azevedo, Orlando da Silva II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

RISONILDE CLEMENTINO DE ARAÚJO

**APAGAMENTO DA OCLUSIVA DENTAL /d/ NO MORFEMA {-ndo} FORMADOR  
DE GERÚNDIO NA FALA ENVIRENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo.

Aprovado em: 28/06/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo – Presidente  
Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva – Membro  
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Mateus Coimbra de Oliveira – Membro  
Universidade Federal do Amazonas

MANAUS-AM  
2019

## *DEDICATÓRIA*

*À minha família, em especial minhas filhas,  
Polyana e Eduarda, a meus amigos e a todos  
que contribuíram para que eu realizasse este  
sonho. Obrigada!!!*

## AGRADECIMENTOS

*“Um galo sozinho não tece a manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzam os fios de sol de seus gritos de galos para que amanhã, desde uma tela tênue, se vê tecendo, entre todos os galos”.*

*João Cabral de melo Neto*

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por ter me dado à chance de participar deste processo, pois foram muitos os desafios, mas Deus me manteve calma e serena durante toda esta trajetória.

Ao meu orientador Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo que ao escolher meu projeto não só me deu a oportunidade de receber um título, mas abriu o caminho para minha renovação pessoal. Terá meu respeito e admiração o resto de minha vida. Obrigada por todas as orientações, ensinamentos e paciência que teve comigo.

À Profa. Dra. Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa e à Profa. Dra. Maria Sandra Campos, por aceitarem o convite para participar da banca de qualificação e pelas preciosas contribuições feitas naquele momento.

À Profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva e ao Prof. Dr. Mateus Coimbra de Oliveira por terem aceitado participar da banca de defesa desta dissertação e reservarem um pouco de seu tempo para se dedicarem a leitura deste trabalho. Agradeço também pelas contribuições que sempre serão bem-vindas.

Ao meu primo Jhones e minha amiga Rozilma que me acompanharam durante a pesquisa na zona rural e aos informantes pela receptividade e as informações que nos passaram. Obrigada pela aula de simplicidade e humanidade que todos vocês me envolveram.

Aos meus colegas de pós-graduação, em especial ao meu amigo de fé meu irmão camarada, Denilson Saturnino, e minha amiga Joyce Martins que, além de fazermos uma disciplina juntas na UEA, auxiliou-me nas rodadas do programa GoldVarb X. Obrigada pela ajuda nos momentos em que precisei.

Ao Centro de Mídias de Educação do Amazonas, por ter me liberado para as aulas e em outros momentos em que precisei. Agradeço a todos os meus colegas de trabalho na pessoa do Prof. José Francisco que me substituiu algumas vezes na transmissão das aulas.

Ao meu amigo Jaspe, obrigada pela presença constante em todos os momentos, dando sua contribuição e a minha colega de trabalho Isabel, ambos contribuíram na parte da revisão técnica da ABNT.

Ao colega de trabalho, Dérick, por ter produzido os mapas desta pesquisa, inserindo neles os resultados.

À parceira Socorro Silva, que pacientemente trouxe contribuições preciosas à minha pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste estudo e para minha formação.

.

[...]

*A língua que eu quero é essa que perde a função e se torna carícia.*

*O que me apronta é o simples gosto da palavra, o mesmo que a asa sente aquando o voo. Meu desejo é desalinhar a linguagem, colocando nela as quantas dimensões da vida.*

*E quantas são?*

*Se a vida tem é idimensões?*

*Mia Couto.*



## RESUMO

O presente estudo descreve o processo de apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio, sob a ótica da Dialetologia Pluridimensional e relacional de Thun (1996) que contempla à variação linguística em diferentes dimensões (diatópica, diazonal, diagenérica, diageracional, diastrática, dentre outras) e da Sociolinguística Variacionista de Labov (1972). A coleta de dados foi feita diretamente nos locais de estudo, bairro São Francisco e comunidade Marajá, utilizando-se de um questionário contendo 49 questões adaptadas do questionário fonético-fonológico já existente (AZEVEDO, 2013), com o intuito de descrever a realidade sociolinguística do município de Envira, localizado no Estado do Amazonas, com enfoque prioritário na identificação do processo de apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo}, morfe formador de gerúndio, resultando nas variantes [-nu] e [-ndu]. Foram selecionados 16 informantes, sendo 8 em cada ponto de inquérito, distribuídos em células sociais por sexo (mulher e homem); por faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos); e por escolaridade (fundamental I – analfabeto ou no máximo o 5º ano e fundamental II – 6º ao 9º ano). Os dados foram analisados de forma quantitativa com ajuda do programa estatístico *Goldvarb X* e os resultados foram registrados em 13 cartas morfofonológicas.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Dialetologia Pluridimensional. Português amazônico. Morfema {-ndo}.

## ABSTRACT

The present study describes the process of deletion of the dental occlusive /d/ in the morpheme {-ndo} gerund forming, under the perspective of Thun's Pluridimensional and Relational Dialectology, which contemplates the linguistic variation in different dimensions (diatopic, diazonal, diagenational, diastratic, among others) and of the Sociolinguistic Patterns by Labov (1972). Data collection was made in São Francisco neighborhood and community of Marajá, through a questionnaire with 49 questions adapted from the already existing phonetic-phonological questionnaire (AZEVEDO, 2013)), in order to describe the linguistic reality of the municipality of Envira, located in the State of Amazonas, the main focus is in the identification of the process of deletion of the dental occlusive / d / in the morpheme {-ndo}, forming the gerund, resulting in the variants [-nu] and [-ndu]. Sixteen informants were selected, eight at each point of inquiry, distributed in both gender (woman and man); by age group (18 to 30 and 50 to 65 years old); and by schooling (Elementary School - illiterate or at most the 5th and Middle School - 6th to 9th grade). The data were analyzed quantitatively with the aid of the statistical program Goldvarb X and the results were recorded in 13 morphological letters.

**Keywords:** Sociolinguistic. Pluridimensional Dialectology. Amazonian Portuguese. Variable {-ndo }.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proposta de divisão dialetal do Brasil por Antenor Nascentes (1953) .....	27
Figura 2 – Dialectologia Pluridimensional .....	30
Figura 3 – Variedades geográficas ou diatópicas .....	32
Figura 4 – Variedades socioculturais ou diastráticas .....	34
Figura 5 – Vista Panorâmica da cidade de Envira/AM .....	79
Figura 6 – Entrada da principal área do bairro São Francisco (CENA) .....	84
Figura 7 – Vista da entrada da Comunidade Marajá .....	85
Figura 8 – Rodada com defeito .....	97
Figura 9 – Ciclo da comunicação cartográfica .....	99

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Vogal pretônica /o/ e a zona de procedência .....	33
Quadro 2 – Perfil dos informantes .....	86
Quadro 3 – Codificação das variáveis .....	96
Quadro 4 – Categorização das variáveis .....	97
Quadro 5 – Grupo de Fatores .....	100

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Resultado das realizações morfofonológicas urbana e rural .....	107
Mapa 2 – Variável linguística: terminação verbal 1ª conjugação .....	109
Mapa 3 – Variável linguística: terminação verbal 2ª conjugação .....	110
Mapa 4 – Variável linguística: terminação verbal 3ª conjugação .....	111
Mapa 5 – Variável linguística: extensão do verbo: dissílabo .....	113
Mapa 6 – Variável linguística: extensão do verbo: trissílabo .....	114
Mapa 7 – Variável linguística: extensão do verbo: polissílabo .....	115
Mapa 8 – Variável extralinguística: sexo .....	117
Mapa 9 – Variável extralinguística: faixa etária I .....	119
Mapa 10 – Variável extralinguística: faixa etária II .....	120
Mapa 11 – Variável extralinguística: escolaridade I .....	122
Mapa 12 – Variável extralinguística: escolaridade II .....	123
Mapa 13 – Variável extralinguística: variação diazonal .....	125

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado de aplicação do apagamento de [d] em morfema de gerúndio em diversas variedades de PB .....	108
Tabela 2 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: terminação verbal .....	112
Tabela 3 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: extensão do verbo .....	116
Tabela 4 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: gênero/sexo .....	118
Tabela 5 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: faixa etária .....	121
Tabela 6 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: escolaridade .....	124
Tabela 7 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: faixa etária .....	126

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
1 FENÔMENO ABORDADO E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	22
1.1 Dialetoologia .....	22
1.2 Dialetoologia Pluridimensional .....	28
1.2.1 Variação Diatópica .....	31
1.2.2 Variação Diastrática .....	34
1.2.3 Variação Diageracional .....	35
1.2.4 Variação Diassexual .....	36
1.2.5 Variação Diafásica.....	37
1.3 Sociolinguística: estudo histórico-comparativo.....	38
1.4 Sociolinguística variacionista: variedade, variação, variável e variantes.....	42
1.4.1 Variedade.....	45
1.4.2 Variação.....	46
1.4.3 Variável .....	47
1.4.4 Variante .....	48
1.5 Problemas empíricos para a teoria da mudança linguística.....	49
1.5.1 Problema da restrição .....	50
1.5.2 Problema do encaixamento.....	50
1.5.3 Problema da transição.....	51
1.5.4 Problema da avaliação .....	53
1.5.5 Problema da implementação.....	55
1.6 Comunidade de fala .....	56
1.7 Estudos Dialetológicos e Sociolinguísticos na fala amazonense .....	59

1.8 O Gerúndio na perspectiva histórica .....	63
1.8.1 O fenômeno do apagamento /d/ no morfema {-ndo} formador de Gerúndio .....	67
1.9 Norma Linguística em estudo: definição.....	73
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....	77
2.1 Local da Pesquisa .....	78
2.1.1 Pontos de inquérito .....	83
2.2 Informantes.....	85
2.3 Coleta de dados.....	86
2.4 Definição das variáveis dependentes .....	87
2.5 Definição das variáveis independentes.....	88
2.5.1 Variáveis internas .....	88
2.5.1.1 <i>Conjugação verbal</i> .....	88
2.5.1.2 <i>Extensão da forma verbal</i> .....	88
2.6 Variáveis externas.....	89
2.6.1 Sexo .....	89
2.6.2 Faixa etária .....	91
2.6.3 Escolaridade.....	91
2.6.4 Zona urbana versus zona rural.....	92
2.7 Codificação das variáveis .....	93
2.7.1 Variáveis dependentes .....	93
2.7.2 Variáveis independentes .....	93
2.7.2.1 <i>Variáveis internas</i> .....	94
2.7.2.2 <i>Variáveis externas</i> .....	94
2.8 Subsídio quantitativo .....	95
2.8.1 Elaboração de cartas morfofonológicas.....	98
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	103



3.1 Constituição das variáveis .....	103
3.2 Condicionadores internos .....	104
3.3 Condicionadores externos.....	104
3.4 Análise e discussão dos dados .....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	128
REFERÊNCIAS .....	132
APÊNDICE A – Ficha do informante .....	139
APÊNDICE B – Questionário morfofonológico (QMF).....	140

## INTRODUÇÃO

A língua sofre o processo de variação e mudança de acordo com as peculiaridades de cada grupo de falantes e de acordo com as diversas situações sociais de uso. As pessoas, muitas vezes, são capazes de perceber com facilidade como diferem os modos de falar de uma pessoa advinda de uma região para outra, ou quando uma pessoa mais escolarizada fala em relação à outra que pouco frequentou a escola. O modo de falar dos jovens difere do modo de falar dos adultos e das pessoas de faixa etária mais elevada. Uma mesma pessoa pode adequar seu estilo de fala de acordo com as diversas circunstâncias sociais.

O aspecto da variação linguística a que nos propusemos pesquisar é **“O apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio na fala envirense”**. O interesse por este tema surgiu, a partir de anos de convivência da pesquisadora na microrregião do Juruá no Estado do Amazonas, mais especificamente no município de Envira. Nessa cidade, observamos muitas ocorrências das formas verbais de gerúndio na fala dos moradores locais, que se utilizavam as formas verbais do gerúndio, por exemplo, *“cantando”*, *“fazendo”* como *“cantanu”* e *“fazenu”*. Estudos como esse já foram realizados em outros falares do Português do Brasil como os de: Pelayes (2016); Nascimento, Araújo e Carvalho (2013); Ferreira (2010); Vieira (2011); Martins (2001); Amaral (2008); Campos (1980), dentre outros. Mas não identificamos estudos relacionados a essa temática na fala envirense.

Para esta pesquisa escolhemos no município de Envira dois pontos de inquéritos, um na zona urbana, em um bairro bem centralizado na cidade chamado “São Francisco”; e outro na zona rural, em uma comunidade mais afastada denominada “Marajá”, cujos informantes possuíam o mesmo perfil previamente estabelecido na composição das células sociais<sup>1</sup> escolhida para esta pesquisa.

Nessa microrregião do estado do Amazonas, certamente existem muitas outras variantes nos níveis linguísticos fonético-fonológico, morfossintático, semântico-pragmático. Decidimos, porém, fazer um recorte e nos dedicamos especificamente no aspecto morfofonológico, ou seja, em um processo fonológico que apresenta interação com a morfologia, afetando a ocorrência de morfema formador de gerúndio, caracterizada como o

---

<sup>1</sup> Células sociais são agrupamentos/cruzamentos de fatores sociais que caracterizam os informantes. É a estratificação social dos informantes aplicada à pesquisa sociolinguística. (Para conhecer a sociolinguística/Izete Lehmkuhl Coelho... [et al.]. – São Paulo: Contexto, 2015. – coleção para conhecer linguística).

apagamento do /d/. Apesar de outros pesquisadores tratarem o fenômeno como assimilação<sup>2</sup>, decidimos adotar em nosso estudo o termo “apagamento<sup>3</sup>”, por já ter sido consagrado por alguns pesquisadores do mesmo fenômeno proposto em nossa pesquisa. De acordo com Ferreira *et al.* (2012, p. 168), o fenômeno do apagamento “[...] é recorrente na variedade do português falado na região paulista de São José do Rio Preto (SP), Brasil”. Deste modo, formas como “andando”, “crescendo” e “dormindo” podem ser realizadas, respectivamente, como “anda[nu]”, “cresce[nu]” e “dormi[nu]”. Limitamos somente a esta ocorrência por conta do fator tempo e pela grande dificuldade com relação ao deslocamento da capital Manaus até o local da pesquisa.

Para a realização desta pesquisa, baseamo-nos na Sociolinguística laboviana (LABOV, 1972), por envolver aspectos sociais no estudo da língua, e a Dialectologia Pluridimensional de Thun (1998) e de outros trabalhos realizados nessa vertente (MARGOTTI, 2004; CRUZ, 2004; AZEVEDO, 2013), por envolver a confecção de mapas e por compreender as variações horizontais.

Segundo Dino Preti (2000), o modo de falar de um indivíduo está condicionado aos fatores: *geográficos ou diatópicos*, (apoiados na oposição entre a linguagem utilizada pelas pessoas da zona urbana e pelas pessoas oriundas do meio rural); *sociocultural ou diastráticas*, (motivado por parâmetros ligados ao falante: idade, sexo, profissão, posição social, grau de escolaridade, etc.); *contextuais ou diafásicas* (relacionada à situação comunicativa e à interação entre os falantes, envolvendo níveis de fala formal ou informal).

No decorrer da pesquisa sentimos necessidade de reformular a metodologia, pois pretendíamos trabalhar com três instrumentos de coletas de dados para saber em qual predominava a ocorrência de [-nu] ou de [-ndu], caracterizando, assim, a variação morfofonológica na dimensão diafásica (questionário, leitura e fala espontânea). Entretanto, não foi possível pelo fato de não conseguirmos dados suficientes para sistematização da comparação entre essas três formas de obtenção das ocorrências da variável {-ndo}. Pois sentimos dificuldade na realização da leitura por parte da maioria dos informantes da faixa etária II (50 a 65), e, na fala espontânea, não obtivemos um resultado satisfatório com informantes da faixa etária I (18 a 30 anos). Não havendo dados suficientes para usarmos

<sup>2</sup> Termo geral da FONÉTICA que se refere à influência exercida por segmento de som sobre a ARTICULAÇÃO de outro, de forma que os sons se tornem mais parecidos, ou mesmo idênticos (CRYSTAL, 2000, p. 33).

<sup>3</sup> É um processo fonológico por supressão, também chamado de queda, eliminação ou truncamento, considerados processos de estruturação silábica e envolvem o apagamento ou supressão de um segmento, seja el e uma vogal, consoante, semivogal, seja, até mesmo, uma sílaba inteira (ROBERTO, Tânia Mikaela Garcia. *Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório*. 1.ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.)

como parâmetros para nosso estudo, resolvemos manter somente os dados coletados pela aplicação do questionário fonético-fonológico. Os dados foram analisados de forma quantitativa com ajuda do programa estatístico *Goldvarb X*.

As particularidades linguísticas da fala dos moradores de Envira, no que diz respeito às realizações morfofonológicas de {-ndo}, podem subsidiar a realização de outras pesquisas na área da Dialetoologia e da Sociolinguística no local em estudo.

Com o propósito de alcançarmos nossos resultados sobre o apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} na fala envirense, através da aplicação de um questionário morfofonológico, em dois pontos de inquéritos, previamente selecionados, foi proposto como objetivo principal:

Descrever a realidade sociolinguística do município de Envira, localizado no Estado do Amazonas, com enfoque prioritário na identificação do processo de apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio, resultando nas variantes [-nu] e [-ndu].

Para alcançarmos o propósito principal, propusemo-nos a atingir os seguintes objetivos específicos:

- 1) Apresentar a norma de uso da localidade pela frequência e distribuição regular.
- 2) Verificar quais fatores intra e extralinguísticos estão influenciando as ocorrências de [-nu] e de [-ndu];
- 3) Elaborar cartas morfofonológicas sobre as realizações fonéticas de /-ndo/.

Controlamos a variável {-ndo}, que pode ocorrer foneticamente como [-ndu] e [-nu], sujeitas às influências de fatores intra e extralinguísticos. Logo, teremos duas variantes a serem estudadas:

- a. [-ndu], que é considerada a forma padrão do português e a mais prestigiosa;
- b. [-nu], que é considerada a variante destoante da forma padrão e a mais estigmatizada.

Verificamos, portanto, se a dimensão do verbo, a conjugação verbal, o sexo, a escolaridade, a faixa etária, e o lugar (zona urbana versus zona rural) exerceram influência nas ocorrências dessas variantes.

Trabalhamos com as seguintes hipóteses:

- A forma elidida [-nu] é a predominante no dialeto envirense, tanto na zona urbana quanto na zona rural; enquanto a forma [-ndu] deve ocorrer com menos frequência;

- A dimensão do verbo portador do morfema {-ndo} favorece o fenômeno do apagamento de /d/;
- A terceira conjugação verbal desfavorece a ocorrência do apagamento de /d/;
- Com relação ao sexo, o homem tende a realizar mais o gerúndio em sua forma [-nu];
- A faixa etária de mais de 55 anos favorece o apagamento da oclusiva no gerúndio;
- O nível de escolaridade mais elevado colabora com a manutenção da oclusiva /d/, pois quanto mais alta for o grau de escolaridade, menos ocorre o apagamento da oclusiva.

Quanto à configuração deste trabalho, está estruturado em quatro seções seguidas das considerações finais e das referências, a saber:

Na seção 1, fizemos uma reflexão a cerca dos pressupostos teóricos da Dialetologia e da Sociolinguística, nos quais nossa pesquisa está embasada, e tecemos um breve histórico da Sociolinguística Variacionista, evidenciando os conceitos de variedade, variação, variável e variantes, compreendendo seu papel neste contexto de estudo. Apresentamos também os Problemas Empíricos para a Teoria da Mudança linguística e sua relação com os estudos linguísticos. E, ainda, conceituamos comunidade de fala segundo a teoria de laboviana.

Nessa seção, ainda, retratamos alguns dos estudos Dialetológicos e Sociolinguísticos sobre a fala amazonense. Discorremos, de forma breve, sobre o gerúndio na perspectiva histórica e a respeito do nosso objeto de estudo denominado “Apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio na fala envirense”.

Na seção 2, descrevemos a trajetória metodológica de nossa pesquisa com a exposição dos aspectos relacionados ao contexto de pesquisa: seleção de informantes, coleta de dados, definição das variáveis dependentes e independentes. Nesta seção são traçados os procedimentos metodológicos que dizem respeito à constituição do *corpus*, ao tratamento dos dados e aos critérios de análise adotados neste estudo.

Na seção 3, são analisados os dados e apresentados os resultados obtidos com demonstração em gráficos e em cartas morfofonológicas.

## 1 FENÔMENO ABORDADO E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, abordamos os pressupostos teóricos metodológicos que fundamentam a pesquisa, a saber: Dialetologia Pluridimensional; Sociolinguística e seus aspectos fundamentais, tais como: sociolinguística variacionista, conceitos básicos de variedade, variação, variável e variantes. Apresentamos, de forma sucinta, os Problemas Empíricos para a Teoria da Mudança linguística e sua relação com os estudos linguísticos e conceituamos comunidade de fala segundo a teoria laboviana. Esta seção retrata também alguns dos estudos realizados a luz da Dialetologia Pluridimensional e da Sociolinguística na fala amazonense. Discorreremos sobre o gerúndio na perspectiva histórica e a respeito do nosso objeto de estudo denominado “Apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo}, formador de gerúndio na fala envirense”.

### 1.1 Dialetologia

Para Silva Neto (1955, p. 16), quando um indivíduo de fora adentra em um grupo de fala, se o desconhecido pertence ao mesmo domínio linguístico será compreendido, mas não demora muito para ser reconhecido como de fora. O referido autor traz uma passagem bíblica que ilustra bem a sua fala quando afirma que, São Pedro ao negar cristo três vezes, uma mulher o reconheceu por causa de sua pronúncia e neste momento, entregou que Pedro era do grupo de Jesus Cristo. Assim, conforme Silva Neto (1995, p. 16), podemos definir um falar como “feixe de traços linguísticos distintivos”. Para tanto, podemos contar com a Dialetologia ao registrar a fala de uma determinada comunidade, inferindo, de maneira aproximada, sobre o comportamento linguístico dos habitantes de uma região e suas proximidades. Nesse sentido, Brandão (1991, p. 6) ressalta que

- a entonação, a pronúncia, a escolha vocabular, a preferência por determinadas construções frasais, os mecanismos morfológicos que lhe são peculiares podem servir de índices que identifiquem:
- a) o país ou a região de que se origina;
  - b) o grupo social de que faz parte (seu grau de instrução, sua faixa etária, seu nível socioeconômico, sua atividade profissional);
  - c) a situação (formal ou informal) em que se encontra.

Cardoso (2010) intensifica que os linguistas, no final do século XVIII voltaram sua atenção de maneira mais frequente para os dialetos. Nesse mesmo período, Pop (1950, p.

XXIII) apresentou alguns trabalhos relevantes com participação direta ou indiretamente na construção da Dialetologia (apud CARDOSO, 2010, p. 35):

- (i) na Suécia, o arcebispo Erik Benzélius (1726) leva os padres, sob sua jurisdição, a anotar os provincianismos, inaugurando, nesse país, um questionário por correspondência;
- (ii) em 1749, o pastor Erik Pontopidan publica a primeira obra de cunho lexicológico, registrando palavras dialetais norueguesas que os dinamarqueses não compreendiam;
- (iii) o *Glossarium Suiogothicum*, de J. Ilre, considerado por Pop (1950, p. XXVIII) como “a obra mais relevante desse período” aparece em 1769;
- (iv) o abade Grégoire empreende, na França (1790), uma “enquete” com a finalidade de conhecer os “patois”.

Vale ressaltar que no início dos estudos dialetais, as regiões se encontravam preservadas seja pela falta de comunicação constante, levando em consideração a ausência dos meios tecnológicos, ou pelo difícil acesso. Desse modo, a interação entre as áreas não ocorria frequentemente (CARDOSO, 2010).

Dois acontecimentos importantes marcaram o surgimento da Dialetologia como ciência que estuda a variação linguística no eixo horizontal, sendo assim, chamada de Dialetologia Tradicional ou Monodimensional:

O primeiro refere-se ao levantamento de dados da realidade alemã feito por Georg Wenker, que fez pesquisa por correspondência, reunindo dados de aproximadamente 40.736 localidades, com um total de 44.251 respostas coletadas, sem, porém, atentar para o controle sistemático de variáveis sociais. Com isso, Georg Wenker conseguiu levantar dados sobre a realidade linguística alemã em (1881), no final século XIX. De acordo com Dubois (2006), o atlas de Wenker documenta a realidade dos usos dialetais presentes na Alemanha.

Para Cardoso (2010), a ausência do controle de variáveis socioculturais dos informantes reflete a dificuldade advinda de uma coleta de dados feita por correspondência, não observadas *in loco*. Apesar de imperfeições contidas na pesquisa de Wenker, os mapas evidenciaram que os dialetos locais não se aproximaram mais das formas antigas do que a língua standard (língua de prestígio). Segundo Dubois (2006), apesar da lentidão para serem publicados os primeiros resultados e das duras críticas recebidas pelo fato de serem elaboradas apenas duas cartas fonéticas e quatro fonológicas, no total de seis, a obra de Wenker foi recebida com entusiasmo.

O segundo trabalho de natureza dialetológica foi feito por Jules Gilliéron, que recolheram dados dialetais para a elaboração do *Atlas Linguístico da França*. Gilliéron revolucionou com o seu ALF (*Atlas Linguístico da França*), que resultou de sua constante

preocupação com questões dialetais. Gilliéron via a necessidade de se colher o mais rápido possível o rico material das falas populares, pois segundo ele, se não houvesse agilidade no recolhimento dos dados, ao final, a pessoa não teria uma visão de conjunto e, conseqüentemente, não podia comparar o material de forma sincrônica. Assim era necessária a criação de um método de pesquisa que fosse provável a comparação dos falares, pois não seria possível fazer essa comparação depois usando o mesmo método para todos os falares. Surge então, com essa proposta um novo comparatismo, o comparatismo horizontal, que vem somar com o já conhecido comparatismo vertical, ou seja, é o comparatismo que vai das línguas românicas ao latim, ou que vem do latim até a atualidade.

Segundo Dubois (2006), Jules Gilliéron, em 1897, iniciou a coleta de dados para o ALFA realizado com a ajuda financeira do Ministério de Instrução Pública e a colaboração de Edmond Edmont. Gilliéron o elegeu como inquiridor por motivo doutrinário. Ele achava que um filólogo, um especialista não era pessoa indicada para aplicar o questionário, porque o filólogo tinha ideias preconcebidas; podia retocar o material; podia alterar conformes suas convicções. Achava que devia ser um leigo, porque no seu tempo, a escola francesa do grande cientista Claude Bernard advertia da necessidade de observar com objetividade absoluta como uma máquina fotográfica. Edmont não era filólogo, mas não era evidentemente um homem qualquer, tinha recebido uma formação fonética. Era um apaixonado pela linguagem popular e dispunha de muito bom ouvido. Tinha amor pela linguagem e percorreu a maior parte dos 639 pontos de inquérito de bicicleta. Em cada ponto, ele passava dois dias interrogando um único informante. À proporção que ia aplicando o questionário e obtendo as respostas, ele ia mandando para Gilliéron que passava para um mapa previamente preparado e distribuía os materiais geograficamente.

Assim como toda obra grandiosa, o atlas de Gilliéron também foi exposto a críticas, sobretudo acusando seu questionário de ser incompleto, pois não contemplava palavras relevantes para os conteúdos linguísticos, além de não levar em consideração as diferenças sociais, etc. Aurélio (2012, p. 35) defende que

no atlas de Gilliéron, fica evidente uma maior preocupação com o vocabulário. O trabalho abrange três diferentes tipos de materiais, a saber: palavras características do vocabulário camponês, um conjunto de palavras com distribuição notadamente regional, além de 100 frases que tinham o objetivo de elucidar informações sobre as características morfológicas e sintáticas das regiões investigadas. Para isso, foram visitadas 639 localidades. A obra total inclui cerca de 2.000 mapas com aproximadamente um milhão de designações vivas.



Independente das críticas, seu estudo teve grande relevância, pois marcou a aplicação do método geografia linguística com rigor científico, como afirma Malmberg (1974, p. 85):

O atlas de Gilliéron serviu de modelo para os demais atlas do domínio Linguístico românico, em particular para *Sprachatlas Italiens und der Sudschweiz* (Atlas Linguístico da Itália e do Sul da Suíça) de Jaberg e Jud, ao *Atlasul linguistic român* (Atlas linguístico romeno), devido à colaboração de Sever Pop e de Sextil Puscariu, e ao atlas Ibero-românico ainda não acabado.

Apesar das inconsistências encontradas nos estudos de Gilliéron, relacionadas aos princípios das leis fonéticas fundamentada pela doutrina dos neogramáticos, o atlas proporcionou uma visão mais dinâmica dos fatos descritos, ressaltando as regiões conservadoras e inovadoras, propagação da cultura, zonas de transição, o que permite os limites entre os falares (BRANDÃO, 1991).

Cardoso (2010, p. 35) destaca que, nessa mesma época, antes dos estudos dialetológicos serem consolidados, no final dos séculos XIX, outros fatos e trabalhos tiveram papéis importantes para o desenvolvimento da Dialectologia como ciência, a saber:

- (i) a criação da Academie Celtique, em 1804, que “assinala uma data importante para a dialetologia, apesar das teorias exageradas dessa sociedade referentes à influência do celta sobre as outras línguas” (Pop, 1952, p.XXX);
- (ii) a posição de J. Grimm, fundador da filologia germânica, em defesa dos “patois” (1819);
- (iii) a recolha de materiais por meio de inquéritos sistemáticos na Baviera, feita por J. A. Schmeller (1921), obra na qual estabelece comparação entre a linguagem dos falantes do campo, dos falantes urbanos e dos falantes cultos;
- (iv) a possibilidade de realização de cartas fonéticas previstas por Désiré Monnier, em 1823;
- (v) a publicação do primeiro fascículo da gramática comparada das línguas indo-europeias de Franz Bopp (1833).
- (vi) a publicação, em 1841, por Bernardino Biondelli, do Atlas Linguistique de l’Europe, concebido sob a influência do Atlas Ethnographique du Globe de Adrien Balbi (1826).

Dessa fase, evidenciaram-se duas contribuições. A primeira refere-se ao levantamento pioneiro das diferenças dialetais de uma língua, a partir do levantamento sistemático dos dados. A segunda, pela amplitude de seus objetivos gerais que finalmente dados do português brasileiro são inseridos e marca o início dos estudos de natureza dialetológica no Brasil.

A Dialectologia no Brasil teve sua divisão em fases:

A *primeira fase*, conforme Cardoso (2009), o estudo de Visconde da Pedra Branca, inaugurou a dialetologia nacional e abriu caminho para outros trabalhos de caráter semântico-lexical. E é reconhecida como a primeira fase dos estudos dialetais no Brasil, gerando

inúmeros glossários regionais e dicionários, e finaliza-se com a publicação de *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral em 1920.

Amadeu Amaral encerra a primeira fase e inaugura a próxima fase da Dialetologia no Brasil. Segundo Brandão (1991, p. 43), estava sendo plantada, naquele momento “a semente da geografia linguística”, reconhecendo a importância do estudo realizado por Amaral.

A *segunda fase* inicia-se com Amadeu Amaral em 1920 e perdura até 1952 com o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, regulamentado pela portaria 536, de 26 de maio do ano equivalente. Essa legislação estabeleceu como função da Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa e elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, mediante seu Centro de Pesquisas, que deveria ter como principal objetivo a realização do Atlas Linguístico do Brasil (ARAGÃO, 2008).

Nesta mesma fase, a obra *o Linguajar Carioca*, publicada em 1922 por Antenor Nascente, se destacou. Conforme Ferreira e Cardoso (1994), a obra em questão encontram-se as linhas gerais para o estudo monográfico de uma região, com predomínio nos tratamentos nos níveis fonético, lexical, morfológico e sintático que juntos a um vocabulário típico da área a tornaram o marco e modelo na descrição dos falares regionais do Brasil. Segundo Aragão (2008), a obra contou com edições posteriores, em que Nascente propôs pela primeira vez, com suportes linguísticos, a fragmentação dos falares brasileiros, fato que até hoje nenhum outro autor conseguiu fazer de modo coerente e aceitável. O autor apresenta nos primeiros capítulos de sua obra, a proposta da divisão dos falares brasileiros.

Figura 1 – Proposta de divisão dialetal do Brasil por Antenor Nascentes (1953)



Fonte: ALiB.

Nessa divisão do mapa indicado na figura 1, os grupos estão separados por uma zona que ocupam posições equivalentes dos extremos setentrional e meridional do País se expandindo mais ou menos da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso.

Em relação aos subfalares, Nascente compreende:

Dois no grupo norte

- a) o amazônico;
- b) o nordestino;

Quatro no grupo sul

- a) o baiano;
- b) o fluminense;
- c) o mineiro;
- d) o sulista.

A divisão diatópica levou em consideração as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, no aspecto fonológico, que se realizavam, como [ɛ,ɔ] no grupo norte e [e, o] no grupo sul, segundo Nascente (1953).

Além da obra de Antenor Nascentes, o trabalho de Marroquim, em 1934, contribuiu de forma significativa para a segunda fase da Dialetoologia no Brasil. Em seu estudo, o autor sugere “uma definição bem documentada do conceito de Dialeto para, a seguir, fazer um estudo mais profundo dos aspectos fonético-fonológicos, lexicais e sintáticos do falar de Alagoas e Pernambuco” (ARAGÃO, 2008, p. 127).

A *terceira fase* inicia já com a edição da legislação criada na segunda fase e vai até a publicação do primeiro Atlas Linguístico Regional, o Atlas prévios dos Falares Baiano em 1963. Nesse período continuam a surgir outros trabalhos como glossários, dicionários regionais, teses, dissertações e artigos de diversos estudos dialetais em todo o Brasil. Dentre os vários estudiosos da época, podemos recordar os trabalhos de Antenor Nascente, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi. Cada um, com suas particularidades e caminhos adversos, deu sua contribuição para a Geolinguística Brasileira, tornando-os desbravadores das trilhas e caminhos seguidos pelos estudiosos nos dias atuais.

Com o surgimento da sociolinguística, a dialetologia ganha uma enorme contribuição, pois a geolinguística ampliou seu campo de investigação e análise que até então seus registros estavam voltados para a variação diatópica (denominada de dialetologia tradicional) com ênfase no espaço, na área geográfica, passando a controlar variáveis sociais mais abrangentes, tais como a variação diastrática (classe social), variação diafásica (escolaridade), variação diassexual (sexo), variação diageracional (faixa etária), dentre outras. Diante do exposto, entendemos que a dialetologia e a sociolinguística não se opõem, elas se complementam, mas com essa adaptação, que sofreu de ampliar seu campo de análise que até então era restrito à área rural, ganhou espaço também para analisar os centros urbanos, passando a confundir-se com a sociolinguística. Raktke e Thun (1996) afirma que a dialetologia tradicional e a sociolinguística são compreendidas através da história como disciplinas independentes, portanto, confundem-se com a geolinguística aprimorada denominada de *dialetoologia pluridimensional*, concebida como parte responsável pela variação linguística e sua relação com o falante e a sociedade.

## **1.2 Dialetoologia Pluridimensional**

Os trabalhos dialetais são numerosos, mas somente no século XIX os rumos dessas investigações começaram ser tratadas com mais eficácia, e a Dialetoologia, propriamente dita, consolida-se com a utilização de sua metodologia específica com denominação diversa, a

saber: geolinguística multidimensional (CARDOSO, 2010); geossociolinguística (RAZKY, 2003) ou sociodialetoлогия (GUY, 2012) e dialetologia pluridimensional e relacional (RADTKE; THUN, 1996) que será o conceito adotado nesta pesquisa.

Edgar Radke e Harald Thun (1996) aprimoram a dialetologia tradicional ou areal e trazem novas contribuições através da inserção de um novo parâmetro para os estudos dialetais, denominado de Dialetologia Pluridimensional. Esse método traz uma grande vantagem, uma vez que aponta o limite da ocorrência de fenômenos linguísticos específicos, revelando características difíceis de serem reveladas de outras formas (AURÉLIO, 2012). Nesse viés, podemos definir o referido método como parte da dialetologia que se preocupa em localizar as variações entre as línguas. Dubois (2006) entende como o estudo das variações da língua em seu uso concreto por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas distintas.

Corroborando com o modo de pensar de Dubois (2006), Cardoso (2010) sustenta que a geolinguística como método da dialetologia serve para localizar espacialmente as variações em relação às línguas umas com as outras, situando seus falantes no meio social, cultural e regional.

De acordo com Crystal (2000, p. 81), a Dialetologia “é o estudo sistemático de todas as formas de dialetos, em especial o dialeto regional, por isso, pode ser chamada também de ‘geografia linguística’ ou geografia dialetal”. Desse modo, há uma interação com a Geografia Linguística, cuja metodologia possibilita a criação de atlas linguísticos. Podemos, portanto, considerá-la como a ciência que estuda os dialetos e os diferentes falares, considerando a localização espacial. Sobre este aspecto, Brandão (1991, p. 79) afirma que:

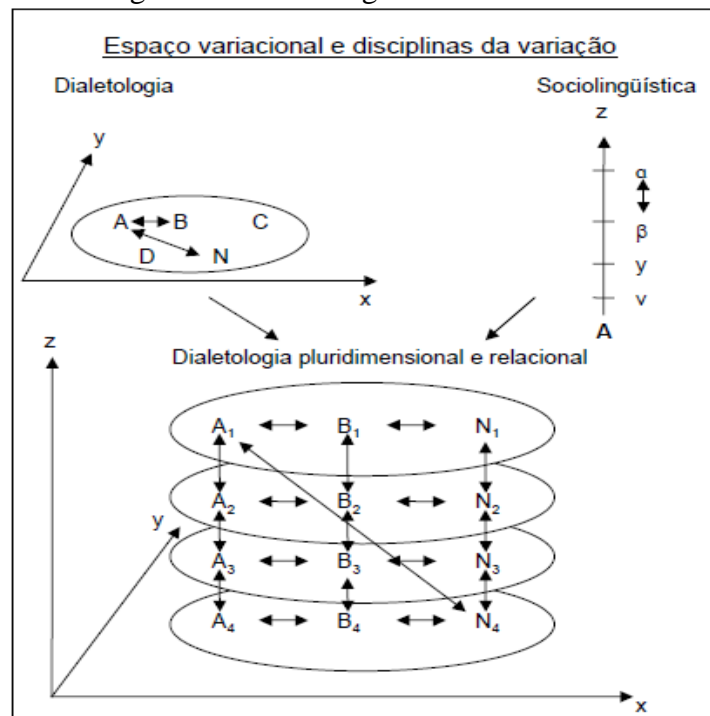
Em sentido restrito, é a disciplina que se ocupa do estudo de dialetos e falares, isto é, das variedades de natureza geográfica de uma língua. Em sentido amplo, é a disciplina que tem por objeto de estudo os dialetos, estes considerados como quaisquer variedades de uma língua. Sendo assim, pode-se falar em dialetologia horizontal e dialetologia vertical. A primeira ocupar-se-ia, basicamente, das variações diatópicas ou de natureza espacial. A segunda, das variações diastráticas ou de cunho sociocultural.

A partir do surgimento da Dialetologia Pluridimensional, os dados coletados de uma pesquisa podem ser reunidos e sintetizados em mapas ou em cartas linguísticas, possibilitando uma análise nos eixos horizontal e vertical. Podemos considerar a dialetologia horizontal quando a variação linguística ocorrer de um lugar para outro; e vertical quando a variação linguística ocorrer de acordo com as estratificações sociais.

A diferença entre a dialetologia areal (tradicional) e a dialetologia pluridimensional pode ser explicada a partir da concepção de que a primeira corresponde à pesquisa por meio de atlas linguísticos mapeando somente o uso linguístico puramente geográfico. Enquanto a segunda, tende a agregar o aspecto geográfico, enfatizado pela dialetologia tradicional, com o aspecto social da língua, ou seja, há uma relação de cumplicidade entre a dialetologia e sociolinguística. Portanto, Radke e Thun (1996) partem do princípio de que a variação deve se estender ao espaço tridimensional, horizontal da dialetologia e o eixo vertical da sociolinguística. Ou seja, o fenômeno poderá ser observado na perspectiva da variação diatópica (variação geográfica); diastrática (escolaridade); diageracional (variação entre faixas etárias); diassexual (variação por sexo); dialingual (variação através de contatos linguísticos); diafásica (variação por meio do grau de formalidade da língua); dentre outras dimensões.

Este novo modelo de dialetologia pluridimensional é apresentado por Radtke e Thun (1996) por meio do esquema abaixo:

Figura 2 – Dialetologia Pluridimensional



Fonte: Radtke e Thun (1996).

O modelo representado no esquema de Thun (1996) - figura 2 - é considerado *relacional* por estabelecer relações entre o contato de língua ou variedades linguísticas na pesquisa e posteriormente na apresentação cartográfica dos dados coletados. É *pluridimensional* por abranger as dimensões diatópicas (horizontal), com traços da

dialetologia tradicional, e dimensões sociais (verticais) evidenciadas pela sociolinguística convencional. Algumas dessas dimensões, como mencionadas anteriormente, são conhecidas como variáveis extralinguísticas. Nesta pesquisa, são levadas em consideração as seguintes dimensões e parâmetros dialetológicos: diatópica (pontos de pesquisa); diazonal (falantes da zona urbana e da zona rural); diastrática (escolaridade); diassexual (sexo) e diageracional (faixa etária).

Com base no que foi exposto acima, verificamos que os estudos dialetais não estão restritos somente à visão diatópica, mas também estão associados às dimensões sociais, que compõem uma metodologia a ser seguida pela dialetologia pluridimensional. Conceituamos de forma sucinta as dimensões na perspectiva diatópica e os veios sociolinguísticos que dizem respeito ao contexto regional e social de nossa pesquisa, as chamadas variações linguísticas que se realizam e se manifestam a partir de fatores de natureza regional e social, podendo ocorrer nos níveis fonético e fonológico, morfológico, semântico e sintático etc. Dentre as variações linguísticas existentes, citaremos, portanto, somente as que fazem parte deste estudo.

### 1.2.1 Variação Diatópica

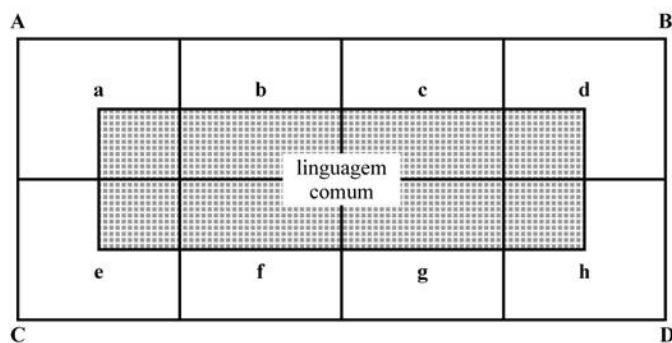
A variação diatópica (do grego, *topos* = lugar), ou seja, está relacionado ao ponto de pesquisa e aos processos de reconhecimento da norma linguística de uso do que possa ser aceitável em relação à língua padrão em diferentes regiões ou lugares distintos. Ela nos possibilita através da fala identificar a origem de uma pessoa através dos usos peculiares de padrões lexicais, entonações e, principalmente os traços fonológicos diferenciáveis. Para Cardoso (2010, p. 48) “o homem é indissociável no seu **existir** e no seu **agir**, no seu **ser** e no seu fazer”.

A variação diatópica tem acepções diferentes de região para região. Em alguns lugares é chamada de variação geolinguística ou variação dialetal. Seja qual for a nomenclatura escolhida, ela está ligada diretamente à maneira de reconhecimento da norma linguística com os usos consideráveis em lugares ou regiões diferentes onde se adotam a língua padrão. Percebemos, portanto, que um lugar quanto mais afastado geograficamente de outros que utilizam a variedade padrão, mais chances essa comunidade tem de adotar normas linguísticas diferentes. São diversos os motivos pelos os quais podem ser explicados: as regras linguísticas de uso dessa comunidade afastada não foram afetadas pelas regras que abalaram a norma

padrão, o uso social da língua pode não ser o mesmo para todas as regiões, a interferência de outras línguas podem ter maior influência no centro do que na região mais afastada que adota a variedade não padrão, dentre outros. Temos um exemplo bem claro da variação diatópica que é o modo de falar rural e do falar urbano. Percebemos, na maioria das vezes, que a alteração ocorre com menos frequência na variedade de uso rural, pois tende a preservar algumas formas do português arcaico. Já o falar urbano sofre diversos tipos de influências, tais como: imigração, industrialização e a mídia (televisão, internet, redes sociais...).

Preti (2000, p. 24) entende que as manifestações provenientes das variedades geográficas ou diatópicas “são contidas na comunidade por uma hipotética *linguagem comum* do ponto de vista geográfico que, sendo geralmente compreendida e aceita, contribui para o nivelamento das diferenças regionais”. Assim, podemos observar o quadro exposto na figura 3:

Figura 3 – Variedades geográficas ou diatópicas



**ABCD:** Limites da comunidade linguística

abcdefgh: Falares locais

Fonte: Preti (2000, p. 24).

Segundo o autor, essa diversidade linguística de cunho geográfico conduz pra uma refutação relevante: *linguagem urbana/linguagem rural*. A primeira estando mais propensa a receber influencia dos fatores culturais pelo contato com escola, com outras culturas e principalmente com os meios de comunicação de massa. A segunda tende a ser mais conservadora por conta de seu isolamento e a ausência de meios de comunicação eficientes, que na maioria das vezes, as comunidades não têm acesso.

As variações nos limites da fala *urbana* e *rural* não são somente recorrentes de fatores geográficos, mas também pela motivação de características inerentes ao falante e ao grupo a



que pertence e pelas circunstâncias que envolvem o ato de fala. Leite e Callou (2002, p. 7) afirmam que

É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade.

Como exemplo, podemos citar a pesquisa realizada por Vieira (2010), que além dos fatores linguísticos, a autora confrontou a realização da vogal pretônica dos falantes rurais (ALES – Atlas Linguístico do Espírito Santo) e de falantes rurais (ALiB – Atlas Linguístico do Brasil). O quadro 1, permite-nos observar a comparação entre a fala dos 70 informantes rurais - ALES (35 pontos) e entre a fala de 08 informantes (01 ponto da capital do Estado).

Quadro 1 – Vogal pretônica /o/ e a zona de procedência

Realizações da vogal pretônica /o/	Na área rural	Na área urbana
[o]	54 (27,3%)	43 (61,4%)
[u]	142 (71,7%)	20 (28,6%)
[ɔ]	–	7 (10,0%)
outros	2 (1,0%)	–
Total	198	70

Fonte: Vieira (2010, p. 139).

Os dados mostraram para a regra de alçamento da vogal média /o/ ocorrência mais relevantes na fala dos informantes da zona rural apresentando 71,7%. Enquanto os falantes da zona urbana tendem a manter a vogal média apresentando 61,4% de uso, ou seja, os dados apontam para maior probabilidade de uso do alçamento, os residentes da área rural do estado. A autora acredita que o resultado presente no quadro está diretamente relacionado ao fator escolaridade, pelo fato de os informantes dessas áreas possuírem no máximo a antiga quarta série, ou 5º ano nos dias atuais.

Carneiro e Magalhães (2009) também verificaram a regra de alçamento nas zonas rural e urbana do município de Araguari, no estado de Minas Gerais e constataram, em seu estudo, que as variações nas vogais pretônicas são mais significativas nos informantes residentes na zona rural. Os referidos autores também acreditam que a escolaridade é a principal influência desse resultado.

Do mesmo modo que a fala pode identificar a identidade do falante, também reflete características diversas de traços sociais condicionadores que habitualmente são correlacionados à variação linguística, tais como: idade, sexo, escolaridade, nível de fala, etc. A essa especificidade dá-se o nome de variação social ou diastrática.

### 1.2.2 Variação Diastrática

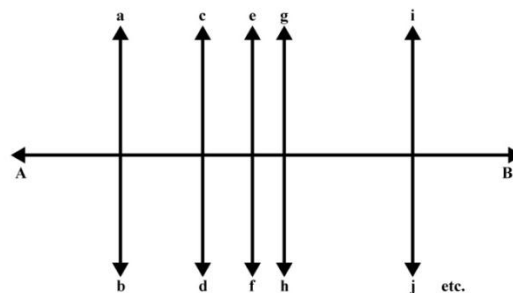
Variação diastrática (do grego *stratos* = camada, nível) está relacionada ao comportamento linguístico dos falantes adotados por determinados grupos sociais que os diferenciam de outros. Essas variações podem ser motivadas por fatores contíguos ao indivíduo (ou ao seu grupo), ou ao contexto ou a ambos sincronicamente. Tais condições podem ocorrer através de:

a) fatores contíguos ao indivíduo (ou ao seu grupo): grau de escolaridade; sexo; faixa etária; posição social; profissão, dentre outros.

b) fatores relacionados à situação: ambiente onde ocorre a comunicação; lugar, tempo, grau de intimidade dos falantes e circunstâncias em que os atos de fala se concretizam; o teor do diálogo, ou seja, conteúdos que podem alterar as emoções do falante, tais como: morte na família, separação, momentos de euforia, etc.

Preti (2000) observa a variedade diastrática ou sociocultural num plano vertical, quando a variante ocorre dentro da linguagem de uma comunidade em particular (urbana ou rural) e no plano horizontal, diz respeito a variante sociocultural, podendo realizar-se em qualquer ponto do eixo geográfico como mostra o gráfico exposto na figura 4:

Figura 4 – Variedades socioculturais ou diastráticas



*AB* - Eixo horizontal das variantes geográficas: *falares urbanos e rurais*.  
*ab, cd, ef, gh, ij etc.* - Eixos verticais das variantes socioculturais. Podem ocorrer em qualquer ponto do eixo geográfico.

Fonte: Preti (2000, p. 25).

Considerando as informações do gráfico na figura 4, podemos afirmar a influência dos fatores geográficos e sociais concernente ao falante ou ao grupo a que se insere. Alkmin (2012, p. 37-39) apresenta exemplos relacionados ao conjunto de fatores sociais, tais como: a) *classe social* - uso de negação duplicada, “você não foi não?”, “eu nem num gostava”; a troca do [r], pelo [l], em encontros de consoantes como em “pranta” (planta) e “broco” (bloco). b) - uso de gírias (“maneiro”, “esperto”, no sentido de avaliar positivamente uma situação, coisa ou pessoa, evidencia a fala de faixa etária mais jovem; a forma fechada como é pronunciada a vogal tônica posterior do vocábulo “senhora” [seˈɲore], em lugar de [seˈɲoreɐ], uma característica encontrada na fala dos mais idosos. c) no fator social sexo - a pronúncia com uma certa duração de vogais em palavras como “maravilhoso”, é um recurso expressivo muito usado por mulheres assim como, os diminutivos das palavras, como “bonitinho”, “gostosinho”, “vermelhinho”. d) situação ou contexto social – a mudança acontece de acordo com o(s) seu(s) interlocutor(es) ou lugar de interação, uma pessoa mais velha ou hierarquicamente superior, por exemplo; dependendo do lugar o falante apresenta modos distintos de falar, seja em um bar ou em um evento formal, em uma conversa entre amigos ou em uma exposição de trabalhos científicos. Isso significa que um mesmo falante se utiliza de meios linguísticos diversos para se comunicar, de acordo com o interlocutor e seu contexto de interação.

### 1.2.3 Variação Diageracional

A questão da idade dos informantes em relação à variação linguística tem sido bastante discutida pelos estudiosos da sociolinguística no Brasil, pois um fator importante nesse processo é o controle desse condicionador para a mudança linguística. No estudo de Emilio Pagotto (2001), por exemplo, mostra claramente a relevância da faixa etária em seus resultados. O autor investigou como se realizavam a pronúncia de consoantes oclusivas alveolares diante de /i/ na fala de Florianópolis, levando em consideração três variantes: não africada (na pronúncia como em [t]ia), africada não palatal (pronunciadas como [ts]ia) e africada palatal (como no caso da pronúncia [tʃ]ia), sendo que, a primeira considerada a mais conservadora e as duas últimas consideradas “inovadoras”.

Segundo Pagotto (2001), os resultados de sua pesquisa revelaram que, com relação à variante [t], 42% das ocorrências foram realizadas pelos falantes entre 15 a 23 anos, os falantes de 25 a 50 foram responsáveis por 66% das ocorrências, e 69% das ocorrências se

realizaram em falantes com mais de 50 anos. Verifica-se, portanto, nesses resultados, uma preferência dos mais velhos a forma mais conservadora (antiga) enquanto os mais jovens preferem a forma inovadora.

É importante ressaltar que, a correlação das variantes linguísticas não deve tão somente fazer referência ao prestígio atribuído pela comunidade, como também, às dimensões externas, ou seja, a forma como essas dimensões sociais estão organizadas em uma determinada comunidade de fala.

#### 1.2.4 Variação Diassexual

A variável sexo também é bastante relevante para a sociolinguística no que se refere à mudança linguística. Scherre (1996), por exemplo, levou em consideração o condicionador em questão, ao estudar “a influência de variáveis sociais na concordância nominal”. Como resultado, o referido estudo apontou que 65% das ocorrências da forma padrão foram realizadas pelas mulheres, enquanto 46% foram efetivadas pelos homens. Nesse caso, podemos dizer que as mulheres são mais conservadoras que os homens.

Muitos estudos nessa linha de investigação apontam que a mulher se mostra mais conservadora que o homem, ela tem preferência pelas variantes mais valorizadas socialmente. Vieira (2011) em seu estudo sobre o apagamento da oclusiva /d/ na perspectiva da sociolinguística, avaliando como a variável gênero (termo escolhido pela autora) se comporta em relação às variantes linguísticas usadas por mulheres e homens, chegou a conclusão que os homens têm uma tendência maior em apagar a oclusiva /d/, confirmando sua hipótese que o uso das variantes inovadoras são lideradas pelos homens. Outro estudo relacionado à variável sexo que podemos considerar é de Mollica, Paiva & Pinto (1989) sobre a supressão da vibrante “r” nos grupos consonantais, como em: problema/pobrema; proprietário/proprietário, na fala carioca. Os resultados mostraram que a utilização da forma padrão (sem a supressão da vibrante) é mais por parte das mulheres.

Prete (2000, p. 27) afirma que “a oposição linguagem do *homem*/linguagem da *mulher* pode determinar diferenças sensíveis, em especial no campo do vocabulário, devido a certos tabus morais (que geram os tabus linguísticos)”. No entanto, essa contradição aos poucos está perdendo sentido, principalmente nos grandes centros urbanos, onde os meios de comunicação em sua totalidade se apresentam de forma constante e as transformações dos costumes e padrões morais com a presença mais constante das mulheres em funções que até

então eram ocupados somente por homens, condições culturais mais evoluídas, os movimentos feministas, dentre outros. Todos esses fatores contribuem para um papel nivelador entre o fator condicionador sexo.

É importante termos em mente que outros condicionadores como o papel que o falante assume em uma comunidade ou nas redes sociais e seu grau de exposição com as mídias, por exemplo, podem ser bastante relevantes para análise de um fenômeno em variação em uma pesquisa sociolinguística. Além disso, considera-se que um mesmo falante é capaz de utilizar diferentes formas linguísticas dependendo da situação em que esse falante se encontra: no trabalho, em um momento de descontração com os amigos, conversando com uma criança, em casa com seus familiares, enfim, o falante tenta se ajustar a situações comunicativas diversas, seja formal ou informal. Nas situações formais, o falante monitora sua linguagem, ficando mais atento naquilo que vai falar e como falar. Enquanto que, nas situações menos formais, a tendência é relaxar, já que, normalmente, usamos o nível coloquial para interagimos com pessoas mais próximas. Podemos chamar esses dois níveis de linguagem de: *registro formal e registro informal ou variação diafásica*.

#### 1.2.5 Variação Diafásica

Variação diafásica (do grego *phasis* = fala) tem uma relação direta com as diversas formas de comunicação e a fatores de natureza discursiva e pragmática que são determinados a partir do uso da língua em seu contexto. Os falantes são levados a se adequar as diversas situações comunicativas, através da variação de registro de língua podendo ser adotado o mais formal ou mais informal.

Em linguística, podemos entender o vocábulo “registro” como a variedade da língua representada pelos fatores sociais, ou seja, são as possibilidades de escolhas que o falante pode estabelecer durante o processo de interação com o outro, seja de forma oral ou escrita. E todas essas escolhas estão atreladas a diversos fatores em com o modo de falar, tais como: ambiente, suporte, interlocutor e intencionalidade. Em uma entrevista de emprego, por exemplo, o falante utilizará em sua fala o nível mais formal, já em uma conversa em roda de amigos o emprego do registro será mais informal, dessa forma o falante pode optar qual estilo usar a depender de sua intenção comunicativa. Em outras palavras, o ato de fala tem uma relação contígua ao momento de sua realização, ao contexto em que é produzido, ao papel em que o falante assume no momento da elocução etc.

O ADDU<sup>4</sup> (2000, p. 11. Apud. CARDOSO 2010, p. 58) afirma que “toda fala é fásica, isto é, se realiza dentro de um estilo e, enquanto houver situações comunicativas e intenções expressivas diferentes, haverá variação fásica, o que significa dizer que sempre existe para o falante a possibilidade de selecionar entre vários registros”.

Ilustraremos como exemplo, o trabalho pioneiro no Brasil considerando fatores estilísticos, de Lemle e Naro (1977, p. 47) sobre a variação na concordância verbal. Os autores chegaram ao seguinte resultado: em contexto familiar e circunstâncias menos formais, os falantes eram menos propensos a realizar a marca de concordância verbal padrão de P6 (3ª pessoa do plural) do que em contextos e situações mais formais, em que a marcação da concordância padrão era mais favorecida.

Vimos até aqui, diferentes fatores condicionadores extralinguísticos que operam em fenômenos variáveis na língua de um povo. Vale salientar que em uma pesquisa sociolinguística, esses condicionadores são controlados simultaneamente, e os resultados de uma pesquisa se tornam mais interessantes quando vários agentes agem juntos. Outro fato que devemos levar em consideração quanto tratamos de influências externas à língua é a relativização dos resultados, pois ao tratarmos de comunidades diferentes, os condicionadores externos atuam também, de maneira diferente. Dessa forma, o tratamento dado pelas variedades sociais vem trazendo resultados significativos para os estudos dialetais, apresentando fatos diferenciados, atuais e significativos para a pesquisa dialetológica.

### **1.3 Sociolinguística: estudo histórico-comparativo**

Antes do surgimento dos estudos sociolinguísticos no século XX, a linguística se limitava ao estudo histórico-comparativo, buscando a correlação sistemática presente entre duas ou mais línguas ao longo da evolução histórica. O objetivo era provar as semelhanças existentes entre as línguas que descendiam de um ancestral comum: o indo-europeu.

A forma de fazer linguística evoluiu com a tradição neogramática a qual foi consolidada com a obra de Hermann Paul com a teoria da mudança. Em sua hipótese sobre a mudança, o teórico levava em consideração, o falante ouvinte-individual, uma fundamentação dissociada dos fatores externos dos quais esse ouvinte participa. Porém a ideia de princípio da

---

<sup>4</sup> Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU). Dirigido por THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. Fasc. A.1. Kiel: Westensee, 2000.

*regularidade* mecânica, chamadas leis fonéticas, e noção de *analogia*, abriram novos caminhos para estudos posteriores.

É Saussure que no início do século XX inaugura uma corrente linguística chamada estruturalismo, rompendo com a tradição dos estudos históricos e comparativos do século anterior. É Saussure quem faz a distinção entre a língua (*langue*) e fala (*parole*). A primeira se ocupará a linguística externa, a segunda, terá a tarefa de descrever o sistema formal, ou seja, uma abordagem indissociável da língua que, em termos Saussurianos (2012), significa afastar “tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema”<sup>5</sup>.

Na década de 1960, nos Estados Unidos, a visão estruturalista é deixada de lado e surge a corrente gerativista fundada por Noam Chomsky. Essa corrente via a língua como um componente inato à espécie humana. Assim como o estruturalismo, a língua era considerada um sistema homogêneo desvinculado dos fatores históricos e sociais. Diante de tais abordagens, concluímos que tanto os neogramáticos quanto os estruturalistas e gerativistas idealizavam seu objeto de estudo como uma entidade homogênea.

Em meio às reflexões anteriores, surgem alguns pesquisadores trazendo novas concepções de língua e linguagem. Meillet, aluno de Saussure, foi um deles, porém, concebia a língua de forma inseparável da história da cultura e da sociedade, afirma Alkmim (2012). Outro estudioso da linguagem que criticou a postura de Saussure foi Bakhtin (1929), pois sua visão de língua e linguagem está ligada à interação verbal realizada nas enunciações. Cohen (1956) em sua obra reconhece a realização dos fenômenos linguísticos variáveis através dos acontecimentos sociais. Alkmim (2012, p. 28) afirma que

o referido autor estabelece um repertório de tópicos de interesse para um estudo sociológico da linguagem, como, por exemplo, o estudo das relações entre as divisões sociais e as variedades de linguagem, que permite abordar temas como: a distinção entre variedades rurais, urbanas e de classes sociais, os estilos de linguagem (variedades formais e informais), as formas de tratamento, a linguagem de grupos segregados (jargão de estudantes, de marginais, de profissionais, etc.).

E congratulando com as concepções de língua e linguagem nas interações sociais, não poderíamos deixar de citar as considerações do linguista francês Benveniste (1963 apud ALKMIM, 2012). Para ele, “é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (p. 28).

---

<sup>5</sup> SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 28. Ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

Pudemos perceber, até aqui, múltiplas concepções no que diz respeito à língua e linguagem. Mas não podemos negar a contribuição de todas elas para a evolução e progresso da Sociolinguística, possibilitando o estudo ordenado da variação e da mudança linguística. E assim, a Sociolinguística começa se consolidar ganhando um rico e produtivo campo de pesquisa.

No entanto, o termo Sociolinguística, fixou-se, como área da Linguística somente em 1964. Com o surgimento de um congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), onde houve a participação de vários estudiosos da relação língua e sociedade como John Gumperz, William Labov, Dell Hymes, John Fischer, Pedro Rona, entre outros. De acordo com Calvet (2002), a partir desse momento, delimita-se o objeto de estudo da Sociolinguística: A diversidade linguística.

Alkmim (2012, p. 31) apresenta um conjunto de fatores sociais, proposta por Bright, que se relaciona com essa diversidade, como segue:

- a) identidade social do emissor ou falante – relevante, por exemplo, no estudo dos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas femininas e masculinas;
- b) identidade social do receptor ou ouvinte – relevante, por exemplo, no estudo das formas de tratamento, da *baby talk* (fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês);
- c) o contexto social – relevante, por exemplo, no estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal, existentes na grande maioria das línguas;
- d) o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre os dos outros, isto é, as atitudes linguísticas.

Vale salientar que a sociolinguística é a continuação dos estudos iniciados no século XX, por Franz Boas - e seus discípulos mais conhecidos - Edward Sapir e Benjamin, a corrente chamada Antropologia Linguística cuja vertente concebia a linguagem, cultura e sociedade como fenômenos inseparáveis.

Com o termo da Sociolinguística já consolidado, em 1964, William Labov trabalha com situações concretas, construindo um instrumento de descrição e interpretação dos fenômenos linguísticos no contexto social, especificamente, de comunidades urbanas investigadas por ele, ou seja, a Sociolinguística desde então, se preocupa em estudar a língua em seu uso real, levando em consideração os aspectos estruturais, sociais e culturais da produção linguística. Mollica (2004) compreende a Sociolinguística como uma das subáreas da Linguística responsável pelo estudo da língua em uso em uma comunidade de fala, voltando à atenção para um tipo de inquirição que estabelece relações entre aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência está presente em espaços interdisciplinares, nos limites



entre língua e sociedade, evidenciando essencialmente os empregos concretos da língua, especialmente os de caráter heterogêneos.

Para Padovani e Sanches (2016, p. 544), a sociolinguística pode realizar diversas pesquisas utilizando diferentes abordagens, a saber:

1. a maneira como os falantes individuais usam a linguagem;
2. como as pessoas usam a linguagem de forma diferente em diferentes cidades ou regiões (variação);
3. como uma nação decide quais línguas serão reconhecidas em tribunais ou na educação (políticas linguísticas);
4. o contato entre as línguas;
5. questões relativas ao surgimento e extinção de línguas
6. multilinguismo;
7. mudança linguística.

Apesar das diversas temáticas abordadas pela sociolinguística, o que desperta o interesse dos estudiosos da área é compreender, principalmente, o modo como os indivíduos usam a língua no contexto sociocultural. Compreendemos a língua não como propriedade do indivíduo, mas como propriedade de uma comunidade na qual esse indivíduo faz parte, se relaciona e interage. A esse respeito, Calvet (2002, p. 56) considera que “Existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento”.

Deduzimos na fala de Calvet (2002) que as atitudes sociolinguísticas se apresentam dentro de um espaço coletivo e de formas variadas. Portanto, não levá-las em consideração, é fazer uma análise sem muita sustentação e insignificante. Essas atitudes estão ligadas às sensações e reações com relação à língua utilizada pelos falantes de uma comunidade. Vale enfatizar que o postulado essencial, nesse campo de estudo, é o de que a variação e a mudança são características inerentes às línguas naturais. Descartando assim, a ideia de a língua ser um sistema homogêneo e estático.

Desde então, a Sociolinguística trabalha com a ideia de que toda e qualquer língua falada por qualquer comunidade demanda sempre variações, tornando-a parte de um conjunto de variedades.

#### 1.4 Sociolinguística variacionista: variedade, variação, variável e variantes

Sabe-se que a língua não é homogênea e que ela veicula a identidade de um grupo, evidenciada principalmente em sua cultura. A linguagem verbal é a manifestação social, revelada em variantes geográficas, socioeconômicas, etárias, de sexo, de grau de instrução, contextuais, urbanas, rurais, etc. Logo, uma vez que ela não se manifesta de forma homogênea, deve ser abordada em toda a sua diversidade.

A língua é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. [...] a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala e da escrita (BAGNO, 2007, p. 36).

Considera-se que preservar a língua é preservar a memória nacional, a qual inclui as especificidades de cada grupo linguístico-cultural que compõe uma nação. Portanto, é ideal que uma língua seja estudada em todas as suas particularidades.

O principal interesse da Sociolinguística Variacionista é revelar como a heterogeneidade ou variação linguística se organiza, se localiza, além de descrever, regional e socialmente, as variedades de uma língua, ou seja, verifica de que maneira os fatores de ordem linguísticos e extralinguísticos estão regulados e sistematizados no uso das variantes em diferentes níveis da gramática de uma língua.

Para os teóricos da Sociolinguística, a língua é compreendida como um sistema heterogêneo, ordenado, contrapondo a ideia de que a língua é homogênea, defendida pela teoria estruturalista. Partindo desse princípio, torna-se possível identificar como uma variante se implementa ou desaparece em uma língua. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 36) sugerem que:

[...] o modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos não só leva a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também suscita naturalmente uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os estereótipos paradoxos contra os quais a linguística histórica vem lutando há mais de meio século.

A luz do pensamento dos autores supracitados, percebemos que só podemos avançar nos estudos da variação quando tivermos preparados para nos despir da ideia de homogeneidade. Portanto, Labov (2008) defende que só é possível avançar com trabalhos sobre variação e mudanças linguísticas, rompendo com os paradigmas acerca da

homogeneidade do objeto linguístico. Nesse viés, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 36) argumentam que:

A solução, se encontra no rompimento da identificação de estruturalidade com homogeneidade. A chave para uma concepção nacional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. Argumentaremos que o domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem haver com multidialetalismo nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue. Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa, a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional.

Nessa perspectiva, Labov (2008) desenvolveu a Teoria da Variação Linguística, tendo como propósito verificar a existência de padrões de usos relacionados às formas linguísticas alternativas denominadas variantes, ou seja, o estudo da variação da língua em seu contexto de uso em situações de falas espontâneas.

Em 1963, o mesmo autor publica um estudo na comunidade da ilha de Martha’Vineyard, Massachusetts/Estados Unidos, destacando o papel crucial dos fatores sociais como relacionados à variação linguística. Labov consegue destacar fatores, defendidos em sua tese, levando em conta os principais fatores: idade, gênero/sexo, origem étnica, ocupação e atitude linguística manifestada pelos vineyardenses, mais especificamente, a frequência e distribuição das variantes fonéticas de /ay/ em palavras como *right, white, pride, wineou wife* e do ditongo /aw/ em palavras como *house, aut, doubt*, dentre outras. A partir deste estudo, fixa-se um novo modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social urbano, conhecido como Teoria da variação ou Sociolinguística Variacionista, de grande impacto para a linguística contemporânea. Mais tarde, Labov (1964) investigou o inglês falado em Nova York, dando ênfase as formas de pronúncias d /r/ pós-vocálico. As formas analisadas foram a presença de /r/ e sua ausência [Ø] em contextos fonológicos idênticos. Labov, em suas análises, descobriu a realização do apagamento do [r] em posição final de palavras, como em *car*, e era visto como variante estigmatizada socialmente. Conforme conclusão do estudo, o pesquisador afirma que quanto mais se usava o [r], mais status tinha o falante, ou seja, seu uso na fala representava a variante de maior prestígio social (TARALLO, 2007). Portanto, a partir das pesquisas labovianas, tornou-se possível compreender fenômenos como a estratificação social do inglês negro em comunidades de Nova Iorque. Quando falamos da Língua Portuguesa, devemos considerar a imensa gama de variedades da língua, tanto no âmbito geral, como no âmbito regional. O português falado no Brasil, por exemplo, constitui um único sistema linguístico, mas caracteriza-se por apresentar

diferentes falares que dão identidade própria aos habitantes de todas as regiões brasileiras. Diante disso, faz-se necessário “voltar os olhos” para esse grandioso fenômeno, que é a linguagem humana, a qual se caracteriza por ser, essencialmente, dinâmica e heterogênea. E são justamente essas características as responsáveis pela diversidade não apenas linguística, mas também cultural, haja vista que língua e sociedade se definem mutuamente (BRITO, 2011).

Conforme Mollica (2015), as variedades podem ser descritas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica e a variação social. A primeira diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço. A segunda está relacionada à forma de organização da comunidade e ao conjunto de fatores sociais e culturais dos falantes como classe social, idade, gênero/sexo, situação ou contexto social. Nesse viés podemos conceber uma ecologia linguística horizontal, presentes em marcadores regionais, e vertical através de indicadores sociais.

Estudos confirmam que as variações sofridas através da língua ocorrem na sociedade de acordo com suas necessidades e exigências em se adequar ao sistema linguístico. De acordo com o *status* e nível socioeconômico, o indivíduo se enquadra em determinada variedade. Aqueles que detêm o maior poder econômico determinam sua escolha como prestigiada, e os falantes das demais variedades, em sua maioria, são vítimas de preconceitos. Gnerre (1998, p. 6) oportunamente afirma que:

Somente uma parte dos integrantes das sociedades complexas, por exemplo, tem acesso a uma variedade “cultura” ou “padrão”, considerada geralmente “a língua”, e associada tipicamente a conteúdos de prestígio. A língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um “*corpus*” definido de valores, fixados na tradição escrita.

Corroborando com o modo de pensar de Gnerre (1998), Faraco (2005, p. 33-34) afirma que:

No caso da sociedade brasileira, por exemplo, as variedades rurais não têm prestígio social; só algumas variedades urbanas (não todas) é que o têm. Essas variedades prestigiadas constituem o que chamamos de norma ou variedade culta; elas representam um ideal de língua cultivado pela elite intelectual, pelo sistema escolar e pelos meios de comunicação social.

Diante dessa antítese sobre prestígio ou estigma de uma determinada variante associada por uma comunidade e reconhecendo os constantes julgamentos de forma

consciente e inconsciente sobre a língua, é importante ressaltar que um grupo de falante pode usar uma determinada variante, podendo reconhecer outra forma ou até mesmo fazer uma alternância entre uma variante e outra. Podemos perceber nos exemplos dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ em algumas regiões do Brasil. O uso desses pronomes, em geral, não é estigmatizado, porém está concatenado a variáveis estilística (grau de intimidade, por exemplo), sociais (faixa etária dos falantes) ou geográficas (dependendo da região).

Weinreich, Labov e Herzog (2006) defendem que toda mudança envolve variabilidade; mas nem toda variabilidade resulta em mudança. Os autores reforçam que as mudanças não acontecem de forma abrupta, mas de modo gradual durante largos períodos de tempo e por áreas geográficas, atingindo partes da língua e não todo seu conjunto. Desse modo, entendemos que a língua está intimamente ligada a uma sociedade que a influencia e que ao mesmo tempo é influenciada por ela. Nesse sentido, Labov (2008) propõe que não devemos focar no que é puramente linguístico se quisermos explicar quais forças agem na língua. Para obtermos bons resultados, devemos levar em consideração todas as peculiaridades das experiências históricas e socioculturais que a língua sofre no seio de uma comunidade de fala. Pois a partir dessas condições é que podemos definir o comportamento linguístico dos falantes. Em nosso dia a dia, percebemos que as pessoas falam de um único modo, seja na escola, no trabalho, no lazer ou em qualquer lugar frequentado por nós, isso acontece porque todos falam a mesma língua, neste caso, a língua portuguesa. Todavia, percebemos algumas características que divergem de um grupo social para outro ou entre determinadas regiões, e até mesmo na fala de pessoas pertencentes à mesma família, de frequentadores da faculdade e da igreja. Essas características que diferenciam um modo de falar de outro, chama-se variedade. Apresentaremos a partir de agora, apresentar os conceitos básicos de variedade, variação, variável e variante.

#### 1.4.1 Variedade

A língua, como já dissemos anteriormente, é mutável e heterogênea, portanto, vive em constante mudanças. Dessa forma, apresenta características nos diferentes modos de falar de um indivíduo ou de um determinado grupo social. Coelho ([et al.] 2015, p. 14) diz que variedade é a “fala característica de determinado grupo”. E essas características estão concatenadas com fatores extralinguísticos como idade, sexo, grau de instrução, classe social, lugar de origem e a situação em que o falante se encontra.

A partir de critérios geográficos, podemos destacar, por exemplo, a variedade manauara, a variedade do nordeste, variedade da zona urbana e da zona rural. E de acordo com os aspectos sociais temos uma fonte inesgotável de possibilidades que nos levam a investigação, tais como: a maneira de falar dos jovens do sexo masculino, entre 18 e 20 anos, com escolaridade acima de 8 anos que vivem em periferias de grandes centros é uma variedade linguística. Outra variedade que podemos considerar é o uso da fala de agricultores, analfabetos que vivem nas zonas rurais do estado do Amazonas. As mulheres mais escolarizadas, acima de 40 anos, que desenvolve uma função na sociedade com renda superior a 10 salários mínimos, moradora do centro sul de uma metrópole, também possui um modo de falar específico, e assim sucessivamente. Isso significa dizer que cada variedade linguística tem características específicas que a diferencia uma da outra. Por exemplo, nem todos os usuários do português brasileiro realizam o “s chiado” (LI[ʃ]TA) e no final de palavras como em (LI[ʃ]TA[ʃ]). De qualquer maneira, o uso dessa ou daquela variação escolhida, não impedirá que seus falantes interajam socialmente.

Essas variedades se encaixam nos níveis padrão e não padrão. A primeira, considerada pela maioria dos falantes, de maior prestígio, usada em situações de maior formalidade; a segunda é empregada nas situações coloquiais, de menor formalidade.

#### 1.4.2 Variação

A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/ representacional, ou seja, “variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1985, p. 8).

A variação ocorre em função dos diferentes níveis linguísticos: *variação lexical* como em <abóbora – jerimum>; <macaxeira – aipim – mandioca>. *Fonético-fonológico* <olho – oio>. No nível *Morfológico*, <calorzão – calorão>; <molequinho – molecote>; e *sintático* <nós vamos – nós vai>; <a gente vai – a gente vamos>, etc.

Alkmim (2012, p. 35), reforça ainda que “qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variação”. Para o sociolinguista, essa variação não pode ser encarada como uma forma marginalizada e tão pouco excluída, porém, deve ser vista como uma grande possibilidade e relevância para os estudos sociolinguísticos. É importante destacar que a variação é intrínseca às línguas, portanto, não implica no bom desempenho do

funcionamento do sistema linguístico e nas diversas formas ou situações que o falante tem de se comunicar.

### 1.4.3 Variável

Chamamos de *variável* as diferentes formas e possibilidades de realizações das variantes. Camacho (2012, p.62) afirma que o termo variável “trata-se de uma classe de variantes que constituem duas ou mais alternativas concretas de uso”. Ao analisarmos, por exemplo, a marcação de plural no sintagma nominal (SN). Temos, portanto, como variável, a marcação de plural (s) e duas variantes linguísticas. A primeira é a presença do seguimento fônico /s/ e a segunda, é a ausência desse seguimento /Ø/, “zero”. Podemos dizer que a variável é um aspecto da língua passível de variação.

Outro aspecto importante de reconhecimento de uma variável linguística é que esta deve se restringir a uma mesma comunidade de fala. O fato de identificarmos modos diferentes de falar em lugares distintos do Brasil, como por exemplo, a pronúncia [‘mezmu] em São Paulo e [‘mezmu] no Rio de Janeiro, não pode ser considerada uma variável linguística, pois se realizam em comunidades de fala diferentes.

O verbo “gostar”, por exemplo, em qualquer variedade linguística, é sempre seguido de preposição, ninguém que utiliza a Língua Portuguesa vai dizer \*<sup>6</sup> EU GOSTO AÇAI. Vale destacar que algumas regras linguísticas não sofrem variação, pois fazem parte do repertório linguístico dos falantes pertencentes a todas as regiões, níveis de escolaridade e classes sociais etc. Essas regras da língua que não são passíveis de variação são chamadas de regras categóricas. Já as regras que se encontram em variação, recebem o nome de *regras variáveis* ou meramente *variável*. E para cada uma das realizações prováveis de uma *variável* é denominada *variante*.

---

<sup>6</sup> (\*) é um termo usado com referência a uma CONSTRUÇÃO linguística que é INACEITÁVEL ou AGRAMATICAL; a forma é então marcada por um asterisco inicial: \* *um garotos saía*. Uma forma com asterisco é aquela que não pode ocorrer na língua. Ver Lyons 1968: Cap.4; Bolinger e Sears 1981: Cap.1. CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

#### 1.4.4 Variante

Coelho ([et al.] 2015, p. 17) reconhece o termo variante como “as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável”. Ou seja, são diferentes formas de realizar um mesmo fenômeno em circunstâncias diferentes. Ilustraremos com o exemplo da variável “transitividade do verbo assistir”. Consideramos duas variantes: a) transitividade direta - Assisti o jogo, e b) transitividade indireta - Assisti ao jogo.

Segundo Coelho (2015, p.17), para que duas ou mais formas sejam consideradas *variantes* é necessário que se cumpra dois requisitos básicos:

1. Elas devem ser permutáveis no mesmo contexto;
2. Elas devem manter o mesmo sentido referencial/ representacional.

Essas variáveis subdividem-se em variáveis dependentes e independentes (ou grupos de fatores).

Podemos dizer que a variável dependente é o fenômeno que nos propomos a estudar; por exemplo, o fenômeno do apagamento nos verbos no infinitivo pode se realizar por meio de duas variantes, ou seja, duas alternativas possíveis e com valores de naturezas semânticas equivalentes que se encontram em “competição”. As variantes são, portanto, a realização efetiva de uma variável e encontram-se sempre em relação de concorrência, na maioria das vezes, são recebidas pela comunidade com valores diferenciados: padrão *vs.* não padrão; conservadora *vs.* inovadoras; de prestígio *vs.* estigmatizadas.

##### a) Variante padrão x variante não padrão

*Variante padrão* é aquela escolhida pelas pessoas considerada socialmente privilegiada, com maior escolarização, ensinada principalmente na escola regida pelos manuais da norma padrão, é ao mesmo tempo conservadora e goza de maior prestígio sociolinguístico na comunidade. Já a *variante não padrão* goza de menor prestígio na sociedade em geral. Por exemplo: quando alguém fala “brusa” e não “blusa”; “ajuntar” e não “juntar”, esse falante está sujeito a sofrer preconceito linguístico.

##### b) Variante conservadora x variante inovadora

Como falamos anteriormente, a variante padrão é sempre a considerada *conservadora* e a variante considerada inovadora é quando uma nova forma linguística desbanca uma forma mais antiga desaparecendo sem deixar vestígios. Um exemplo bastante clássico é a forma do pronome de tratamento “você”, que durante o tempo foi se inovando de “Vossa-Mercê”, “Vassuncê”, “vossemecê”, “vosmecê”, “ocê” e “cê”, fenômeno típico da oralidade. Vimos também essa inovação nos casos de regência tendo como exemplo o verbo assistir. Na



variante conservadora, o verbo assistir é transitivo direto: Assistimos ao filme. Na variante inovadora o verbo assistir passa ser transitivo direto: Assistimos o filme.

c) Variante estigmatizada x variante de prestígio

Variantes estigmatizadas são as escolhidas pela maioria dos falantes às margens de uma cidade grande, zonas rurais, os menos escolarizados, analfabetos, classe baixa, enfim, todos os grupos que se encaixam os menos favorecidos. Exemplo: nas palavras trabalhar = trabaiá; comadre = cumade; fomos = fumo; varrer = barrer. Essas formas que se distanciam da norma padrão da língua são vistas, geralmente, como erradas, inapropriado, feias, etc. mesmo não sendo a variante mais usada pela população. A variante de prestígio é a considerada mais “ideal” por ser a imposta em função das autoridades que detêm relações de poder econômicos e culturais.

O uso de uma ou de outra variante está relacionado a fatores linguísticos internos (estruturais) ou extralinguísticos (sociais). Tais fatores constituem as variáveis independentes. Como o nome sugere, não apresentam uma relação de dependência entre si. Já a variável dependente, tem uma relação de submissão com as variáveis independentes já que são estes fatores que condicionam a forma de sua realização.

### 1.5 Problemas empíricos para a teoria da mudança linguística

Nas pesquisas realizadas em parceria, os autores Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam cinco (5) problemas empíricos que devem ser levados em consideração nos estudos da mudança linguística, caracterizando questões gerais que o pesquisador deve responder em uma pesquisa sociolinguística.

*Problema da restrição:* qual conjunto de mudanças possíveis que pode ocorrer em uma determinada estrutura?

*Problema do encaixamento:* Como as mudanças se encaixam na estrutura linguística e social?

*Problema de transição:* Como as mudanças se movimentam de um estágio para outro?

*Problema de avaliação:* Como podem ser avaliadas as mudanças das estruturas linguísticas e seus efeitos, sua eficiência comunicativa e sua ampla visão de fatores não representacionais envolvidos no falar?

*Problema da implementação:* qual motivo se pode atribuir a implementação das mudanças e porque ocorre em uma língua em uma determinada época e não em outra língua e em outra época?

### 1.5.1 Problema da restrição

O principal motivo desse problema é investigar o conjunto de mudanças possíveis de condições para que essas mudanças ocorram numa dada estrutura. Para este problema, WLH (2006) sugerem que para ter uma possível teoria da mudança, faz-se necessário determinar um conjunto de mudanças e condições que favorecem a mudança linguística, o estudo parte de uma análise de forma detalhada e minuciosa das mudanças em progresso. Como no caso de dois fonemas que está em contato com apenas um sistema de um fonema aglutinado, favorecendo a mudança para o sistema de um fonema. Esses fatores condicionantes podem circunscrever ou pressionar o surgimento de algumas formas e, desse modo, provocar a mudança.

### 1.5.2 Problema do encaixamento

O *encaixamento* está correlacionado à ideia de como um fenômeno linguístico variável se relaciona com outro e quais fatores estilísticos e sociais o condicionam, favorecendo ou inibindo determinadas variantes. Assim, a tarefa do linguista é identificar as causas e os efeitos de uma mudança, as possíveis direções de mudanças linguísticas. Labov (2006) considera o estudo do encaixamento, a área que mais evolui na concepção das causas e dos efeitos da variação/mudança linguística.

Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) apresentam dois aspectos gerais relacionados ao problema de encaixamento: o primeiro está voltado para a concepção de que a variável, sendo um elemento alusivo ao sistema, está relacionada à competência linguística e aos aspectos sociais, ratificando a ideia de que a língua é heterogênea e ordenada, o que faz desabar a falsa visão e o entendimento errôneo de que a fala é caótica e desordenada.

O segundo, diz respeito às correlações dentro do sistema linguístico, onde as variáveis dificilmente se movimentam de um sistema para outro em sua totalidade. Contudo, costumam alterar seu valor de forma lenta e gradual, andando lado a lado com a variante, que

acompanha de forma sucessiva ou discreta a transformação na variável, ou seja, os fenômenos em transformação se encaixam no sistema sem que seja necessário uma mudança brusca, pois o sistema se manterá constituído, de forma que não haja prejuízo na comunicação entre os falantes de uma comunidade. Lembrando que, se não encaixarmos as manifestações das relações sociais com a variação/mudança, certamente teremos uma percepção fragmentada do seu condicionamento. Nesse sentido, Coelho et al. (2015, p. 83) afirmam que “dentro do encaixamento linguístico, também do social, que pode ser observado quando estudos atestam o grau de correlação entre o fenômeno em variação/mudança e a estrutura social (grupo socioeconômico, faixa etária, sexo, escolaridade, etnia etc.)”. O estudo feito por Labov (2008), na Ilha de *Martha's Vineyard*, é um bom exemplo dessa correlação. O autor avaliou a centralização da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/, levando em consideração os aspectos linguísticos e sociais (localização geográfica, profissão, educação e etnia). Tratando-se de encaixamento social, a centralização dos ditongos se revelou na comunidade pesquisada como uma “marca local”, justificada pelos membros de etnia inglesa, residentes da região alta da ilha que tinham como principal ocupação, a pesca.

Podemos concluir que, a relação entre os fenômenos linguísticos e seus fatores condicionadores externos são relevantes e fundamentais para os processos de variação/mudança linguística. E só a partir da observação sistemática desses diferentes condicionadores agindo sobre um único fenômeno é que nos possibilita avaliar como uma mudança se encaixa na estrutura linguística e social.

### 1.5.3 Problema da transição

Procura-se compreender com este problema como as formas em variação/mudança se propagam ao longo de sucessivas gerações e o mecanismo pelo qual essa mudança avança. Segundo Coelho, et al. (2015), este problema compreende a transmissão e a incrementação de um novo aspecto. A transição corresponde ao modo de como uma mudança avança de forma contínua através de sucessivas faixas etárias, e a incrementação diz respeito ao mecanismo pelo qual a mudança progride.

É através deste problema que procuramos entender como as formas de variação/mudança se popularizam passando de um período a outro, amplificando as formas de usos em seus contextos linguísticos, pela propagação ao longo do tempo, pela disseminação entre as faixas etárias e entre os grupos.

A permutação de uma forma linguística por outra pode acontecer entre grupos de faixas etárias diferentes e entre comunidades distintas. E o trajeto pelo qual uma forma é substituída por outra vai depender do prestígio, da imposição estrutural ou pela sua utilidade funcional.

Coelho et al. (2015, p. 84) apresentam, ainda, alguns aspectos do processo de mudança de características diversas presentes no problema da transição, a saber:

**a) a expansão dos contextos linguísticos de uso da variação** - remete a dois princípios antagônicos - a hipótese trazida pelos neogramáticos chamados, *o princípio da regularidade mecânica* e a hipótese de Wang e Cheng chamada, *o da difusão lexical*.

O princípio da *regularidade mecânica* pressupõe o **som** como unidade de mudança. Isso significa dizer que, todas as palavras que contêm um determinado som são atingidas igualmente e de modo simultâneo. Ou seja, foneticamente as mudanças ocorrem de forma gradativa e lexicalmente seria imediata, como mostra o exemplo da monotongação do ditongo decrescente [ey] nas palavras beijo > bêjo, cheiro > chêro, peixe > pêxe etc. Já o princípio da *difusão lexical* prevê como unidade de mudança, a **palavra** e não o som. Nessa situação, as mudanças fonéticas acontecem de forma súbita, enquanto o léxico é atingido paulatinamente. Um bom exemplo desse princípio é o apagamento do [r] dos verbos no infinitivo (amar > amá, beber > bebê, dormir > dormi) ambas inicialmente atingidas pela língua, posteriormente por nomes derivados (namorador > namorado) e nomes simples (professor > professô, mar > má). Partindo desse princípio, as categorias gramaticais são atingidas gradativamente.

**b) Transmissão da variação/mudança de uma geração a outra** – chamada mudança em tempo aparente - envolve duas hipóteses: a primeira é a *reorganização vernacular*, vinculada a aquisição da linguagem das crianças que sofrem influências de seus pares pré-adolescentes que dura aproximadamente até a adolescência, momento em que dá a estabilidade do sistema linguístico, conforme Coelho et al. (2015). Nesse caso, é esperado que pais e filhos apresentem diferenças em sua fala. A segunda hipótese é a chamada *mudança em tempo aparente*. Essa mudança pode ser observada em estudos linguísticos numa comunidade com indivíduos de gerações diferentes, em um determinado período de tempo. Dessa forma, podemos perceber as correspondências existentes, observadas sincronicamente, entre a variável social faixa etária e a variável em estudo. Ou seja, se o uso da variante inovadora for mais recorrente entre a fala dos mais novos, se realizando de forma decrescendo em relação à idade dos grupos mais velhos, possivelmente se trata de uma ocorrência de mudança em progresso.

Possibilitamos uma visualização mais contundente dessa mudança através de um estudo feito por Pagotto (2001, p. 317), sobre a realização do fonema /t/ seguido de /i/ em contexto de palatização, em Florianópolis, considerando a variável faixa etária. Os resultados revelaram que a variante conservadora [t] é mais frequente na fala dos informantes mais velhos, tendo uma queda gradual para a faixa etária intermediária até a mais jovem. As variantes inovadoras [ts] e [tʃ], apontaram mais frequência na fala dos mais jovens. O resultado apresentou também, um aumento regular e progressivo no uso das variantes inovadoras [ts] e [tʃ], o que evidencia característica de mudança em tempo aparente ou mudança em curso na sincronia.

c) **Difusão da variação/mudança em tempo real** – ao contrário do tempo aparente, que observa o comportamento linguístico através de diferentes gerações num mesmo espaço de tempo, (tratamento sincrônico), a mudança em tempo real é captada através das atitudes linguísticas do falante descrito ao longo de diferentes épocas (abordagem diacrônica).

Segundo Monteiro (2000), existem dois métodos elementares de se investigar a mudança de um fenômeno linguístico em tempo real. O mais simples e eficaz é confrontar as variantes em estudo de textos antigos e compará-las com registros mais recentes que reproduza a língua falada de um certo intervalo de tempo. Esses registros podem ser: cartas pessoais, gramáticas antigas, textos históricos, diários, peças de teatro etc. O outro método é considerado mais complexo. O pesquisador deve retornar ao local da pesquisa, depois de aproximadamente uns vinte anos, para estudar os mesmos dados e realizar novas gravações. Não se pode garantir, portanto, que a volta do pesquisador à comunidade tenha êxito, pois o grande desafio é encontrar os mesmo informantes, se há possibilidade de alguns terem morrido ou abandonado o local.

Conforme Coelho et al. (2015), uma pesquisa em tempo real fornece indícios mais contundentes em relação ao processo de mudança do que um estudo em tempo aparente. Enquanto o último evidencia possíveis mudanças, o primeiro possibilita a verificação de estágios parcialmente desenvolvido desse processo.

#### 1.5.4 Problema da avaliação

O problema da avaliação da mudança linguística está concernente à atitude subjetiva e consciente do falante e as formas como cada variável é recebida e aceita pela comunidade. Weinreich, Labov & Herzog (2006). A atitude do falante pode se manifestar em **dois níveis**:

A **avaliação linguística**, quando as formas variantes são usadas efetivamente na interação social, proporcionando ao falante, uma gama de possibilidades para compreender e usar as diferentes variantes de acordo com sua necessidade, levando em consideração alguns fatores como significado social, contexto e características do interlocutor. A **avaliação social** das formas variantes pode ser observada no comportamento do grupo: os participantes de uma comunidade de fala atribuem às formas linguísticas, significado social, podendo partilhar atitudes convergentes em relação à língua em sua avaliação. Essa avaliação pode ser encarada positiva ou negativamente, isto é, se o interlocutor pertencer a uma classe socialmente privilegiada, possuir um grau de instrução mais elevado e exercer uma profissão reconhecida pela sociedade, provavelmente a avaliação dessa pessoa será positiva. Geralmente, a avaliação é negativa quando o indivíduo se apropria de formas linguísticas que não equivale aquela idealizada e prevista nas gramáticas normativas. Para Bagno (2007), a avaliação é fundamentalmente social, ou seja, o que se avalia não é exclusivamente a língua, e sim, a pessoa que a usa e como ela é usada.

Labov (2008) ressalta que, a partir do tipo de avaliação social, alguns elementos estão envolvidos e se integram as noções de indicador, marcador e estereótipo, que podem estar associados a etapas diferentes de uma mudança linguísticas. **Indicador** corresponde aos traços linguísticos relacionados a uma matriz social, podendo haver diferenças entre os aspectos socialmente estratificados como idade, região ou entre a própria comunidade, porém, não manifesta nenhuma forma de variação estilística, aparentando pouca força avaliativa.

Entre os indicadores podemos citar, por exemplo, a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/ na fala atual do português brasileiro, em palavras como *dinheiro/dinhero*, *beijo/bejo*, *cenoura/cenora*, *pouco/poco* (livre de valor social e estilístico). **Os marcadores** por sua vez, estabelecem relações tanto com a estratificação social quanto estilística que poderão ser identificados através de testes de reação subjetiva, mesmo que o julgamento social seja feito de forma inconsciente. Um exemplo simples de marcadores é o uso dos pronomes *tu* e *você* em determinadas regiões, utilizados muitas vezes pela mesma pessoa de forma alternada. Esses pronomes apresentam variação social e estilística. O pronome *tu* costuma ser direcionado a pessoas mais íntimas, familiar, amigos e *você* (segunda pessoa), usado em situações em que a pessoa é desconhecida ou se tem pouca intimidade. Ou seja, o *tu* é empregado em situações mais informais e *você* em situações mais formais, estando diretamente relacionados às variáveis sociais (faixa etária dos usuários da língua) e estilísticas (nível de intimidade dos falantes). **Os estereótipos** são formas socialmente marcadas, de maneira consciente, chegando a ser rotuladas com muita ênfase pela sociedade. Um exemplo

bem claro é a troca da pronúncia do fonema /l/ pelo /r/ em encontros consonantais nas palavras como *planta/pranta*, *problema/probrema*, *Cláudia/Cráudia* etc. Outras situações em que os estereótipos são bastante recorrentes, até com certo exagero, são nas apresentações de programas de humor, nas piadas e em novela quando querem dar ênfase a uma personagem sem muita ou nenhuma escolaridade.

Vale ressaltar que o aparecimento e o fortalecimento das reações negativas podem protelar ou até mesmo impossibilitar a que a mudança linguística aconteça. Nesse sentido, fica claro que os falantes são os responsáveis pela aceleração ou manutenção dos mecanismos de mudança em uma dada comunidade, ao passo que se identificam com eles ou os ignoram. O grau de consciência é um elemento definitivo na mudança linguística, pois a resposta positiva ou negativa proporcionada pelo falante em relação aos aspectos linguísticos que estão em variação/mudança pode ser avaliada a partir dessas atitudes a respeito das diferentes formas de uso de uma comunidade.

#### 1.5.5 Problema da implementação

No problema da implementação é interessante que o pesquisador investigue a que fatores se pode atribuir a implementação (ou atuação) da mudança e por que ela ocorre em determinados contextos linguísticos ou em determinados lugares. Ou seja, busca-se compreender como o sistema linguístico de uma comunidade passa por transformação no percurso do tempo.

Labov (2008) aponta algumas circunstâncias relevantes encontradas ao longo do tempo relacionadas algumas mudanças linguísticas, como por exemplo, em sua pesquisa em Nova York já citada neste estudo, a alteração no comportamento dos nova-iorquinos para com a pronúncia do *r* pode ser entendida como um traço legítimo de uma transformação em sua totalidade de afastamento aos paradigmas britânicos e da Nova Inglaterra em benefício de um modelo americano de propagação na mídia. O referido autor acrescenta ainda, que em um determinado tempo, a variedade de prestígio mais antiga foi redirecionada, ao invés de um “modelo internacional”, tornou-se uma “especificidade regional”. Essa ocorrência, segundo Labov (2008), aparentemente coincidiu com o período da II Guerra Mundial, e alguém pode defender que a vivência militar dos homens, de alguma forma, tenha influenciado nisso. Não é fácil provar. “Tudo o que podemos fazer neste momento é apontar a guerra como a

perturbação social mais proeminente que coincidiu com o período da mudança linguística” (p.364).

Estudos revelam que a implementação pode ser explicada a partir de resultados obtidos de condicionadores linguísticos e sociais relacionando-os ao encaixamento linguístico e social. Nesse sentido, a partir da constatação dos fatores que atuam sobre a mudança, uma explicação poderá ser dada sobre as possíveis causas que a concatenam e o modo como ela vai se implementando nas estruturas contextuais diversas e nas diferentes camadas sociais.

Coelho et al. (2015) aponta dois questionamentos que encaminham para este problema: (a que fatores pode ser atribuído a implementação das mudanças? Por que determinada mudança realiza-se em uma língua em um período e não em outras?). Para responder essas questões norteadoras, o pesquisador deve observar atentamente à necessidade de detectar situações plausíveis para a mudança (*problema da restrição*), os elementos condicionadores e o encaixamento estrutural e social da ocorrência em variação/mudança (*problema do encaixamento*) e etapas de transmissão e incrementação (*problema de transição*) cruzados pelo comportamento subjetivo dos falantes (*problema de avaliação*). Nesse sentido, conclui-se que, as mudanças na língua são consecutivas podendo ser compreendidas em estágios relativamente desenvolvidos, e que uma mudança possivelmente concluída também pode estabelecer estímulos para o início de uma nova mudança.

## 1.6 Comunidade de fala

Para realizarmos um estudo de natureza sociolinguística, é essencial definirmos uma língua e reconhecermos suas variedades. Contudo, é necessário que recorramos a outros critérios, pois saber somente qual variedade estudar, não basta. É fundamental ter em mente o local e quais pessoas representarão o grupo, visto que os falantes pertencentes a esse grupo têm uma relação maior de interação entre eles do que com indivíduos de outros grupos com usos, costumes e normas linguísticas diversas.

A sociolinguística, ao se relacionar com a concepção de comunidade de fala (doravante CF), busca constituir características comuns compartilhadas por um grupo de falantes no intuito de alicerçar suas pesquisas e correlacionar os fatores atuantes na variação e na mudança da língua, ou seja, procura estudar os fenômenos de variação em uma sociedade, com o intuito de compreender como e por que os indivíduos “falam diferentes”, levando em consideração a proposta de analisar fatores linguísticos e extralinguísticos. É importante



lembrar que essa variação não ocorre de forma caótica e assistemática, mas sim, organizadas em padrões preestabelecidos pelas normas linguísticas aglutinadas às necessidades específicas, portanto, a noção de CF é fundamental por ser o ponto de partida para as análises. Mas ao buscar uma definição CF que atenda às necessidades da sociolinguística, os estudiosos desse campo de investigação esbarram num grande dilema: há uma convergência relacionada às definições as quais engloba diferentes pontos de vistas a respeito dessa noção. Segundo Severo (2008), isso acontece pelo fato do conceito de CF está associado aos fatores de aspectos linguísticos, sociais, socioculturais e psicológicos.

Para Labov (1972), os indivíduos que pertencem a uma comunidade não falam da mesma forma, mas compartilham dos mesmos valores e crenças em relação às normas linguísticas vigentes de uma comunidade. Nesse sentido, o referido autor argumenta que a definição de comunidade de fala não tem nenhuma relação de negociação quanto ao uso da língua, porém, seus usuários participam de grupo de regras estabelecidas. Tais regras podem ser analisadas claramente em espécie de comportamentos avaliativos e em uma forma única de modelo especulativo de variação, que com base aos níveis individuais de uso, não variam.

Outros estudiosos trataram da comunidade de fala e agregaram suas contribuições. Bloomfield (1926, p. 42), por exemplo, define de forma CF como “um grupo de pessoas que interagem por meio da fala”. Esse conceito traz a ideia bastante vasta e generalizada sobre o objeto da que a Sociolinguística propõe estudar. Hymes (1972) acredita que CF está relacionado a falantes que compartilham das regras de conduta e interpretação de fala de, pelo menos, uma variedade linguística, ou seja, para esse autor o mais importante é o critério social, pois para ele, somente o estudo das regras gramaticais que regem certo grupo de indivíduos não é suficiente, é necessário o envolvimento das questões sociais. Compactuando com essa ideia, Romaine (1994) acredita que CF é caracterizada como um grupo de indivíduos que não necessariamente compartilha a mesma língua, e possivelmente, nem compartilhe o mesmo conjunto de normas e regras para o uso da língua. Para a autora, a demarcação entre CF é substancialmente social e não linguísticos. Portanto, Bloomfield (1926), Hymes (1972), Romaine (1994) acreditam que as variações linguísticas são motivadas pela interação dos sujeitos nas relações sociais e no próprio indivíduo. Tal interdependência resulta em uma CF heterogênea. E ainda há pensamento como o de Hudson (1996) de que não haja CF em uma sociedade, a não ser como forma de idealização na cabeça das pessoas e não passa de uma busca de definição malsucedida.

Fishman (1972) acredita que para caracterizar uma comunidade de fala um grupo de pessoas possa compartilhar de pelos menos uma variedade linguística e as regras que regem

seu uso. Guy (2001) apoiado na concepção laboviana de CF garante que ela se constitui a partir de três fundamentos básicos: a) Traços linguísticos compartilhados pelos falantes que não sejam identificados em outros grupos; b) Comunicação efetiva entre os falantes; e c) compartilhamento das mesmas normas e regras em relação à linguagem. Com base nesses critérios, é possível reconhecer uma comunidade de fala apenas por meio dos usos linguísticos. Este sendo o que mais se ajusta com o modelo laboviano.

Como pudemos perceber, há uma grande dificuldade consensual dos estudiosos em demarcar limites da CF pelo fato da variação linguística extrapolar a fronteira geográfica e se relacionar de forma diversa socialmente. Ao tentarmos localizar um grupo de indivíduos pertencente a uma comunidade que faz uso da língua de forma diferente de outra comunidade no mesmo espaço geográfico ou social, essa complexidade aumenta. Nesse sentido, levando em consideração a definição de CF defendida por Bloomfield (1926), o município de Envira pertence à comunidade de fala de língua portuguesa como toda população brasileira. Se levar em consideração o espaço sociocultural defendido por Hymes (1972), pertenceria à comunidade de fala do português da região amazônica. E assim, abalizando essa dimensão chegaremos a CF cada vez mais condensada, considerando o critério geográfico, conforme (GUY, 2000) como a CF do bairro São Francisco e da comunidade rural marajá, ambos pertencentes ao município de Envira.

Partindo desta concepção de Labov (1972), ao compartilharmos de valores e normas em uma comunidade de fala, o referido autor a especifica de modo homogêneo, não seu objeto de estudo, mas o *loco* do seu objeto de estudo e a língua é vista como um sistema heterogêneo. Nesse sentido, percebemos que o referido autor para caracterizar CF, privilegia a natureza da consciência das atitudes do falante no que diz respeito às normas gramaticais compartilhadas pelo grupo, não havendo necessidade de os membros de uma comunidade se comunicarem da mesma forma, o importantes é que uma série de avaliações sobre essa comunidade sejam compartilhadas. Em seu estudo em Martha's Vineyard sobre a centralização em /aw/ e /ay/ (LABOV, 1972) é considerado de grande significância social para os indivíduos daquele local e, por isso, a comunidade é vista de maneira uniforme e a particularidade do sujeito não é levada em consideração.

Dentre os que discordam da postura de Labov (1972) está Romaine (1980). Ele não acredita na ideia de homogeneidade da CF, pelo fato das mudanças não acontecem na comunidade de modo geral, por serem ocorrências específicas de cada falante, pois as pessoas interagem com grupos distintos e, por esse motivo, poderão se apropriar de diferentes características linguísticas e valores sociais variados.

Diante de todas as ideias sobre CF supracitadas, as quais bastante relevantes para o entendimento e enriquecimento de nosso estudo, porém decidimos aderir em nosso estudo, à proposta adotada por Labov (1972), que defende a ideia de que a CF é caracterizada por um grupo de falantes que compartilha das mesmas normas e valores e classifica o lugar de seu objeto de estudo como homogêneo. Para nossa pesquisa escolhemos dois pontos de inquérito com o propósito de investigar as diferentes formas de falar do povo dessa região, delimitando apenas para o estudo do apagamento da oclusiva dental /d/ em morfema {-ndo} formador de gerúndio no bairro São Francisco, situado no segundo distrito na cidade de Envira e a comunidade Marajá localizado nas margens do rio Envira. Apesar de a área urbana estudada manter uma distância considerável de sua capital, não sofre um total isolamento geográfico, pois além dos meios de comunicação utilizados pela maioria de seus falantes, a região é fronteira com o Acre e tem acesso bastante facilitado para outras regiões. Porém a área rural é mais preservada por conta de seus moradores se dedicarem exclusivamente para a agricultura e a pecuária, ou seja, duas comunidades com características sócio-históricas e geográficas diferentes.

Nosso interesse, portanto, considerando o conceito de CF de Labov (1972), não é analisar a extensão individual do uso da língua, mas considerar todo o contexto social que envolve o falante de uma comunidade a partir de suas relações com outro. Desse modo, os aspectos linguísticos e sociais são retomados a partir das atitudes e normas compartilhadas pelos seus falantes. Nesse sentido Labov (1972) identifica características que possa considerar o conceito de *lócus* de seu objeto como sendo homogêneo. Mas o objeto propriamente dito, a língua como sistema, é heterogênea. Nessa perspectiva, a homogeneidade está relacionada à consonância na conduta dos falantes resultando em uma comunidade harmônica na qual os indivíduos pactuam em suas avaliações.

### **1.7 Estudos Dialetológicos e Sociolinguísticos na fala amazonense**

Com o nascimento da sociolinguística em 1964, surge uma nova abordagem em relação à concepção de língua a qual passa a considerar o contexto social e a manifestação cultural. Podendo ser definida, portanto, como área da linguística que estuda a relação *língua* e *sociedade*. Nesse sentido, a Sociolinguística e a Dialetologia se agregam fazendo um estudo conjunto envolvendo a geografia linguística e os diferentes fenômenos dialetais.

O Estado do Amazonas sendo o maior em área territorial do país, com 1.559.161,682 quilômetros quadrados, e conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (CENSO, 2010), com uma população de 3.483,985 habitantes, dos quais 2.755.490 vivem na área urbana e 728.495 na área rural, dividido em nove microrregiões: Alto Rio Negro, Juruá-Solimões-Juruá, Purus, Alto Solimões, Juruá, Purus, Madeira, Rio Negro-Solimões, Médio Amazonas e baixo Amazonas, alocados em 62 municípios, incluindo a capital Manaus. Logo consideramos uma região com uma demanda muito grande de variedades dialetais.

Por essa razão, a região em estudo é caracterizada por uma vasta diversidade de culturas, costumes, falares e sotaques, advindos de pessoas de várias regiões do país e do exterior e de nossa herança indígena, portanto, considerada um espaço excelente para pesquisas dialetais. Como resultado deste contexto plural, a atenção de muitos profissionais da linguagem volta-se para estudos sociolinguísticos e dialetológicos com o intuito de documentar a diversidade linguística do português amazônico e especificamente do falar amazonense.

Tanto a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) quanto a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) têm promovido importantes contribuições na pesquisa sociolinguística e geossociolinguística, fortalecendo os programas de Pós-Graduação. A realização ativa destes estudos reflete o grande compromisso dos pesquisadores da área em aprofundar seus conhecimentos explorando cada vez mais esta região tão rica no que diz respeito a seus diferentes modos de falar.

Um dos trabalhos pioneiros de natureza dialetológica, foi de Corrêa (1980), intitulado “O falar do caboclo amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos em Itacoatiara e Silves”, apresentado ao programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica, do estado do Rio de Janeiro. A pesquisadora documentou aspectos relevantes sobre a realização predominante do alteamento do /o/ em posição tônica, em sílaba inicial, medial e final, no falar dos municípios estudados, estabelecendo também uma análise das relações paradigmáticas e sintagmáticas do léxico representativo da cultura cabocla. Por se tratar de um estudo dialetológico, os dados foram coletados “*in loco*”, conversação dirigida e entrevista. A pesquisa contou com 42 (quarenta e dois) informantes, num total de 21 (vinte e um) para cada município.

Outra pesquisa relevante na investigação científica, que serve como instrumento basilar para estudos posteriores foi o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM, 2004), tese de doutorado defendida por Cruz, pesquisadora da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O estudo foi apresentado ao programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de

Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A pesquisadora investigou nove cidades representativas das nove microrregiões do Amazonas: Barcelos (microrregião do Alto Rio Negro), Tefé (Jutaí- Solimões- Juruá), Benjamim Constant (Alto Solimões), Eirunepé (Juruá), Lábrea (Purus), Humaitá (Madeira), Manacapuru (Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas) e Parintins (Baixo Amazonas), controlando como variáveis sociais: sexo, faixa etária e escolaridade (quatro anos de escolaridade). A partir da elaboração do ALAM (2004), foram realizadas outras pesquisas de cunho dialetológico no Amazonas.

Maia (2018) investigou seis municípios da mesorregião do Sul do Amazonas (Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba), defendida em sua tese de doutorado pela Universidade Estadual de Londrina, levando em consideração os aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais. Considerou também as dimensões diatópica, diastrática, diassexual e diageracional, conforme os preceitos da Dialetologia Pluridimensional. O estudo contou com 48 informantes, estratificados em sexo (masculino e feminino), duas faixas etárias (20-35 anos e 50-65 anos) e duas escolaridades (4-7 e 10-13 anos de escolaridade).

A pesquisa apresenta uma amostra do falar sul amazonense através de alguns fenômenos como: (i) a realização fechada das vogais médias pretônicas; (ii) a pronúncia alveolar do /S/ em coda silábica; (iii) a concorrência entre o apagamento e a presença do /R/ em coda final; (iv) a pronúncia alveolar da lateral antes da vogal [i]; (v) a semivocalização e o apagamento da nasal palatal, entre outras características no campo fonético.

Os dados foram coletados através da aplicação do Questionário Semântico-Lexical e Questionário Fonético-Fonológico, resultando na composição do Atlas Linguístico do Sul do Amazonas – ALSAM.

Em níveis de mestrado, destacaremos alguns estudos:

Brito (2011) com a finalidade de contribuir com a pesquisa dialetológica, elaborou com o apoio da sociolinguística, o *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas* (AFBAM), o referido estudo teve como principal objetivo, fazer uma análise fonético-fonológica dos falares de cinco municípios pertencentes a microrregião do Baixo Amazonas: Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Urucará. A pesquisa contou com 06 informantes para cada um dos cinco pontos de inquérito distribuídos no gênero masculino e feminino e nas seguintes faixas etárias: um homem e uma mulher entre 18 e 35 anos, 36 e 55 anos e 56 anos em diante.

Outro trabalho que se insere nas propostas já mencionadas é o de Justiniano (2012) que retrata o Atlas Linguístico dos falares da microrregião do Alto Rio Negro, pertencente à

mesorregião do Norte do Amazonas, tendo como representantes os municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos. Considerando o contexto multilíngue dos povos indígenas presentes na área em estudo, contou-se com os princípios da dialetologia pluridimensional. Para tanto, foram selecionados 06 informantes, com até 5º ano do Ensino Fundamental, bilíngues em língua indígena e língua portuguesa, e faixas etárias entre 18 e 35 anos, 36 e 55 anos e 56 em diante. Ressaltamos que o município de Barcelos ficou fora desta pesquisa por ter sido incluído no ALAM elaborado por Cruz (2004).

Dando continuidade às pesquisas dessa natureza, Gonçalves (2015), com seu estudo sobre o Léxico com migrantes provenientes do interior do estado do Amazonas, mais especificamente Tefé, Itacoatiara e Manacapuru, que vivem em Manaus há pelo menos cinco anos. A pesquisa tem caráter quantitativo e buscou identificar se houve uma mudança da identidade dos migrantes interioranos durante sua vivência na capital do Amazonas. Para sua realização contou com o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), de Cruz (2004).

Outros estudos, em nível de doutorado, com importante contribuição no campo da Dialetologia e Sociolinguística, podemos citar:

- Campos (2009), professora titular do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAM, apresentou sua tese no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), abordando o fenômeno do alçamento das vogais posteriores em posição tônica, observado na fala dos habitantes do município de Borba. Foram estudadas quinze localidades, localizando-se às margens do rio Madeira, exceto três. Duas se localizam em Lagos do Retiro e lago do Acará e a terceira se situa às margens do rio Canumã, afluente do rio Madeira. Foram entrevistados vinte e quatro informantes, dividido em quatro grupos e para cada grupo, foram formados subgrupos com seis informantes cada, estratificados em duas células para fator gênero, e três para o fator faixa etária.

- Azevedo (2013), Professor titular da UFAM, apresentou como tese de doutoramento na Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, o estudo sobre Aspecto do português da Região Norte do Brasil: Um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). Daremos ênfase, portanto, somente ao estudo relacionado a região do Amazonas por abordamos neste momento, aspectos relevantes sobre a fala amazonense. A referida pesquisa está ancorada aos princípios geolinguísticos da Dialetologia Pluridimensional, o estudo foi sobre as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e a variação lexical na região do Médio Solimões no Amazonas. Foram selecionados sete pontos de inquérito nas comunidades da região do Médio Solimões, a saber:

As cidades de Anamá, Coari e Codajás, a vila de Itapeua e as comunidades Ariri, no rio Coari grande, Saubinha no km 13 da estrada Coari-Itapeua e as comunidades da Costa do Juçara, localizada à margem esquerda do Solimões. Foram entrevistados 8 informantes em cada ponto de inquérito, os quais representam o falar do povo amazonense, obedecendo às dimensões gênero, escolaridade e faixa etária, levando em consideração os condicionadores internos e externos da língua.

- Martins (2013), também professora titular da UFAM, que apresentou sua tese ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tendo como enfoque de pesquisa o fenômeno da concordância nominal de número no falar dos habitantes do Alto Solimões. Foram entrevistados 57 informantes em cinco das nove localidades pertencentes à microrregião do alto Solimões (São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa). A referida pesquisa levou em consideração a variável escolarização, gênero/sexo e faixa etária.

Os estudos aqui supracitados estão voltados, sobretudo, para a análise da fala interiorana. Contudo, são somente parte de uma gama de estudos realizados na ótica da Dialetoologia e da Sociolinguística, os quais servirão como bússola para pesquisas em andamento e para futuros trabalhos nessa linha de investigação.

Consideramos, portanto, estudos como esses, fundamentais para compreendermos o modo como uma língua funciona em determinado ponto de uma sociedade, pois sabemos que uma variedade é fruto de uma associação de diversos fatores linguísticos internos e externo. Labov (2008 [1972]) sugere que não devemos considerar somente o que é estritamente linguístico se desejarmos explicar as razões pelas quais uma língua muda, precisamos incluir nos estudos, fatores sociais que possam explicar como a língua se desenvolve na sociedade, considerando que cada variedade decorre das particularidades sócio-histórica e cultural de uma comunidade de fala.

## **1.8 O Gerúndio na perspectiva histórica**

A forma nominal do gerúndio expressa um fato vago e impreciso e apresenta o processo verbal em curso desempenhando funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjetivo<sup>7</sup>. No latim, do ablativo do gerúndio originou-se o gerúndio românico pertencente a uma

---

<sup>7</sup> CUNHA, C. **Gramática da Língua Portuguesa**. RJ: MEC/ FENAME, 1985.

organização morfológica tão complexa que nada se manteve nas línguas românicas. No latim não existia flexão do infinitivo, como em outras línguas indo-europeias como o grego, por exemplo, em seu lugar havia outras formas nominais cujas formas se complementavam e se substituíam, conforme o caso. Assim, descreve Campos (1980, p. 11 [grifo nosso]):

- 1) o **gerúndio**, forma nominal substantiva, que possuía uma flexão de quatro casos, a saber, *genitivo, dativo, acusativo* e pertencia à *voz ativa*;
- 2) o **gerundivo**, forma nominal adjetiva, que se flexionava como os adjetivos de primeira classe e pertencia à *voz passiva*;
- 3) o **supino** em *-um* e *-u*.

Verificamos que há diferença entre o gerúndio e o gerundivo em suas formas de uso, além disso, ainda há mais uma possibilidade de uso do gerúndio nas construções intransitivas e do gerundivo nas transitivas. Essa distinção não era levada em sua totalidade. Vale ressaltar que não deteremos aqui em explicitar o emprego de cada uma dessas formas, pois nosso objetivo é fazer um breve passeio pela história do gerúndio e sua evolução.

O gerúndio do latim clássico até os dias atuais apresentam traços que não se assemelham totalmente. Seu emprego do português arcaico é até certo ponto comparado com o português moderno e contemporâneo, pois nesses períodos podem ser encontrados os tipos mais comuns que compreendem: o circunstancial, o adjetivo, o coordenado e as perífrases. Segundo Campos (1980), nas orações independentes não se observam exemplos de gerúndio. Além disso, no período arcaico certos empregos são menos comuns em relação ao período moderno e contemporâneo.

Campos (1980) considera que as funções do gerúndio não estão totalmente de acordo com os usos que possui a forma verbal românica. Esta não coincidência deve-se ao fato, e, parte, as formas: o gerúndio e o particípio presente, que delimitava o uso do gerúndio do latim. Já no latim vulgar, não houve tanta restrição em seu uso pelo fato do gerundivo e o particípio presente ter encontrado muito espaço na língua do povo. Segundo a autora, a partir do latim vulgar as funções do gerúndio começam a se desenvolver gradativamente, em virtude da ausência quase total de formas verbais das quais se incluem o gerundivo e o particípio presente.

Campos (1980) acrescenta que o gerúndio nos períodos concebidos entre os séculos XVI e XIX apresentou um progresso em suas funções. Entendemos por desenvolvimento de suas funções, tanto o aparecimento de novos tipos que não existiam no período arcaico; como a diversificação e ampliação de uso de outros, cujo emprego era muito restrito naquela fase em que a língua se encontrava no português brasileiro (PB). Dentre suas inovações estão o



gerúndio circunstancial, o adjetivo, o coordenado, o narrativo, o exclamativo, o interrogativo e ainda a perífrase.

*I – Gerúndio Circunstancial:*

(1) “Um avião passa *ruflando*, rumo do Norte” (ML, CM, 238) (*destaque do autor*).

*II- Gerúndio Adjetivo:*

(2) “Vê-se uma chaminé *aflorando* de um barracão de madeira e grandes toros empilhados à margem da corrente” (AV, RIR, XI, 121) (*destaque do autor*).

*III- Gerúndio Coordenado:*

(3) “E sacudiam a pedra dentro do poço, *mergulhando* para pegá-la no fundo” (LR, ME, VI, 14) (*destaque do autor*).

(*mergulhando* = e mergulhavam).

Cunha e Cintra (2008, p. 497) afirmam que “o gerúndio é um processo verbal em curso e desempenha funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjetivo”. Essas funções podem ser vistas, como apresentam os autores, nos exemplos a seguir:

(4) **Metendo** o barco pela terra dentro, é mesmo possível ir mais além (M. TORGA, p. 86) ([grifo do autor]).

(5) Ouvia-se o cantar de carros de boi, **chorando**, de muito longe (J. LINS DO REGO, FM, 146) ([grifo do autor]).

Os autores afirmam ainda, que o gerúndio possui duas formas: simples e composta, que indicam ação concluída e internamente apresentam oposição de aspecto:

Aspecto não concluído – *andando*.

Aspecto concluído - *tendo andado*.

Dentre as formas expressas pelo gerúndio, segundo Cunha e Cintra (2008), destacaremos as construções afetivas, as quais evidenciam ideia de progressão indefinida e se a forma vier repetida, será muito mais evidenciada, como mostra nos passos conduzidos pelos autores.

(6) **Andando, andando**, escureceu-nos (A. RIBEIRO, M, p. 137) ([grifo dos autores]).

Já na linguagem popular o gerúndio, algumas vezes pode assumir uma forma imperativa.

(7) **Andando!** [= Vá andando! Ande!] ([grifo dos autores]).

Andrade (2009, p.63) comunga com a ideia de gerúndio como “forma nominal do verbo, indicada, na Língua Portuguesa, pelo morfema {-ndo}, logo após a vogal temática. Além da forma verbal, exerce a função de adjetivo e advérbio”.

Câmara Jr (2011, p.103) argumenta em seu livro *Estrutura da língua portuguesa*, no capítulo direcionado à *significação geral das noções gramaticais do verbo* que,

entre as formas nominais do verbo é “imperfeito” (processo inconcluso). É morfologicamente uma forma verbal. Mesmo na função de determinar o substantivo (para indicar um processo que nele se passa) não concorda com ele nem em número nem em gênero. Conforme o referido linguista, podemos deduzir que o que caracteriza a conjugação verbal do gerúndio é a marca da vogal temática “uma vogal tônica /a/ para primeira conjugação, /e/ para segunda conjugação e /i/ para a terceira conjugação” (p.109). A marcação para os sufixos flexionais, número-pessoa é evidenciado pelo zero (Ø), já o modo-temporal seguido pela vogal temática é marcado na fala como/ndu/, escrito *-ndo*<sup>8</sup>.

O que pudemos observar com relação às abordagens dos autores sobre a evolução da participação do gerúndio do período arcaico até nossos dias, é que cada fase apresenta características próprias que a definem em seu percurso lento e gradual em direção ao período contemporâneo. Desse modo, todos os empregos encontrados nos períodos anteriores ainda em forma embrionária passam por uma pequena ampliação no período contemporâneo, surgindo novas perífrases e assim passam a desenvolver-se o gerúndio narrativo e variantes, o exclamativo e o interrogativo, o adjetivo e o coordenado. Vale ressaltar que independente das diferenças de características de usos do gerúndio de cada uma das fases da nossa língua, também há pontos convergentes entre elas. Como explica Campos (1980):

- 1) A existência de quatro tipos de gerúndio, a saber, o circunstancial, o adjetivo, o coordenado e as perífrases.
- 2) A ausência do participípio presente como forma verbal viva em que se pudesse usar em lugar do gerúndio.

Tanto as características que divergem quanto as que se assemelham são importantes para o estudo do gerúndio nos dias atuais, pois trarão grande contribuição para sua compreensão de seu uso em diferentes épocas. A partir desse momento, falaremos diretamente sobre uma parte particular que é sobre o apagamento do morfema formador de gerúndio.

---

<sup>8</sup> Notação utilizada por Câmara Jr. (2011), no nosso trabalho, optamos pela notação original - *ndo*.

### 1.8.1 O fenômeno do apagamento /d/ no morfema {-ndo} formador de Gerúndio

Em uma comunidade todas as pessoas que falam uma língua, mesmo que não tenha frequentado a escola, possui noções elementares de estrutura do funcionamento dessa língua. No entanto, essas estruturas básicas estão suscetíveis a variações devido à influência de fatores linguísticos ou sociais. Como as diferenças sociais refletem na linguagem, dependendo do grau de escolaridade, sexo, idade, origem geográfica, etnia e situação socioeconômica, haverá diversas variantes na língua. Essas diferenças podem ser em diversos níveis como: fonético-fonológicos, sintáticos, morfológicos, semântico, lexicais dentre outras. No caso da proposta em questão, estudaremos os fatores condicionadores das ocorrências das variantes [-*ndu*] e [-*nu*] nas formas verbais de gerúndio na fala envirense.

Faremos um levantamento de alguns trabalhos que abordam a redução do morfema de gerúndio no Português Brasileiro (PB), mas antes, discutiremos sobre o processo pelo qual o apagamento está envolvido.

Alguns estudiosos usam o termo “assimilação” para explicar quando um segmento se torna semelhante a outro, adotando traços de um segmento vizinho. Nascente (1953, p. 67), citando Coimbra (1950, p. 32), indica que, na assimilação de /também/ ~ /tammém/ ~ /tamém/, considera-se um delongamento do véu palatino, que não abaixa logo após a articulação do /m/ possibilitando que a o /b/ também seja nasalizado; em seguida simplifica o /mm/ duplo. O detalhamento desse processo também pode servir de base para na descrição do processo de apagamento do /ndo/ ~ /nno/ no morfema formador de gerúndio.

De acordo com Bagno (2007), a supressão da oclusiva dental /d/ em final de vocábulos como “estudando”, “pensando”, por exemplo, acontece porque o /n/ e o /d/ são consoantes que compartilham algumas semelhanças no ponto de articulação (as duas são oclusivas alveolar), ocorre o que é chamado nos, estudos fonéticos, de *assimilação*, isto é, ocorre uma modificação em um fonema que o torna semelhante ao outro. Nesse sentido, o autor considera que:

O /d/ que é assimilado pelo /n/. Disso resulta, primeiramente, uma consoante dupla /nn/, que logo se simplifica em /n/. Esse é um traço gradual do português brasileiro, porque mesmo os falantes mais escolarizados tendem a pronunciar, na fala menos monitorada, a terminação dos gerúndios como [-n<sup>d</sup>u], com um /d/ muito fraquinho, ou fracamente como [-nu] (BAGNO, 2007, p. 214).

Este fenômeno, enfatiza o referido autor, não é exclusivo do português brasileiro, pois em escritos do século XVI, em uma região de Portugal denominada Beira Alta, foi possível

encontrar a assimilação - nd- > -n- em textos escritos. Bagno também destaca que em alguns dialetos italianos e também no catalão, a ocorrência de assimilação é bastante comum.

Câmara Jr. (1970, p.87) ressalta que com relação à evolução da língua portuguesa, a assimilação teve um papel importante, por atuar em fenômenos de sonorização, vocalização, palatização e ainda no fechamento do timbre da base de um ditongo decrescente assimilada pela semivogal (/aw/ > /ôw/, /ay/ > /êy/. Para o autor, quando os traços articulatórios dos fonemas se propagam ao outro é chamado de assimilador ou fonema forte; o outro vindo a ser, assimilado ou fonema fraco.

Conforme Collinschonn (2006), na língua portuguesa existem vários casos de assimilação, como por exemplo, o caso de vogais que se tornam nasalizadas quando seguidas de consoante nasal, fricativas que tornam-se vozeadas porque estão seguidas de consoante vozeada, consoantes que se palatizam porque estão seguidas de vogais com característica ‘palatal’. A autora afirma ainda que quanto ao processo de apagamento, existem outras realizações de apagamento sistemático no português contemporâneo: /r/ no final de formas infinitivas dos verbos, /s/ em final de substantivos e verbos, monotongação (caso de [fera] por *feira*), dentre outros.

Perini (2010) sustenta que o morfema de gerúndio *-ndo* do português padrão é frequentemente pronunciado em Minas Gerais e em outras regiões, fazendo essa substituição do [d] pelo [-no]. Para ele

essa redução é morfológicamente condicionada (não é resultado de uma regra fonológica), pois só afeta esse sufixo; outras palavras terminadas em *-ndo* mantêm o [d]: *quando*, *Fernando*, *lindo*, *dividendo* não se pronunciam *\*quano*, *\*Fernano*, *\*lino*, *\*divideno*. *Vendo* pode se reduzir a *veno* se for se for o gerúndio de *ver*, mas não se for o presente de *vender* (p. 353).

Muitos autores já se debruçaram sobre a temática ora abordada para descrever a variedade do PB. Essa ocorrência de assimilação do /d/ em morfema de gerúndio no português brasileiro não é recente, temos conhecimento desse fenômeno a partir dos estudos de Amaral (1920). Ao evidenciar o dialeto caipira, o referido autor já observava em suas análises a realização de tal fenômeno, ou seja, a assimilação do /nd/ > /n/ como marca da variedade não padrão. É notório, porém, que a maneira mais comum não é a que aí fica registrada, mas – *a forma de gerúndio, proposta ao infinitivo “estar”*, que tem o mesmo sentido, e é de uso coloquial: “Aquela torre parece que *tá quereno* cá” (IBIDEM, p. 159). Marroquim (1934), com seu estudo sobre variação nas cidades do nordeste, mais exatamente

em Alagoas e Pernambuco, identificou, nesses dialetos, o fenômeno de assimilação nos grupos /rl/, /mb/ e /nd/: ‘Ca[r]ro’ (*Carlos*), ‘ta[m]ém’ (*também*), ‘corre[no]’ (*correndo*). Segundo o mesmo autor (1934), antigamente, alguns autores atribuíram a este fenômeno a influência africana operada no grupo /nd/, porém, o autor tem outra opinião:

Não creio entretanto nisso. Os africanos teriam sentido dificuldades em pronunciar o grupo, e, por menor esforço, tê-lo-iam modificado, como o simplificou pelo mesmo motivo o resto da população, sem que uns imitassem outros. No grupo dialetal aquilano-umbro-romano dá-se o mesmo fenômeno, outrora mais generalizado na Itália, sem suspeita de influência africana (p. 86).

Coutinho (1967), no entanto, ratifica a tese da influência da língua africana, e se pronuncia:

Essas formas profundamente alteradas, esse vocábulo comum e rústico, essa construção viciadíssima, que caracterizam o falar do nosso roceiro, estão a testar, em grande parte, a sua procedência africana, indiana ou afro-indiana, como por exemplo, amô (amor); fio (filho); quano (quando); andano (andando); tamém (também).

Seguindo a mesma ideia de Marroquim (1934), Silva Neto (1952) salienta que as mudanças ocorridas em /nd/ em /nn/, /mb/ em /m/, /ld/em /ll/ existem há muito tempo e que tais assimilações podem ser verificadas em qualquer espaço ou tempo, mas que por singular coincidência, ocupam áreas homogêneas no norte da Península Ibérica e no sul da Itália. Assim tais fenômenos se explicariam pela influência do osco-úmbrio, substrato das áreas italianas e elemento demográfico significativo na colonização do norte da Hispânia.

Outros estudiosos propõem para a realização reduzida de gerúndio como em ‘anda[nu]’ para *andando*, o favorecimento pelo segmento nasal ter o mesmo traço de ponto de articulação da consoante /d/ próxima.

Cristóvão Silva (2014) apresenta em seu estudo, alguns aspectos de mudanças na organização da sequência sonora do português de Belo Horizonte e investigou a interação entre processos fonológicos em algumas variedades do português brasileiro como em ‘faze[nu]’ e ‘dança[nu]’ para (fazendo e *dançando*, *respectivamente*) em que há a ocorrência da assimilação do /d/ pelo /n/. A autora ressalta ainda que esse processo só se aplica às formas de gerúndio e que não há mudança de organização interna em relação ao léxico. Segundo afirmação da autora:

Quando temos [falãdu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente e /do/ ocorre como a sílaba final. Quando temos [falãnu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente, mas a consoante nasal irá também ocupar a posição de consoante inicial da sílaba final. (CRISTÓFARO SILVA, 1996, p. 61).

Não são encontradas muitas pesquisas sobre o apagamento ou assimilação do morfema de gerúndio {-ndo} na perspectiva da sociolinguística Variacionista e menos ainda no viés da geolinguística. Abordamos, de forma sucinta, alguns dos estudos que mais se aproximam da nossa pesquisa. Vieira (2011), por exemplo, estudou o apagamento de /d/ na fala na região de Taboco, Mato Grosso do Sul. Participaram dessa pesquisa 16 informantes sendo 4 homens e 4 mulheres com idade entre 15-35 anos; 4 homens e 4 mulheres acima de 50 anos, com até o Fundamental completo. Os resultados foram alcançados através de entrevistas semiestruturadas. Apesar de a pesquisa ter investigado variáveis linguísticas e sociais, a ênfase do estudo está na atuação na variável gênero com relação ao fenômeno do apagamento da oclusiva /d/. Em sua pesquisa, a autora levou em consideração as variáveis linguísticas: classes morfológicas, contexto fonético-fonológico precedente e seguinte e extensão do vocábulo. Dentre as variáveis sociais estão: gênero, faixa etária e nível de escolaridade.

Segundo Vieira (2011), os resultados dos dados analisados em seu estudo, revelam que o fenômeno de apagamento do /d/ indica mudança em progresso. Além do mais, a correspondência das variáveis gênero e faixa etária tem ligação estreita com os fatores externos, apresentando, porém, uma forte semelhança no apagamento do /d/ na prática de falantes mais jovens e mais idosos. No que concerne ao fator gênero, com relação ao uso da língua, o estudo comprovou que as mulheres são mais conservadoras e os homens mais inovadores.

Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) também se dedicaram ao estudo da redução do gerúndio no falar de Fortaleza sob a ótica da Sociolinguística Variacionista. As referidas autoras analisaram os seguimentos em contexto fonético anterior e subsequente ao grupo /ndo/ e a extensão do item lexical portador desse morfema. No contexto social, foram investigadas as variáveis: escolaridade, faixa etária e gênero/sexo dos informantes. As amostras dessa pesquisa foram coletadas do banco de dados do projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). Participaram do referido estudo, 24 informantes estratificados em dois gêneros (masculino e feminino), dois níveis de escolaridade (nível 1- de 0 a 4 anos de estudo e nível 2 - de 9 a 11 anos) e três faixas etárias (com idade entre 15 a 25 anos, 26 a 49 e a partir dos 50 anos). Segundo os autores, como o estudo é de natureza

fonética, foi utilizado o Diálogo entre Informantes e Documentador (DID). Conforme os pesquisadores, os dados analisados que evidenciaram os aspectos elegidos para o apagamento do morfema /ndo/, no falar popular de Fortaleza, estão dispostos por ordem de relevância, a saber: escolaridade > faixa etária > contexto fonético antecedente > gênero > contexto fonético subsequente.

Diante das análises, o referido estudo apresentou a seguinte conclusão:

- somente os falantes com baixa escolaridade beneficiam o apagamento da oclusiva;
- os mais jovens não privilegiam o apagamento;
- o contexto fonético antecedente quando se trata das vogais /e/ e /a/ favorecem o pagamento;
- as mulheres são aliadas da regra, ou seja, beneficiam o apagamento, ao contrário dos homens;
- no contexto fonético subsequente as consoantes com traços fonéticos característicos aos apresentados no morfema /ndo/, são aliadas da regra.

De forma bem concisa apresentamos o estudo sobre o gerúndio – a transformação de [nd] em [n] no português falado na região de fronteira realizado por Martins e Bueno (2011). Essa pesquisa foi realizada a partir de dados coletados da fala de 12 informantes de Dourados e Ponta Porã – MS (cidades fronteiras com Paraguai), estratificados em: 2 gêneros (homens e mulheres), 2 faixas etárias ( de 20 a 50 anos e de 51 em diante), 2 níveis de escolaridade (analfabeto e alfabetizado até o fundamental). Diversos fenômenos de variação foram realizados, porém destacamos somente a forma reduzida de gerúndio a qual apresentou em seus resultados maior índice de ocorrências. Dentre essas ocorrências, verificou-se que a forma reduzida na fala das mulheres foi mais produtiva; os falantes entre a faixa etária de 20 a 50 reduzem mais que os falantes de 51 em diante; e os não escolarizados tiveram maior índice na redução do gerúndio.

Selecionamos também o estudo feito por Ferreira (2010), no intuito de recolher o máximo de resultados possíveis sobre o fenômeno do apagamento da oclusiva /d/para agregar no desenvolvimento de nosso trabalho. A pesquisa investigou o comportamento da variável do gerúndio na fala de São José do Rio Preto (SP), à luz da Sociolinguística Variacionista. O corpus foi extraído do banco de dados de Iboruna, composto por 76 narrativas de experiências pessoais, estratificadas conforme características dos falantes: 2 gêneros (masculino e feminino), 5 faixas etárias (7 a 15 anos, 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e a partir de 56 anos), 4 níveis de escolaridade ( Fundamental – séries iniciais), (Fundamental séries finais), (Ensino Médio), (Ensino Superior) e renda familiar (de até 5 salários mínimos e de 6 a 10). Além das

variáveis sociais citadas anteriormente, a autora considerou também, as variáveis linguísticas: Estrutura sintática, Tipo de V1 da perífrase e Material interveniente entre V1 e V'ndo'.

De acordo com a autora, os fatores sociais em seu estudo foram mais determinantes que os linguísticos para a regra do apagamento. No que tange ao gênero/ sexo, o homem é o que mais favorece para o apagamento. Com relação à escolaridade, quanto menor o grau maior a probabilidade de apagar o /d/ em morfema de gerúndio. O resultado da análise apresentou que a faixa etária entre 26 e 35 anos é a que mais contribui para o apagamento da oclusiva. A autora sustenta que

[...] em razão de a aplicação da regra na variedade estudada ser alta e de os informantes mais jovens usarem com maior frequência a variante não padrão e os mais velhos preferirem a forma padrão, as variantes com morfemas de gerúndio reduzido podem ser consideradas formas inovadoras e sua estratificação na comunidade de fala de São José do Rio Preto aponta para uma mudança em tempo aparente (FERREIRA, 2010, p.125).

Com relação ao contexto linguístico, a variável estrutura sintática mostrou-se mais produtiva, pois quem mais contribuiu para o apagamento da oclusiva /d/ foi a justaposição com 92%. E a variável contexto ambíguo manteve a forma considerada conservadora com 57%.

Percebemos nos estudos aqui descritos que seus resultados em alguns fatores se divergem. Na análise da pesquisa de Ferreira (2010), no fator gênero, o homem se mostrou mais produtivo no apagamento do /d/ em morfema de gerúndio e improdutivo na amostra de Nascimento, Araújo e Carvalho (2013). Quanto à escolaridade, Martins e Bueno (2011), Ferreira (2010) e Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), apontam para o mesmo caminho: há uma forte tendência para o maior uso do apagamento da oclusiva pelos falantes do sexo masculino. Quanto à faixa etária, os estudos de Martins e Bueno (2011), Ferreira (2010) apontam uma tendência maior nos falantes mais jovens.

Apoiado em pesquisas como essas, procuramos analisar de forma autêntica, “o fenômeno do apagamento /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio na fala envirense”. Nesse estudo, adotaremos “apagamento”, já consagrado por alguns estudiosos que investigaram o mesmo fenômeno proposto em nosso estudo. O termo “apagamento” foi utilizado para designar o processo de supressão do /d/ no morfema de gerúndio {-ndo}. Conforme Cagliari (2002), a regra de eliminação ocorre quando há a omissão de um segmento do morfema formador de gerúndio. Nesse sentido, pretendemos analisar o apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema formador de gerúndio na fala envirense, levando em



consideração as variáveis linguísticas: a extensão do vocábulo, a conjugação verbal e; variáveis extralinguísticas: o sexo, escolaridade, faixa etária e a zona (rural e urbana). Tais variáveis serão apresentadas mais detalhadamente nos aspectos metodológicos.

### **1.9 Norma Linguística em estudo: definição**

As variações linguísticas se manifestam de diferentes maneiras. Nesse sentido, o problema das variedades linguísticas no plano diatópico ou diastrático, nos leva a refletir sobre a forma como determinadas variações se consolidam em determinados grupos, transformando-os a ponto de apresentarem particularidades e serem distinguido de outros grupos. Daí surge o questionamento de como se manifestam e se mantêm as “leis” linguísticas, internalizadas nos falantes de uma determinada comunidade, passando de geração em geração, considerada ideal e atendendo as necessidades comunicativas desse grupo. A essa forma coesa no comportamento linguístico do grupo em uma comunidade como se adquirida através de seus antecessores, indicando a melhor forma de comunicação dentro de seu espaço geográfico e social, como se fosse “lei” ou norma, Preti (2000, p. 47) define como “o fenômeno que se estuda sob a designação de *norma linguística*”.

A concepção de norma surge como forma de depreender a heterogeneidade característica das línguas. Faraco (2008, p. 40) define norma como “o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade”. Nesse sentido, a norma linguística pode ser entendida como o conjunto de usos, atitudes e valores socioculturais combinados aos aspectos linguísticos compartilhados por determinadas comunidades de fala. O referido autor considera ainda que

Em geral, a fixação de um certo padrão responde a um projeto político que visa impor uma certa uniformidade onde a heterogeneidade é sentida como negativa (como “ameaçadora de uma certa ordem”). Foi esse o caso do Brasil no século XIX em que certa elite letrada, diante das variedades populares (em particular do que se veio a chamar pejorativamente de “pretoguês”) e face a um complexo jogo ideológico (em boa parte assentado em seu projeto de construir um país branco e europeizado) trabalhou pela fixação de uma norma-padrão. Essa norma, no entanto, profundamente dissociada das variedades cultas efetivamente praticadas no Brasil, nunca se tornou de fato funcional. No entanto, tem servido, por mais de um século, de instrumento de violência simbólica e discriminação sociocultural (FARACO, 2008, p. 172).

Nessa perspectiva é possível inferir que fatores alheios à uma comunidade pode interferir na inserção dos usos ou normas linguísticas de um ou mais grupos de falantes. É importante que essa comunidade reconheça que uma língua é composta por diversas normas, dentre elas podemos citar as normas usadas pelos mais velhos, pelos jovens, normas que caracterizam a fala dos alfabetizados, as dos analfabetos, das comunidades rurais e comunidades urbanas, dentre outras. Podemos dizer que, de certa forma, nos apropriamos de mais de uma norma, já que fazemos parte de mais de uma comunidade de fala.

Por essa razão, a língua apresenta uma infinidade de variedades, da mais formal a mais coloquial, em diversas situações de uso: na fala, escrita, conversa informal, textos literários, discursos, em diferentes situações e níveis. Segundo Rodrigues (2002), essa gama de variedade pode ser entendida de duas maneiras:

1) Padrão ideal – como o próprio nome já diz, é a regra de comportamento idealizada, espera-se que o falante realize em determinadas situações conforme as normas estabelecidas e definidas especificamente por uma determinada cultura. E pode ter a seguinte classificação:

- i) *compulsório*: está relacionado ao um único comportamento imposto e concebível;
- ii) *padrão preferencial, típico ou alternativo*: são as formas mais frequentes e aceitas pelos falantes;
- iii) *padrão restrito*: quando somente uma parte da comunidade aceita determinado comportamento linguístico.

2) Padrão real: origina-se por meio da observação a maneira como as pessoas realmente agem em diferentes situações.

Muitas vezes essa variedade padrão ideal pode estar em harmonia com determinado dialeto de uma região e, pertencerem a grupos sociais com as mesmas condições socioeconômicas, em geral, tende a ser a variedade de maior prestígio. O padrão real ou comportamento real de uma comunidade, só pode ser percebido em sua totalidade mediante o uso da língua em fala espontâneas, mas quando os membros dessa mesma comunidade percebem que estão sendo avaliados em relação a língua padrão, percebemos a mudança de comportamento do uso real para o ideal. Em outros casos, tais normas podem se interligarem a todo momento fazendo com que o indivíduo tenha a necessidade de se ajustar as exigências de cada situação comunicativa exigida e levando o falante a concatenar uma norma a outra.

Nesta pesquisa, a norma em observação está relacionada aos padrões de uso aplicados em questões morfofonológicas, uma vez que um elemento do morfema é apagado e há também perda de fonema. Não é nossa intenção, neste estudo, delinear parâmetros valorativos em relação à norma padrão, mas para estabelecermos indicadores para a descrição da

distribuição regular e da frequência, precisamos de delimitadores. As normas da língua portuguesa se estabelecem, segundo Sautchuk (2010), a partir de alguns aspectos linguísticos, tais como: morfemas e palavras, fonemas, sintagma nominal e sintagma verbal e semântica. A autora afirma que

A língua [...] tomada com um código composto de unidades e de leis que as ordenam e regulamentam, realiza-se mediante a interação e perfeita harmonia entre todos esses aspectos e não compartimentadas por eles. Todo usuário da língua concretiza seus atos de fala e exerce sua competência comunicativa, produzindo textos orais e escritos, a partir dessas unidades e orientado pela força intrínseca das leis fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que as organizam ou que as autorizam (SAUTCHUCK, 2010, p. 2).

Trataremos da definição dos princípios básicos que norteiam as variáveis morfofonológicas em análise nesta pesquisa:

a) Morfema: é considerada a menor unidade de funcionamento na composição de palavras. O termo surgiu como alternativa para a noção de palavra que se mostrou insuficiente na comparação entre línguas, além disso, as palavras possuem uma estrutura bastante complexa, e havia uma grande necessidade de um único conceito para inter-relacionar noções como raiz, prefixo, palavra composta, etc. Segundo CRYSTAL (2000, p. 174), os morfemas geralmente são classificados em **formas livres** (morfemas que podem ocorrer em palavras separadas). A palavra *infelizmente* consiste de três morfemas, *in*, *feliz*, e *mente*. Neste caso, *feliz* é uma forma livre. As **formas presas** (morfemas que só podem ocorrer presos a outros – em geral AFIXOS). Os morfemas *in* e *mente*, de *infelizmente*, pertencem às formas presas.

Os morfemas *lexicais* ou *lexemas* constituem *classes abertas*: adjetivos, substantivos e verbos; *morfemas gramaticais* integram *classes fechadas*: prefixos, sufixos, desinências artigos, preposições. E podem ser *derivacionais* (prefixos e sufixos), *categóricos* (desinências nominais e verbais), *relacionais* (preposições, conjunções, pronomes relativos) e *classificatórios* (vogais temáticas).

b) Gerúndio: forma nominal do verbo, indicada, na Língua Portuguesa, pelo sufixo -ndo, logo após a vogal temática. Além da forma verbal, exerce a função de adjetivo e advérbio.

**Anoitecendo**, partiremos. (= à noite)

Água **fervendo**. (= fervente)

Ferida **ardendo**. (= ardente)

No caso do estudo em questão sobre apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema de gerúndio, podemos encontrar a seguinte descrição:

Padrão ideal: na norma modelar deve-se manter a oclusiva /d/ em morfema de gerúndio, como em: *cantando*, *andando*, *correndo*, *amando*, *vendo*, etc.

Padrão real: a regra da manutenção é respeitada ou pode ocorrer o apagamento da oclusiva, como no caso de: *cantano*, *andano*, *correno*, *amano*, *veno*, *cantando*, *andando*, *correndo*, *amando*, *vendo*, etc.

Não queremos com as noções de norma padrão aqui expostas, prestigiá-la em detrimento de outra, pois nenhuma norma representa a língua portuguesa em sua plenitude. Para Faraco (2008, p. 41) “uma norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas”. A tendência dos falantes pertencentes a uma comunidade linguística é se condicionarem às normas linguísticas e princípios socioculturais desse lugar, mas quando há necessidade de identificação com outros grupos as pessoas procuram se adequarem a outras normas.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção, estão descritos os procedimentos metodológicos percorridos durante nossa pesquisa, pois tínhamos o intuito de averiguar de onde surgiam as prováveis causas da variação morfofonológica examinada na fala envirense. Foram coletados dados sonoros dos informantes moradores de dois pontos de inquérito: bairro São Francisco e comunidade Marajá, ambos pertencentes ao município de Envira, interior do Amazonas. Nossa intenção é evidenciar o fenômeno do apagamento de /d/ no morfema {-ndo}, resultando na formação [-nu] ou na manutenção de /d/, realizando-se o morfema {-ndo} como [-ndu], ocasionando as formas concorrentes [-ndu] e [-nu].

Com o propósito de investigar questões diatópicas e diastráticas, nossa pesquisa está ancorada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística e da Dialectologia Pluridimensional. Buscamos apoio também de outras pesquisas já realizadas nesse viés como em Marroquim (1934); Amaral (1920); Cruz (2004); Margotti (2004); Azevedo (2013); Corrêa (1980), dentre outras.

Consideramos tanto o eixo horizontal (zona urbana; zona rural) quanto o vertical incluindo as variáveis diastráticas como: sexo; faixa etária; escolaridade, através do estudo *in loco* e as variáveis intralinguísticas: conjugação verbal e tamanho da forma verbal. Temos então, uma pesquisa de caráter quantitativo. Para tanto, será utilizado o método consagrado da pesquisa dialetológica, a Geografia Linguística, visto que se objetiva fazer o registro cartográfico das variações dialetais localizadas em uma área geográfica. Dentre os métodos sugeridos, incluem-se a metodologia de coleta de corpora oral e transcrição do registro oral para a escrita, seguindo uma série de procedimentos convencionais que garantam a preservação do material coletado no que se refere à natureza dos discursos registrados do ponto de vista da linguagem e do conteúdo.

Iniciamos com a realização dos registros dos dados dos informantes em uma ficha específica para esta linha de investigação. Na entrevista, pedimos permissão ao informante para utilizarmos os dados de sua fala neste estudo, pois como trabalhamos com analfabetos, optamos por gravar o consentimento dos envolvidos. Deixamos claro o objetivo da pesquisa e informamos a ele que poderia desistir de sua participação a qualquer fase de desenvolvimento da mesma. Para isso, deixamos nosso contato tanto de e-mail quanto do telefone. Em seguida, com a autorização de cada um, devidamente gravada nos áudios, demos prosseguimento com as entrevistas. As gravações foram feitas em dois celulares, um moto G<sup>5</sup>, um Samsung Galaxy

Note, S8 e minigravador digital RR-US511 Panasonic. Em seguida passamos para o computador, pen-drives, DVD, para garantir a preservação do material.

Para a coleta dos dados utilizamos um questionário morfofonológico (QMF) adaptação feita do questionário fonético-fonológico (QFF). O QMF é composto por 49 questões, abrangendo verbos gerundivos com o propósito de investigarmos o apagamento do morfema de gerúndio {-ndo} no contexto linguístico e extralinguístico.

Esta seção compõe-se do seguinte modo: subseção (2.1) breve descrição histórica do município de Envira, destacando os dois pontos de inquéritos estudados; (2.2) caracterização os informantes; (2.3) coleta de dados; (2.4) definição das variáveis dependentes; (2.5) definição das variáveis independentes; (2.6) variáveis externas; (2.7) codificação das variáveis e (2.8) subsídios quantitativos.

## **2.1 Local da Pesquisa**

A escolha dos pontos de inquérito foi motivada, principalmente, pelo fato de não encontrarmos pesquisas como a que propusemos em nosso estudo. Consideramos o local fértil para realização de estudos linguísticos, pois pelo difícil acesso e o grande custo, torna-se, na maioria das vezes, inviável para alguns pesquisadores se deslocarem até a região. Nesse sentido, achamos pertinente investigarmos o fenômeno linguístico do apagamento na redução de gerúndio na cidade de Envira. Selecionamos dois pontos de inquéritos com características sociais diferentes. O bairro são Francisco, situado no Centro Sul da cidade e uma comunidade ribeirinha chamada Marajá, situada nas margens do rio Tarauacá.

Para compreendermos as formas linguísticas adotadas pelos participantes de uma comunidade, é importante conhecermos o contexto em que esses membros estão inseridos. Portanto, apresentamos uma breve abordagem do perfil do município de Envira cuja nomeação originou-se do Rio Envira, principal afluente do Tarauacá, lugar inicialmente formado por um pequeno vilarejo denominado Pacatuba que mais tarde veio a se chamar Envira. O lugar foi escolhido por ser formado basicamente de terra firme e pela perfeita localização, na beira do rio, portanto, era considerado o lugar ideal para a construção da sede municipal.

Figura 5 – Vista Panorâmica da cidade de Envira/AM



Fonte: acervo pessoal.

O município de Envira está localizado na microrregião do vale do Rio Juruá, no sudoeste do estado a 1.215 km de sua capital Manaus em linha reta, por via fluvial a distância é em torno de 2.496 km e estabelece limites com os municípios de Eirunepé, Itamaraty, Pauini, no Estado do Amazonas; Feijó e Tarauacá no Estado do Acre. Nacionalmente, localiza-se na Região Norte na divisa com o Estado do Acre. Tem aproximadamente 19.492 habitantes e possui uma extensão territorial de em média 13.381 km<sup>2</sup> (treze mil trezentos e oitenta e um quilômetros quadrados), segundo (IBGE, 2010). Em 2008, o referido município perdeu cerca de quarenta por cento de seu território (40%) para o estado do Acre, por conta da redefinição dos limites de fronteira. Por essa razão, houve uma perda significativa de sua população, em média de 7.000, para o estado do Acre. O município sofreu grandes impactos, principalmente em sua economia em consequência da diminuição da população que já foi superior a 20.000, a quantidade de escolas desativadas e parte de terras que eram usadas para a agricultura etc.

Envira antes de se tornar um município autônomo, dependia dos municípios de Eirunepé e Carauari. Sua independência veio através do decreto 19/12/1955, pela Lei estadual nº 96. O primeiro prefeito a administrar foi o Sr. René Fernandes Levi, proprietário do seringal Vila Martins, localizado na região. Vale lembrar que o primeiro prefeito não foi escolhido pelo povo, foi nomeado pelo Governador do Estado Plínio Ramos Coelho e tinha como principal atribuição, possibilitar a organização dos principais órgãos como as secretarias municipais, escolas, delegacia, posto de saúde, dentre outros.

Os moradores mais antigos da cidade contam que até em meados de 1960, o município ainda não possuía uma sede própria, pois com o forte domínio que os coronéis de barranco

exerciam na região dificultou a negociação para a construção de prédios para que o município começasse criar forma, inclusive à construção da prefeitura. Nenhum dono de seringal queria se desfazer de parte de suas terras. Pois toda região do Rio Tarauacá, Rio Envira e Acuraua eram dominados pelos ditos “Coronéis de Barrancos”<sup>9</sup>. Eles tinham o controle absoluto de todas as atividades desenvolvidas na época e sobre seus empregados que viviam como escravos, além disso, exerciam grandes influências na política local e estadual. Conforme relatos de nossos entrevistados e de moradores mais antigos do local, alguns órgãos foram construídos provisoriamente em seringais diferentes e distantes uns dos outros. A agência dos correios, por exemplo, foi instalada no Seringal Foz do Envira e a delegacia de polícia no Seringal Cachoeirinha. O primeiro prefeito, já citado anteriormente, fixou residência no seu próprio seringal (Vila Martins). Vale ressaltar que na época os únicos meios de comunicação eram a carta e o rádio e o meio de transporte era exclusivamente via fluvial. Na maioria das vezes, o deslocamento era feito em canoas, movidas por remos e esporadicamente por motores de rabeta<sup>10</sup>, isso levava dias para se deslocar de um lugar a outro.

Por conta de todas as dificuldades relatadas, era fundamental a construção da sede do município para otimizar os trabalhos da administração. Houve ainda, uma tentativa de construir, no Seringal Foz do Envira, mas tal decisão resultou em um grande conflito entre o proprietário do seringal Foz do Envira, Manoel Dias Martins popularmente conhecido como “Sr. Maneca”, e o então prefeito René Levy. Diante de todas as trocas de farpas e inúmeras brigas, não houve progresso na negociação, pois o seringalista Maneca não permitiu a construção da sede do município em suas terras. Há alguns quilômetros dali, descendo o Rio Tarauacá, existia um pequeno seringal chamado Pacatuba, do proprietário e vereador Joaquim Borba. Depois de muitas negociações feitas pelo prefeito e o governador do estado e mediante pagamento, foi possível a construção da sede do município que em primeira instância foi chamado de Pacatuba, como antes mencionado. Segundo nossos entrevistados, no dia 12 de outubro do ano de 1960, os primeiros trabalhadores começaram a chegar ao seringal Pacatuba para iniciarem as obras de construção do novo município que surgia, tendo como fundador o primeiro prefeito escolhido pelo voto do povo, o Senhor Francisco das Chagas Valle que inaugurou a Prefeitura Municipal em 31 de janeiro do ano de 1962.

---

<sup>9</sup> Expressão usada para definir os grandes proprietários de terras e barracões em seringais localizados próximos aos rios que tinham como principal atividade a exploração da borracha.

<sup>10</sup> Motor pequeno de propulsão, bastante utilizado na microrregião do Juruá, acoplado em embarcações de pequeno porte que é conduzido manualmente com a ajuda de um bastão que conduz a determinada direção.



Com o passar do tempo, sobre forte ameaça de desapropriação da terra, o Sr. Maneca resolveu doar uma pequena parte de terra onde o prefeito construiu um almoxarifado, conhecido como casa branca por ser pintada somente de cal, para armazenar o material de construção e abrigar os trabalhadores que ali chegassem. Era um local em terra firme (terras altas). Nesta mesma área viviam alguns seringueiros, que além da produção da borracha, tinham também a agricultura como meio de sobrevivência.

A história do município pode ser descrita com a trajetória social e política de um povo de raízes nordestinas, que nos meados do século XIX foram atraídos pelas promessas dos desbravadores dos primeiros seringais nativos do ciclo da borracha. Como podemos observar no relato de um dos informantes mais antigos da cidade, filho de cearense.

*Era navio saindo direto com arigó<sup>11</sup> vindo para o interiô do Amazonas fazê borracha. Eles pensavam que era outra coisa, nunca tinham ouvido falar. [...] eles sofreram muito, foram pra Belém/PA, de lá pra Manaus, de Manaus foram se espalhando no interior e os patrões colocaram gente pra ensinar a cortar. Uns aprenderam, outros não. O meu tio Luizinho, nunca aprendeu cortar, aprendeu a trabalhar no campo, zelar sítio, mas cortar seringa, nunca cortou. Aqui na região, quando meu pai chegou quase não tinha gente do Amazonas. Tinha muita gente de todo canto do Nordeste. Tinha gente do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, etc. Era muito nordestino. Muita gente queria voltar, mas era difícil porque a pessoa tinha saldo, o patão fazia de tudo pra pessoa comprar. Nunca pegava em dinheiro. Muitos nunca mais puderam voltar pras suas famílias (H3F2E1).*

Depoimentos como esse são fundamentais para que possamos construir um retrato da identidade de um povo e entender melhor a realidade dos moradores dessa região. Os “Soldados da Borracha<sup>12</sup>”, juntamente com os índios que já viviam na região, foram os responsáveis pelo desenvolvimento da população e economia do município de Envira. A região é marcada, principalmente, por descendência nordestina e apresenta características muito fortes em seus hábitos, costumes e especialmente em sua fala como podemos perceber no uso e na maneira de pronunciar algumas palavras e expressões, tais como: “colocação” (lugar em que o seringueiro escolhia para morar enquanto colhia o leite da seringueira); “cuiê a estrada” (colher o leite das seringueiras na estrada); “percurar” (procurar); “asturdia” (outro dia); “quebra-jejum” (café da manhã); “gramixó” (açúcar mascavo), entre outros...

<sup>11</sup> Na linguagem regional dava-se o nome de “arigó” o trabalhador que vinha para o Amazonas, na época do auge da borracha, para fazer a borracha, mas não sabia nada sobre o trabalho que vinham fazer (INFORMANTE H3F2E1).

<sup>12</sup> Soldados da Borracha foi o nome dados aos brasileiros que entre 1943/1945 foram alistados e transportados para a Amazônia pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (Semta), com o objetivo de extrair borracha para os Estados Unidos da América (Acordos de Washington) na II Guerra Mundial. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Soldados\\_da\\_Borracha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Soldados_da_Borracha).

Hoje com a queda da borracha, sua economia baseia-se na agricultura, na pecuária e em pequenos comércios. O setor agrícola é o mais significativo nas áreas rurais. Por possuir duas estações climáticas, podendo ser definida inverno e verão, há épocas de mais fartura e épocas mais escassas. No inverno, normalmente entre o mês de novembro a junho, é um período muito chuvoso e de grandes cheias nos rios, por isso, há diminuição da produção agrícola, uma das principais atividades do meio rural. A partir de julho começa a estiagem, época em que ocorre periodicamente o fenômeno da friagem. Nesse período, os agricultores começam a preparar a terra para iniciar o plantio, tanto na várzea quanto na terra firme. Os rios, principal meio de transporte da região, são navegáveis o ano inteiro, porém, com percursos diferentes dependendo da época da navegação. No inverno, por exemplo, em uma viagem que no verão é feita durante dois dias, no inverno conclui-se em um dia. No verão os rios ficam muito estreitos e nem todo tipo de embarcação pode circular.

As atividades culturais do local são desenvolvidas de acordo com as datas comemorativas de cada época e nesse período os artistas locais aproveitam para apresentarem suas produções.

- Na Arte destacam-se os trabalhos em madeira (retratar as belezas da cidade e entorno: a flora, a fauna, os rios, os lagos, enfim, o homem e a natureza), cipó, cimento (produções inspiradas em temas religiosos), etc. A criatividade lhes permite a criação de trabalhos cuja beleza emociona os sentidos e proporciona um prazer espiritual e intelectual aos que se deleitam em apreciá-los.

- Festas Juninas – não tão atrativas como em anos anteriores, mas ainda é uma festa bastante visitada por conta das danças e principalmente pelos pratos típicos que são disponíveis para venda.

- Aniversário de Envira (31 de Janeiro) teve sua primeira festa de comemoração em 1962 e até hoje se comemora. A festa atrai centenas de pessoas de municípios circunvizinhos e a maioria dos jovens que saem da cidade para estudar fazem questão de retornar para prestigiarem a festa e obviamente reencontrar familiares e amigos. O evento dura basicamente três dias e conta com uma série de atividades culturais dentre elas, o FECANE (Festival da Canção Envirense) e o desfile para escolha da garota Miss Envira, exposição de artesanatos, feira de produtos regionais.

- Festas religiosas – as que são comemoradas com maior expressividade pelos cristãos da igreja católica são: a festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Padroeira do município) e a festa de São Francisco. Ambas atraem uma multidão de vários lugares da região que movidos pela fé vem agradecer as bênçãos e graças recebidas ao longo de suas vidas.

As pessoas que residem no município de Envira têm uma relação estreita com o Acre, pois há uma facilidade maior de deslocamento quando há uma emergência para algum tipo de tratamento e até mesmo para acessar outros estados por conta das estradas que ligam a outros estados do Brasil.

Para realizar nossa pesquisa, até chegarmos à cidade de Envira, pegamos um avião de Manaus – Rio Branco, com duração de 01h40min., de Rio Branco – Feijó, viajamos de táxi durante 6h, de Feijó – Envira, pegamos uma aeronave monomotor e viajamos mais 25min. A volta foi o mesmo itinerário. É uma viagem bastante cansativa, mas de grande relevância para nosso estudo. No mesmo dia que chegamos à cidade, começamos articular o deslocamento para os pontos de inquéritos escolhidos.

#### 2.1.1 Pontos de inquérito

A escolha dos pontos de inquéritos foi definida a partir das características peculiares de cada ponto e levando em consideração os parâmetros dos estudos dialetais realizados no Estado do Amazonas como o de Cruz (2004), no ALAM, e o de Azevedo (2013) e do projeto ALiB (2009).

Para tanto, escolhemos dois pontos: um urbano e o outro rural. O bairro São Francisco fica localizado em uma área central do município. As pessoas que residem nesse bairro têm um poder aquisitivo maior e, portanto, com oportunidades privilegiadas com relação o acesso à escola, trabalho, realizações socioculturais, entre outras. Para termos uma visão mais ampla do fenômeno estudado, decidimos escolher um ponto mais afastado da cidade, com costumes e atividades diferentes dos moradores do bairro São Francisco. Resolvemos escolher a comunidade Marajá, localizada no Rio Tarauacá. O deslocamento das pessoas que residem nesta comunidade para a sede de seu município se dar de duas formas: pela estrada, no verão, e no inverno, via fluvial.

Figura 6 – Entrada da principal área do bairro São Francisco (CENA)



Fonte: acervo pessoal

O Bairro São Francisco localiza-se na Zona Sul da cidade. Não temos informações de sua fundação, pois o município dispõe de pouca coisa escrita de sua história. Apesar de ser um dos bairros mais antigos a quantidade de habitação e sua população é inferior a outros bairros mais recentes.

O bairro possui aproximadamente mil habitantes, pois é uma área que concentra a maior parte dos órgãos públicos como escolas, prefeitura, câmara municipal, Idam, Fórum, hospital, dentre outros. Também conta com o maior espaço de lazer que o município oferece: Ginásio poliesportivo, Cena - espaço onde se concentram setores de diversas áreas tais como, cineteatro, lanchonetes, centro agropecuário, e onde acontecem as festas mais badaladas da cidade, a Expo Envira e a festa do Aniversário da cidade. Neste bairro pode-se contar com a Igreja Matriz, a Comunidade Franciscana e um Centro para encontro dos Idosos, além de possuir mais de 70 pontos comerciais de diversos ramos. Ou seja, quem vive neste bairro, têm acesso mais fácil à maioria das atividades oferecidas pelo município e, conseqüentemente, recebem maior quantidade de informações do que a comunidade rural. Um dos motivos pelo qual foi o bairro escolhido.

Figura 7 – Vista da entrada da Comunidade Marajá



Fonte: acervo pessoal.

A comunidade Marajá é mais antiga que o próprio município de Envira, mesmo antes da criação da cidade, já existia e pertencia ao Seringal Pacatuba do seringalista Joaquim Borba. A comunidade do Marajá é composta por aproximadamente 110 famílias distribuídas em 75 casas com distâncias de até 30 metros umas das outras entre um lado e o outro do rio. Existem duas maneiras de acesso à comunidade, pela estrada tem uma distância de 11km, mas somente no verão, pois no inverno por conta das fortes chuvas fica inviável a locomoção via terrestre. Por canoa com motor de rabeta o tempo aproximado é de 25m.

A comunidade conta com uma escola de madeira (casinha azul que aparece na foto) que atende o Ensino Fundamental séries iniciais e finais. A maioria dos jovens que pretende continuar os estudos muda-se para cidade.

Neste lugar vive-se uma vida simples com muita tranquilidade e as principais atividades para o sustento das famílias que aqui residem são a agricultura, a caça e a pesca.

## 2.2 Informantes

Ferreira e Cardoso (1984, p. 27), inicialmente tratam essa questão afirmando que “o perfil do informante, de quem se quer apurar dados, convém ser claramente delineado com vistas a estabelecer um perfeito controle de variáveis”. Em seguida anuncia um conjunto de fatores que devem ser considerados nessa escolha:

[...] naturalidade, com precisão do local de nascimento; grau de escolaridade; profissão, domicílios e período de permanência em cada um deles; naturalidade dos pais e do cônjuge; profissão dos pais e do cônjuge; outras atividades que desempenha; estado civil; número e idade de filhos. A este se acrescentam outros que, pela natureza da área, precisam ser mantidos sob controle, como os que passam

a exigir regiões marcadas pelo contato linguístico e pela existência de grupos bilíngues.

Para a escolha dos informantes, adotamos os critérios estabelecidos pelo Atlas Linguístico do Brasil- ALiB, para gênero/sexo e faixa etária, conforme a seguir:

Gênero/sexo - quatro homens e quatro mulheres para cada ponto de inquérito.

Faixa etária - selecionamos informantes que se enquadravam no perfil de faixa etária I (de 18 a 30 anos), e para II faixa etária (50 a 65 anos). Consideramos como critério para escolha dos informantes, os analfabetos ou até no máximo o 5º ano (antiga 4ª série) e informantes com escolaridade até o 9º ano (antiga 8ª série). Na prática, sentimos muita dificuldade para encontrarmos analfabetos na I faixa etária (18-30 anos), principalmente na zona urbana e, por outro lado, foi difícil encontrar na II faixa etária (50-65 anos), informantes com escolaridade a partir do 6º ano, a antiga (5ª série), na zona rural. Consideramos, informantes com naturalidade própria da localidade de pais também nascidos na localidade ou na região.

O quadro 2 se configura como o resumo do perfil de cada informante que faz parte desta pesquisa:

Quadro 2 – Perfil dos informantes

Informante	Diagenérica	Diageracional	Diazonal	Diastrática: escolaridade
01 (H1)	Homem	18-30	urbana e rural	Analfabeto ou cursado até o 5º ano.
02 (M1)	Mulher	18-30		Analfabeta ou cursado até o 5º ano.
03 (H2)	Homem	50-65	urbana rural	Analfabeto ou cursado até o 5º ano.
04 (M2)	Mulher	50-65		Analfabeta ou cursado até o 5º ano.
05 (H3)	Homem	18-30	urbana rural	6º ano até no máximo 9º.
06 (M3)	Mulher	18-30		6º ano até no máximo 9º.
07 (H4)	Homem	50-65	urbana rural	6º ano até no máximo 9º.
08 (M4)	Mulher	50-65		6º ano até no máximo 9º.

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa

### 2.3 Coleta de dados

Para recolha do *corpus* realizamos nossa pesquisa *in loco* obedecendo aos critérios que priorizam a escolha do sujeito de ser natural da localidade ou residir no local um terço da sua vida, número ideal de informantes (8 por ponto de inquérito, totalizando 16), características sociais como faixa etária, sexo e escolaridade. Os informantes selecionados foram divididos

em dois níveis de escolaridade: analfabeto até no máximo o 5º ano (antiga 4ª série) e do 6º ao 9º ano (antiga 5ª e 8ª séries). E para confrontar os dados, escolhemos um bairro da cidade e uma comunidade rural, lembrando sempre que a pesquisa dialetal é uma investigação de cunho horizontal, valorizando o espaço/área como fornecedor de elementos do interesse de nossa pesquisa.

Selecionamos 49 questões para o questionário morfofonológico, das quais 09 foram reproduzidas da tese de Azevedo (2013), a saber: 87 (*bebendo*), 88 (*comendo*), 91 (*dormindo*), 93 (*escrevendo*), 94 (*jogando*), 96 (*peneirando*), 97 (*pescando*), 98 (*tocando*), 101 (*voando*) e as demais passaram por adequações conforme realidade da região estudada.

As gravações foram realizadas na residência dos informantes, e em lugares estratégicos que permitiram uma melhor compreensão das questões indicadas no questionário morfofonológico. Procuramos formular perguntas sobre a vivência do informante para facilitar o processo de aparecimento, de forma mais natural possível, da variante linguística estudada.

As entrevistas foram gravadas em dois celulares, um moto G<sup>5</sup>, um Samsung Galaxy Note, S8 e mini gravador digital RR-US511 Panasonic. Em seguida passamos para o computador, pen-drives, DVD, para garantir a preservação do material. Utilizamos vários aparelhos, principalmente na comunidade Marajá, para garantir a preservação do material caso um deles falhasse.

## 2.4 Definição das variáveis dependentes

Na compreensão de Silva (2017) variável é o fenômeno em competição entre duas ou mais formas linguísticas intercorrências ou variantes em uma determinada comunidade de fala. A referida autora acrescenta que nos estudos sociolinguísticos, o termo variável é, geralmente classificado como variável dependente ou independente, de modo equivalente aos estudos em estatísticas. Mollica e Braga (2004, p. 10-11) entendem que

a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente.

Consideramos como variável dependente, nesta pesquisa, {-ndo} e suas variantes são [-*ndu*] e [-*nu*]. Portanto, a variável em estudo é o morfema {-ndo} responsável por formar o gerúndio nos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugações na língua portuguesa.

## 2.5 Definição das variáveis independentes

Segundo Ribeiro (2013, p. 62), entende-se como variável independente um conjunto de fatores que pode influenciar um fenômeno em variação. Essas variáveis são fundamentais para o resultado da pesquisa. Conforme Mollica (2015), elas podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer restrição na frequência de ocorrência fazendo com que aumente ou diminua seu uso.

### 2.5.1 Variáveis internas

Ao analisarmos o apagamento da oclusiva /d/, partimos da hipótese de que o contexto é um dos principais fatores para o seu condicionamento. Por isso, serão consideradas as variantes internas:

Conjugação verbal: 1ª conjugação com terminação em **-ar**, 2ª conjugação com terminação em **-er** e 3ª conjugação com terminação em **-ir**; tamanho da forma verbal: dissílaba, trissílaba ou polissílaba.

#### 2.5.1.1 Conjugação verbal

Com relação à conjugação verbal, observamos se a redução do morfema formador de gerúndio é influenciada pela conjugação a qual pertence o verbo. Partimos da hipótese de estudos já realizados como em Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) de que o processo é desfavorecido quando antecedido de /i/, ou seja, com verbos pertencentes à terceira conjugação (**saindo**).

#### 2.5.1.2 Extensão da forma verbal

O papel da extensão do vocábulo pode influenciar no apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio. Classificamos as ocorrências de verbos em dissílabos, trissílabos ou



polissílabos. Segundo Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), estudos anteriores informam que quanto maior a extensão do vocábulo maior é o apagamento da oclusiva no morfema formador de gerúndio. Em estudos de Sousa (2009) e de Vieira (2011), o apagamento da oclusiva no morfema /-ndo/ obteve produtividade. Desse modo, os resultados apontados por estudos anteriores nos levaram a sugerir que palavras polissílabas favorecem o apagamento da variável em questão. Esta é mais uma hipótese testada.

## 2.6 Variáveis externas

Os fatores sociais em fenômenos de variação e mudança desempenham um papel fundamental nos estudos sociolinguísticos. Por conseguinte, na escolha das variáveis sociais de nossa pesquisa, buscamos estabelecer a relação entre o sexo do falante e o contexto linguístico que condiciona as variáveis, com o intuito de investigar sua possível influência sobre os fenômenos estudados nos bairros e comunidades pertencentes ao Município de Envira.

Paiva (2008) sugere a não utilização de apenas uma variável social para traçar o perfil de uma comunidade, pois é uma grande complexidade que padece de fundamentos empíricos. Cientes disso, aliamos à variável sexo, faixa etária, escolaridade, zona urbana e zona rural.

### 2.6.1 Sexo

Conforme Coulthard (1991), a palavra gênero, foi usada pela primeira vez pelo gramático grego Protágoras, proveniente de uma palavra com sentido de **classe** ou *tipo*. Como o referido gramático denominou as subclasses que estudava de masculina, feminina e neutra, o vocábulo *gênero* passou a assinalar como as classes ligadas a *sexo*, (sexo: termo utilizado em nossa pesquisa). Alguns estudos sociolinguísticos trabalham com falantes exclusivamente do sexo masculino, como a é a pesquisa realizada por Labov, em 1972, com adolescentes negros, em Harley. Somente na década de 1980 começam a surgir estudos que envolvem ambos os gêneros.

Com o surgimento da sociolinguística, as minorias sociais passam a ser objeto de estudo. Porém as mulheres não eram vistas como grupo de minoria, naquele momento o que chamava atenção dos sociolinguísticos eram a classe trabalhadora, as minorias étnicas e/ou à

idade. Chambers & Trudgill (1993) afirmam as diferenças na fala acontecem desde a infância. Em uma pesquisa sobre a pronúncia do /r/ pós-vocálico em Edimburgo, ele confirmou um padrão de diferenciação, inclusive na fala de crianças.

As diferenças linguísticas decorrente do sexo existem porque a língua, como um organismo vivo e social, tem uma estreita relação com o modo de ser de uma sociedade. Homens e mulheres são socialmente diferentes, já que a sociedade lhes impôs papéis distintos e lhes cobra comportamentos distintos. A língua reflete as diferenças de sexo, que são consequências de diferenças sociais. A forma de controlar o fator sexo como uma das categorias de análise em uma pesquisa sociolinguística destina-se à criação das identidades da fala masculina e feminina, quando se considera que pertencer ao sexo mulher e homem é parte de uma sociedade dinâmica contínua, resultados de fatores externos à estrutura da língua.

Labov (2008) em suas pesquisas trata o sexo somente como um fator condicionador e não faz a distinção de sexo e gênero. Nesse sentido, Severo (2010, p. 44) salienta que

nessa tradição, o gênero é visto como o sexo biológico, sendo que não são feitas considerações acerca da construção social do gênero. [...] com isso, o gênero é controlado da mesma forma que a escolaridade, a idade ou a classe social – importa, apenas, na medida em que são passíveis de serem estatisticamente medidos.

Neste estudo averiguaremos o desempenho linguístico da variável sexo (mulheres e homens), para testarmos a hipótese de que a mulher utiliza com mais frequência a variante padrão, e conseqüentemente, as formas linguísticas inovadoras ou estigmatizadas são produzidas com menos frequência.

Para Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) os estudos referentes à Sociolinguística confirmam que homens e mulheres apresentam traços de comportamentos linguísticos distintos. E com relação ao apagamento da oclusiva, a pesquisa de Nascimento e Mota (2004) detecta que o apagamento da oclusiva /d/ no morfema do gerúndio tem maior incidência na fala de homens. Ferreira (2010) e Sousa (2009) apresentam resultados correlatos em suas pesquisas. Portanto, estes estudos nos levam a defender que o sexo é um dos favorecedores no condicionamento para o apagamento da oclusiva no morfema do gerúndio e que os homens são os maiores favorecedores de tal fenômeno. Neste estudo, essa é mais uma das hipóteses a ser investigada.

### 2.6.2 Faixa etária

A variável faixa etária tem se apresentado nos estudos sociolinguísticos de maneira fértil e produtiva. Para Tarallo (2007) explica que a correspondência entre esse fator com as variantes linguísticas pode sinalizar duas realidades: 1) estabilidade, quando não há nenhuma divergência entre a referida variável e os fenômenos linguísticos observados; 2) mudança em progresso – quando a ocorrência da variante inovadora é mais frequente entre os jovens e decresce na faixa etária mais avançada.

Nossos entrevistados pertencem a duas faixas etárias distintas:

- Faixa 01 – 18 a 30 anos;
- Faixa 02 – 50 a 65 anos;

Nossa hipótese é que as pessoas pertencentes à primeira faixa etária utilizam com maior frequência as formas não padrão pelo fato de, na maioria das vezes, atuarem no mercado de trabalho e estarem expostas, portanto, as redes sociais mais densas. Nosso objetivo é verificar qual faixa etária favorece a regra do apagamento.

### 2.6.3 Escolaridade

Labov (2008), em seus estudos sobre o inglês falado em Nova Iorque, ressalta a influência da variável nível de escolaridade em relação ao uso das variantes inovadoras. O linguista concluiu que os falantes menos escolarizados utilizavam mais as formas não padrão, ao passo que a variante padrão ocorriam de modo mais constante na fala das pessoas mais escolarizadas. Essa é a tendência que tem sido encontrada na maior parte dos trabalhos quantitativos.

Para Votre (2007), a partir do momento que um indivíduo passa a frequentar a escola sua fala e na sua escrita já são passíveis de mudança. É na escola que a pessoa tem maior acesso à variedade padrão e formal de fala, considerada de maior prestígio, reforçando o estigma das variedades linguísticas “inferiores” e das comunidades menos favorecidas. É um problema que infelizmente está longe de ser resolvido, tendo em vista a falta de políticas públicas direcionadas aos problemas de ordem linguística e educacional.

Com relação ao fenômeno linguístico que estamos averiguando, estudos mostram que o baixo nível de escolarização é um grande favorecedor para o fenômeno do apagamento da oclusiva /d/ no gerúndio (FERREIRA, 2010). Em nosso estudo, decidimos investigar essa

variável com o intuito de ratificar ou refutar os resultados encontrados nos estudos de Ferreira, pois partimos da hipótese de que falantes com um nível menos elevado de escolaridade favorecem a aplicação da regra do apagamento da oclusiva.

#### 2.6.4 Zona urbana versus zona rural

Sabemos que falantes de uma mesma língua, mas de regiões diferentes, têm características diversificadas. Nesse sentido, cabe à Dialectologia o estudo das relações entre o espaço geográfico e o emprego de formas linguísticas, considerando o contexto histórico, social e cultural da localidade a ser estudada.

Apesar da Dialectologia, ciência que desabrochou no final do século XIX, ter manifestado até hoje seu maior interesse pelos dialetos regionais, rurais, ela também interessa à variedade urbana, podendo-se então falar em uma dialectologia rural e uma dialectologia urbana. Nesse sentido, nossa pesquisa pretende explorar áreas com aspectos socioculturais, estilos e atitudes linguísticas distintas, através de comunidades urbanas e rurais. Para urbano, consideramos, em sua maioria, o lugar onde se desenvolvem as relações econômicas, políticas e sociais com maior intensidade.

Conforme Fontes (2013) tanto na zona urbana quanto na zona rural, cada indivíduo possui suas particularidades, assim aquele que faz presença nesses dois ambientes demonstrará em sua fala peculiaridades de ambas as culturas. Isso quer dizer que existem as variedades propriamente rurais e propriamente urbanas.

No início dos estudos dialetológicos, escolhiam-se localidades da área rural ou interiorana e levavam em consideração alguns critérios como preferência por falantes analfabetos, ou no máximo a antiga 4ª série; ser natural da localidade selecionada; não ter afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida, dentre outros. Conforme Nascente (1953, p. 14) expõe: “Pouco nos interessa a língua de classes cultas, primeiro porque é correta, segundo porque lhe falta a naturalidade e espontaneidade da língua popular”. Os estudos dialetológicos contemporâneos passam a considerar também as variações verticais abraçando princípios metodológicos da sociolinguística nas pesquisas de cunho dialetal que passa a considerar dados de ordem social juntamente com percepção diatópica da língua. E assim a geolinguística passa fazer o controle sistemático da variável escolaridade, faixa etária, gênero/sexo, entre outros.

Para muitos estudiosos da Dialectologia, de acordo com Costa (2012) o falar rural ainda se constitui em uma rica fonte de estudo por possuir muitos traços linguísticos conservadores, que podem representar estágios anteriores da língua portuguesa. Apesar de, atualmente com a propagação da educação e principalmente ao acesso aos meios de comunicação, está ficando cada vez mais difícil encontrar comunidades isoladas, mesmo que seus habitantes nunca tenham se deslocado de seu lugar de origem, é pouco provável que não entrem em contato com outras variedades linguísticas através de outros veículos de comunicação. Esse contato do meio rural para urbana pode desencadear grandes alterações socioculturais e linguísticas na vida dos usuários de uma língua. Essas mudanças sociais refletem-se particularmente no modo de falar de uma comunidade. Assim ao se estudar a fala de um grupo social, é possível detectar influências socioculturais. Nossa hipótese é que a forma elidida [-nu] é a predominante no dialeto envirense, tanto na zona rural quanto na zona urbana).

## **2.7 Codificação das variáveis**

A pesquisa em estudo será realizada com base em análises quantitativas, visto se tratar da sociolinguística variacionista e da dialectologia pluridimensional. E para nos auxiliar na interpretação dos dados quantitativos utilizaremos uma codificação para cada fator de cada grupo. Scherre e Naro (2012, p. 158) afirmam que: “quanto mais detalhada a codificação, maior a possibilidade de múltiplas análises”. Assim, codificamos variável, variante e fatores sociais.

### **2.7.1 Variáveis dependentes**

A variável dependente diz respeito à realização ou não do fonema oclusivo dental no grupo “ndo”. A codificação para as variáveis dependentes escolhidas foi:

1. [-ndu]
2. [-nu]

### **2.7.2 Variáveis independentes**

As variáveis independentes são constituídas pelo uso de uma ou outra variante que é influenciada por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguístico). Desse modo, apresentamos em sequência.

#### 2.7.2.1 Variáveis internas

Com a seguinte codificação:

1) Conjugação verbal:

A para terminação em -ar;

E para terminação em -er;

I para terminação em -ir.

2) Número de sílabas da forma verbal

D para verbo dissílabo;

T para verbo trissílabo;

P para verbo polissílabo.

#### 2.7.2.2 Variáveis externas

Os estudos sobre a relação linguagem e sociedade considerando os fatores extralinguísticos só começaram a ser investigados na década de 60. Um dos estudiosos mais importantes nessa área de investigação é Labov (2008) por relacionar a variação linguística a diferentes classes sociais, sexo, atitude profissional e etnia, visando uma investigação das fronteiras existentes entre linguagem e sociedade. Assim, os fatores extralinguísticos mais frequentes nas pesquisas sobre variação linguísticas são:

1) Faixa etária

F para 18 a 30 anos;

G para 50 a 65 anos.

## 2) Escolaridade

B para ensino fundamental I;

J para ensino fundamental II.

## 3) Sexo

H para homem;

M para mulher.

## 4) Região

U para Zona urbana;

R para Zona rural.

## 2.8 Subsídio quantitativo

Para a constituição das variáveis, utilizamos como instrumento um questionário morfofonológico adaptado do questionário fenético-fonológico já existente (QMF). As falas foram captadas na residência dos informantes e algumas vezes, no caso da zona rural, houve a necessidade de nos afastarmos um pouco da residência por conta do barulho do som e das crianças, fomos uma vez para a roça e outra para casa de farinha (lugar onde se produz farinha). Para o registro das entrevistas, utilizamos dois celulares um moto G<sup>5</sup> e um Celular Samsung Galaxy Note, S8. Utilizamos também um Mini gravador digital RR-US511 Panasonic. Cada entrevista durou aproximadamente de 20 a 30 minutos, exceto por alguma eventualidade, como foi o caso de uma informante dividir sua atenção com a entrevistadora e suas crianças. A demora maior foi em relação ao deslocamento pelo fato de as casas serem distantes umas das outras e ficarem de um lado e do outro do rio. Depois as gravações eram salvas em *pendrive* e *notebook*. Tivemos bastante cuidado porque além da internet ser muito ruim no município de Envira, não seria viável voltarmos novamente por conta da distância e principalmente dos gastos financeiros.

Depois de todos os dados coletados e organizados, ouvidos várias vezes pela pesquisadora, foram transcritos grafematicamente, codificados, categorizados, processados e depois os resultados selecionados foram transcritos para o programa Excel para transformarmos os resultados em gráficos e posteriormente em cartas morfofonológicas.

Nossa pesquisa foi realizada baseada em análises quantitativas. Para tanto, contamos com a ajuda do programa estatístico *GoldVarb X*, versão criada por Sankof, Tagliamonte e Smith (2005), com o propósito fundamental de tratar os fenômenos variáveis. Para as rodadas foram necessárias uma codificação dos fatores por categoria, pois os códigos facilitam a leitura dos resultados evitando problemas nas análises, pois como declara Scherre e Narro (2012, p. 158): “quanto mais detalhada a codificação, maior a possibilidade de múltiplas análises”. Partindo dessa concepção, codificamos inicialmente a variável dependente conforme sugerido pelo programa *GoldVarb X* e em seguida os demais fatores linguísticos e extralinguísticos pela ordem de relevância que juntos forneceram subsídios para nossa análise. O quadro 3 apresenta de forma mais detalhada a codificação de acordo com os grupos de fatores.

Quadro 3 – Codificação das variáveis

GRUPO DE FATORES	VARIANTES	CÓDIGOS
G1: Variável dependente	Manutenção [-ndu]	1
	Apagamento [-nu]	2
G2: Conjugação verbal	1ª conjugação	A
	2ª conjugação	E
	3ª conjugação	I
G3: Número de sílaba da forma verbal	Dissílabo	D
	Trissílabo	T
	Polissílabo	P
G4: Gênero	Homem	H
	Mulher	M
G5: Faixa etária	18 a 30 anos	F
	50 a 65 anos	G
G6: Escolaridade	Fundamental I	B
	Fundamental II	J
G7: Região	Zona urbana	U
	Zona rural	R

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

Para a realização das rodadas no *GoldVarb X*, tivemos que organizar os códigos por categorias, obedecendo os seguintes critérios: a inserção de um parêntese, obrigatório, para sinalizar o início de um dado. Em seguida, o código da variável, no caso de nossa pesquisa é binária, utilizamos os símbolos (1) para manutenção do /d/ em morfema de gerúndio, representado por [-ndu], e (2) para representar [-nu]. A partir da terceira até a sétima coluna estão os códigos que representam os demais fatores linguísticos e sociais, como: região, sexo, escolaridade, faixa etária, terminação verbal e extensão do verbo. Lembrando que não se fecha o parêntese, pois a partir de três espaços em branco, o programa entende que finalizou a codificação. Utilizamos um fragmento do arquivo de dados para demonstrar com mais detalhes as informações ditas anteriormente.



Quadro 4 – Categorização das variáveis

Transcrição Grafemática	1. NDU 2. NU	Zona: Urb. (U) Rur. (R)	Sexo: M/H	Fund. I - B Fund. II - J	F. Etária 1- F 2- G	1ª - ar (A) 2ª - er (E) 3ª - ir (I)	Dis. (D) Tri. (T) Pol. (P)	Categorização
1.bebeNDU	1	U	M	B	F	E	T	(1UMBFET
2.comeNDU	1	U	M	B	F	E	T	(1UMBFET
3. dormiNDU	1	U	M	B	F	I	T	(1UMBFIT

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

No momento de rodar os dados, se tiver um caractere duplicado ou aparecer com algum tipo de alteração, o programa detecta. Foi o que aconteceu com os resultados da nossa pesquisa. Foi uma busca bastante demorada, pois, em meio a tantos fatores, encontrar um que não esteja em conformidade com a codificação indicada para cada categoria, requer, acima de tudo, paciência. Enfim, conseguimos encontrar a causa do problema: a inserção de um “t” minúsculo em lugar de maiúsculo. Isso fez com que realizássemos uma segunda rodada para corrigir a falha. A imagem da figura 8 apresenta a falha em questão, o “t” que se encontra circulado em vermelho.

Figura 8 – Rodada com defeito

6 (7)		1	2		
T	N	159	252	411	52.4
	%	38.7	61.3		
P	N	95	182	277	35.3
	%	34.3	65.7		
D	N	45	49	94	12.0
	%	47.9	52.1		
t	N	1	1	2	0.3
	%	50.0	50.0		
Total	N	300	484	784	
	%	38.3	61.7		
-----					
TOTAL	N	300	484	784	
	%	38.3	61.7		

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

Em seguida, realizamos a terceira rodada para extrairmos informações relevantes para análises dos resultados como peso relativo<sup>13</sup> dos fatores, *input*<sup>14</sup>, nível de significância<sup>15</sup>, entre

<sup>13</sup> O peso relativo indica o aporte do fator relacionado ao uso da variante em questão. Com base nos cálculos matemáticos são utilizados 0,50. Se o resultado de um fator analisado for abaixo de 0,50, indica que a ocorrência da variante em estudo tem forte tendência para o desfavorecimento (SCHERRE e NARRO, 2012, p.164).

<sup>14</sup> “O *input* representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007,

outros. Com esses resultados fornecidos pelo *GoldVarb X*, foi possível verificar quais foram os fatores que se mostraram mais influentes na variante pesquisada. É o que mostraremos na próxima seção.

### 2.8.1 Elaboração de cartas morfofonológicas

Nos estudos da Dialetologia Pluridimensional, seus resultados podem ser apresentados através de diversos recursos, dentre eles estão os mapas, as cartas ou cartogramas. Para compreendermos melhor a função de cada um desses instrumentos, recolhemos algumas definições de estudiosos da área, para defini-los.

No entanto, para designar Cartografia são utilizados, muitas vezes, os termos “cartas” e “mapas” para referir-se aos documentos cartográficos. Há certa dificuldade em separar um termo de outro até por muitos estudiosos da área, pois essa assimetria tem origem histórica, mas nos dias atuais há preferência pelo termo “carta”. Bakker (1965) estabelece a distinção entre mapa e carta. Para ele, há preferência pelo termo **carta** para definir documento cartográfico de maior exatidão, e **mapa** uma mera ilustração com informações limitadas, ou seja, o mapa é um caso específico de carta.

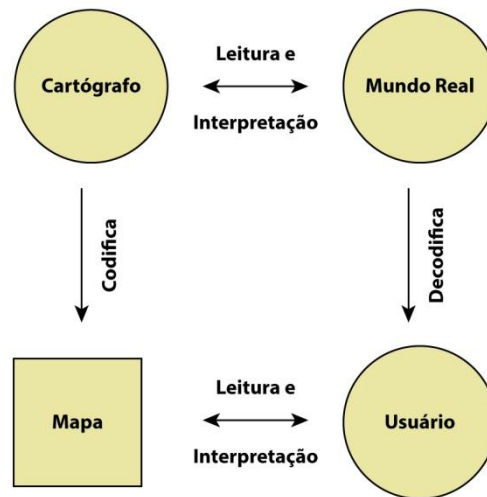
Para Menezes e Fernandes (2013) os **mapas** são representações de forma simplificada do mundo real através da comunicação gráfica ou visual. Portanto, a **cartografia** se configura como um meio de comunicação gráfica que requer por parte de quem a utiliza, o mínimo de conhecimento de seus elementos representativos. De acordo com o que foi descrito sobre cartografia e mapas, apresentaremos a seguir os ciclos de comunicação da informação cartográfica que podem atingidos durante os procedimentos, sugeridos pelos referidos autores.

### Figura 9 – Ciclo da comunicação cartográfica

---

p. 238).

<sup>15</sup> Significância estatística é essencialmente um modo de estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição de dados pressupondo certas características quanto à natureza da fonte de onde os dados foram extraídos (GUY; ZILLES, 2007, p. 85).



Fonte: Menezes; Fernandes, 2013.

Na figura 9, o processo ocorre da seguinte forma: o cartógrafo identifica o mundo real e faz a leitura interpretando essa realidade, compilando e registrando informações em mapas. O usuário por sua vez, entra em contato somente com o documento, sem conhecer “o mundo real”. O ideal é que ele reconheça os signos e símbolos para que faça a decodificação e interpretação das informações existentes de forma eficiente e fiel de acordo com os resultados descritos.

A carta, na área da geolinguística, garante a elaboração de dados de forma organizada, permitindo uma análise e interpretação mais ampla e apurada dos elementos coletados. Muitos estudiosos da área a consideram uma expressão da arte por garantir em suas construções, uma visualização em mapas regionais, além de imagens, gráficos e demais elementos característicos dessa região, especialmente os resultados do(s) fenômeno(s) estudados com a finalidade de documentar, constituir e revelar espaços geográficos.

Para Cardoso (2002, p.11), “as cartas pluridimensionais permitem o cruzamento de variáveis e exibem resultados que mostram o comportamento de cada uma delas”. Desse modo, é possível ter uma visão mais ampla da disposição diatópica das variáveis, levando em consideração os fatores extralinguísticos tais como gênero/sexo, idade, escolaridade, etc. Todas essas representações desempenham o papel de descrever a forma como as variantes linguísticas se comportam em seus variados níveis, reconhecendo os pontos que se assemelham ou que diferem em uma língua falada de uma determinada região e estabelecendo relações entre os diversos fatores que colaboram para a realização dessas manifestações linguísticas.

Adotamos para nosso estudo, o termo Carta, pela tradição advinda de outros estudos geolinguísticos e principalmente por atender nossas necessidades no que diz respeito aos resultados dos dados referentes aos aspectos espaciais e sociais. A partir de agora, será chamada de Cartas Morfofonológicas.

As cartas morfofonológicas representam os pontos de inquéritos estudados, variantes linguísticas e extralinguísticas, seguindo a ordem dos códigos<sup>16</sup> utilizado para categorização. O número de carta corresponde a cada categoria representada pelas variáveis linguísticas: conjugação verbal e extensão do verbo e pelas variáveis extralinguísticas, região; gênero/sexo; escolaridade; faixa etária; conjugação verbal e extensão do verbo, como mostra o quadro 5:

Quadro 5 – Grupo de Fatores

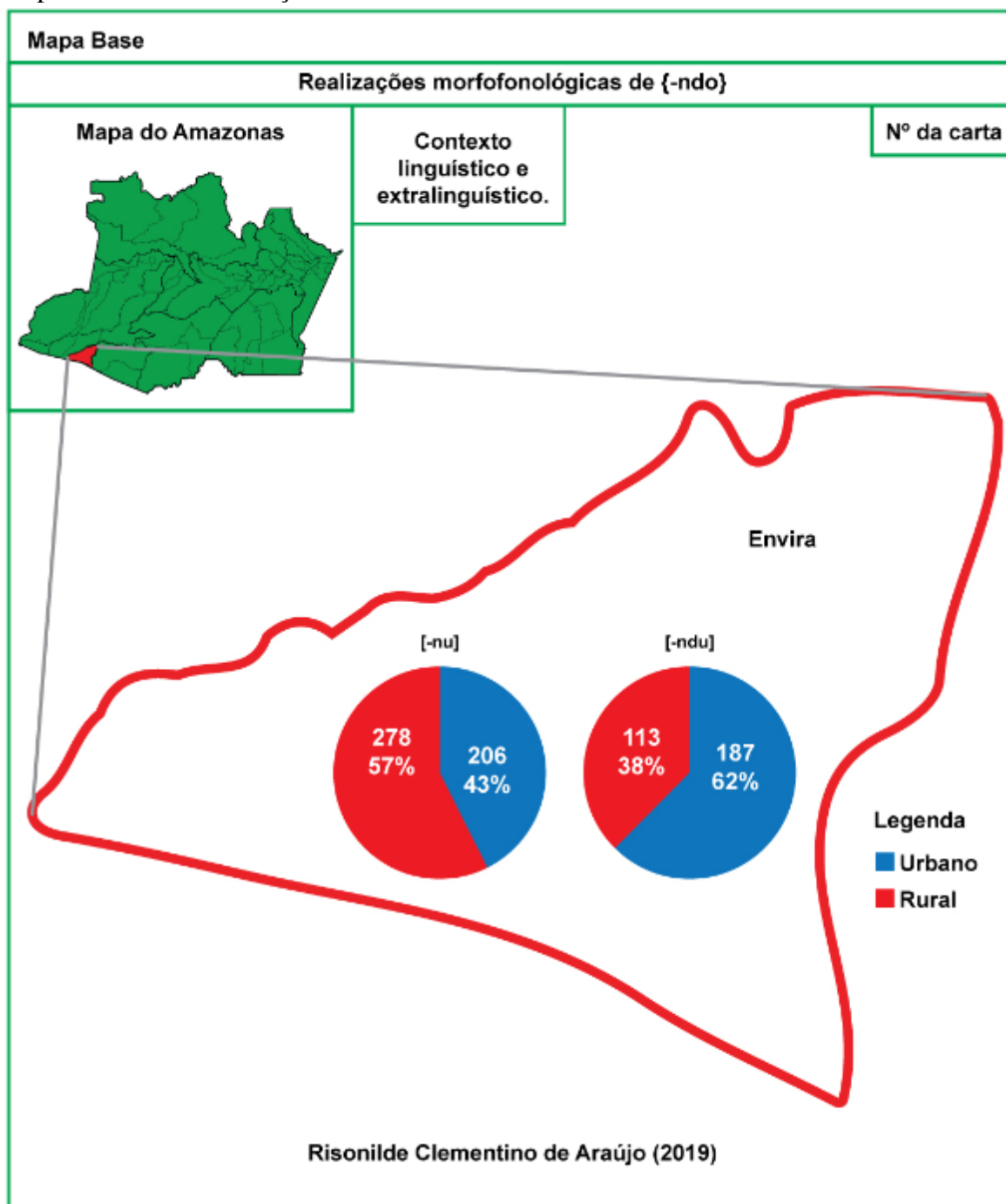
GRUPO DE FATORES	VARIANTES	CÓDIGOS
G1: Variável dependente	Manutenção [-ndu]	1
	Apagamento [-nu]	2
G2: Conjugação verbal	1ª conjugação	A
	2ª conjugação	E
	3ª conjugação	I
G3: Extensão da forma verbal	Dissílabo	D
	Trissílabo	T
	Polissílabo	P
G4: Gênero	Homem	H
	Mulher	M
G5: Faixa etária	18 a 30 anos	F
	50 a 65 anos	G
G6: Escolaridade	Fundamental I	B
	Fundamental II	J
G7: Região	Zona urbana	U
	Zona rural	R

Fonte: dados da pesquisa.

O quadro 5 descreve os fatores que foram considerados nesta pesquisa, conciliando o que acreditamos com a compreensão de Labov, (1974) sobre a necessidade dos fatores linguísticos estarem sempre associados aos fatores sociais. A seguir, apresentaremos o base de base desta pesquisa.

<sup>16</sup> “Código é um sistema de sinais – ou de signos, ou de símbolos – que, por convenção prévia, se destina a representar e a transmitir a informação entre a fonte dos sinais – ou emissor – e ponto de destino – ou receptor” (DUBOIS, 1978, p. 114).

## Mapa de base da dissertação



Para a montagem do mapa base da dissertação, trabalhamos com o programa Excel 2010 para gerar os gráficos em formatos de pizzas com os dados totais e valores percentuais arredondados para menos ou para mais. Os dados foram inseridos na carta por um profissional da área de designer gráfico através do software Adobe Illustrator CC 2019, programa específico para este fim, utilizando um mapa preexistente. Dessa maneira foram construídas todas as cartas morfofonológicas presentes neste estudo.

Apresentamos as realizações morfofonológicas por categorias. Onde aparece “contexto linguístico e extralinguístico”, no mapa base, inserimos uma variável por vez, a começar pelas variantes linguísticas: terminação verbal (-ar, -er, -ir); extensão do verbo (dissílabo, trissílabo e polissílabo), seguida das variáveis extralinguísticas em diferentes dimensões: diatópica (bairro São Francisco e comunidade Marajá); diazonal (zona urbana x zona rural); diagenérica (mulher e homem); diageracional (18 a 30 anos, 50 a 65 anos); diastrática (falantes analfabetos ou até 4 anos de escolaridade - FI, e falantes com 5 a 8 anos de escolaridade - FII).

Após as análises, os resultados foram inseridos em mapas linguísticos através do gráfico (pizza) revelando o total de ocorrências com seus respectivos valores percentuais e legendas representando as variáveis em estudo registradas nas 13 cartas. Cada mapa corresponde a uma categoria específica relacionada aos fatores linguísticos e extralinguísticos e seus respectivos pontos de inquéritos. Além das cartas, são apresentados 6 gráficos que apontam a frequência das variantes, peso relativo, significância e *input*. Todas essas informações estão detalhadas no capítulo 3 deste trabalho.

### 3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, evidenciamos os resultados das análises realizadas sobre o apagamento do [d] no morfema de {-ndo} de verbos no gerúndio: na subseção (3.1), apresentamos a constituição das variáveis; na subseção (3.2), discorremos sobre os condicionadores internos; na subseção (3.3), tratamos dos condicionadores externos; e na subseção (3.4), realizamos a análise da regra variável dos dados na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998) e sob a ótica da teoria da Sociolinguística variacionista.

#### 3.1 Constituição das variáveis

O presente estudo foi constituído a partir de observações relacionadas a fatores internos e externos à língua. Além das variáveis linguísticas, terminação verbal e extensão do verbo, levamos em consideração alguns aspectos sociais relacionados aos informantes, tais como: quatro informantes para cada ponto de inquérito estudado, totalizando 08, sendo 1 mulher e 1 homem para cada faixa etária (18 a 30 anos, 50 a 55 anos) e para cada nível de escolaridade (Ensino fundamental I e Ensino fundamental II). Consideramos também, em relação aos perfis dos informantes, as seguintes características: ser morador nato da região selecionada; não ter se afastado do lugar por mais de 1/3 de suas vidas; ter pais e cônjuges moradores da região estudada.

Para seleção das amostras, construímos um questionário morfofonológico contendo 49 questões e aplicado *in loco*. Fizeram parte dessa composição os seguintes verbos: *escrevendo*, *jogando*, *peneirando*, *pescando*, *tocando*, *voando*, *dando*, *fedendo*, *escondendo*, *terminando*, *nadando*, *caminhando*, *doendo*, *tarrafeando*, *rindo*, *vindo*, *vendo*, *brigando*, *entrevistando*, *varrendo*, *andando*, *vestindo*, *ouvindo*, *cantando*, *indo*, *mexendo*, *subindo*, *engolindo*, *entendendo*, *segurando*, *diminuindo*, *casando*, *costurando*, *descendo*, *saindo*, *atendendo*, *caindo*, *abanando*, *misturando*, *namorando*, *sangrando*, *fritando*, *rezando / orando*, *trabalhando*. (totalizando quarenta e nove verbos no gerúndio).

Justificamos nossa escolha por amostra de fala pela ocorrência do fenômeno linguístico estudado se revelar vigente como regra variável de ordem morfofonológica na fala dos informantes dos pontos estudados. Adotamos, neste estudo, o conceito de regra variável já

adotado em outros estudos como o de Mollica (1998)<sup>17</sup> e Martins (2001)<sup>18</sup> em que, no caso do fenômeno em questão, o falante ao realizar o gerúndio, faça a alternância entre a forma reduzida [-nu] e a forma preservada [-ndu]. Além disso, levamos em consideração a teoria de Labov (1972) cuja proposta é a relação ente linguagem e sociedade, com a finalidade de analisar e explicar a sistematização dos eventos linguísticos. Dessa forma, com a aplicabilidade dessa amostra, procuramos fazer um estudo aprofundado no contexto real de uso dos informantes selecionados desta pesquisa.

### 3.2 Condicionadores internos

Consideramos como condicionadores internos em nosso estudo, a **terminação verbal** e a **extensão do verbo**. Para a terminação verbal classificamos os verbos conforme terminação em -ar; -er, ir como por exemplo, os verbos *andar*, *beber* e *sair*. Queríamos saber se o apagamento de /d/ no morfema de gerúndio era influenciado pela sua terminação. Pois em outros estudos, como o de Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) verificou-se o desfavorecimento no apagamento de /d/ quando antecedido de /i/, em casos como *sair*, *dormir*, etc. Nossa hipótese é que a terminação verbal não é um fator determinante para o apagamento do /d/ em morfema de gerúndio.

Quanto à extensão do verbo, agrupamos as ocorrências dos verbos em dissílabas (*in-do*, *ven-do*); trissílabas (*jo-gan-do*, *pes-can-do*) e polissílabas (*pe-nei-ran-do*, *es-con-den-do*). Pretendemos testar a hipótese de que os verbos polissílabos tendem a favorecer o apagamento da oclusiva /d/ em morfema de gerúndio. Vieira (2011) confirma o favorecimento da variável em questão.

### 3.3 Condicionadores externos

Dos condicionadores externos selecionados, podemos destacar as seguintes dimensões: diagenérica, diageracional, diastrática e diazonal.

<sup>17</sup> MOLLICA, M. C. Um padrão etário recorrente em fenômenos de variação fonológica. *Estudos linguísticos* XVII Anais de Seminários do GEL. São Paulo, 1989.

<sup>18</sup> MARTINS, I. F. de M. Apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” na fala de João Pessoa. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.



- Diagenérica: sexo

Para a composição do fator gênero/sexo, foram selecionados 2 mulheres e dois homens para cada ponto de inquérito, totalizando em 4 mulheres e 4 homens, os quais representaram os falantes da comunidade analisada para que pudéssemos coletar uma amostra heterogênea do fenômeno em estudo.

Alguns estudiosos da área da Sociolinguística já têm demonstrado, em seus estudos, que as mulheres se comportam linguisticamente diferente dos homens. A exemplo, podemos citar o estudo de Nascimento e Mota (2009). As referidas autoras afirmam que a maior ocorrência do apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio está na fala dos homens. Outra conclusão semelhante foi atingida por Sousa (2009) e por Ferreira (2010). Desta maneira, todos esses resultados nos levam a crer que o gênero/sexo é um fator condicionador para o favorecimento do apagamento da oclusiva no morfema de gerúndio. Portanto, neste estudo, esta será mais uma hipótese a ser testada.

- Diageracional: faixa etária

Em relação à faixa etária, dividimos os informantes em dois grupos (18 a 15, 50 a 65). Nosso propósito é averiguar qual faixa etária propicia a regra do apagamento. Resultados como de Ferreira (2010), revela que falantes mais jovens mantêm a forma em [-ndu] desfavorecendo o apagamento, divergindo dos resultados esperados, pois de acordo com Labov (1972) o previsto é que os falantes mais velhos preservariam as formas mais antigas, pelo fato de que os mais velhos tendem a serem mais conservadores que os jovens mais inovadores. Já Vieira (2011) mostrou que em seu estudo, esta variável (faixa etária) se mostrou irrelevante. Mediante esses resultados, nossa hipótese é que os mais velhos favorecem o apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio {-ndo}.

- Diastrática: escolaridade

Selecionamos também o nível de escolaridade como variável, pois diversos estudos sociolinguísticos já mostraram que a escola é responsável pela mudança na fala e na escrita de um indivíduo, uma vez que o indivíduo ao frequentar a escola entra em contato com outras culturas e principalmente o contato com a variedade padrão e formal que conseqüentemente acarretará em mudanças de comportamento linguístico significativo. Escolhemos, portanto, dois níveis de escolaridade: Fundamental I (com nenhum ou até 4 anos de escolaridade) e fundamental II (com 5 até 8 anos de escolaridade). Desse modo, acreditamos que através do controle desses dois fatores podemos concluir se ambos ou somente um deles favorece a aplicação da regra variável estudada. Ferreira (2010) comprovou em seus estudos que o baixo nível de escolaridade favorece o apagamento da oclusiva em questão. Nossa hipótese, diante

de tudo que foi exposto, é a de que quanto menor o nível de escolaridade de um falante, maior chance de favorecimento da aplicação da regra variável do apagamento da oclusiva /d/.

Com a descrição das características básicas dos condicionadores internos e externos de nossa pesquisa, passaremos para análise e discussão dos resultados obtidos por esta pesquisa.

- Diazonal: zona urbana x zona rural

Escolhemos dois pontos de inquéritos com atividades diferentes e distância bem significativa, porém, obedecendo aos mesmos critérios e características para os informantes dos referidos locais. Nosso intuito é descrever de que maneira o índice de aplicação do apagamento está presente da região de Envira e especialmente, no meio rural e no meio urbano, respectivamente. Além disso, durante a análise, verificaremos em quais segmentos o fenômeno do apagamento do [d] no morfema de gerúndio se apresenta com mais frequência.

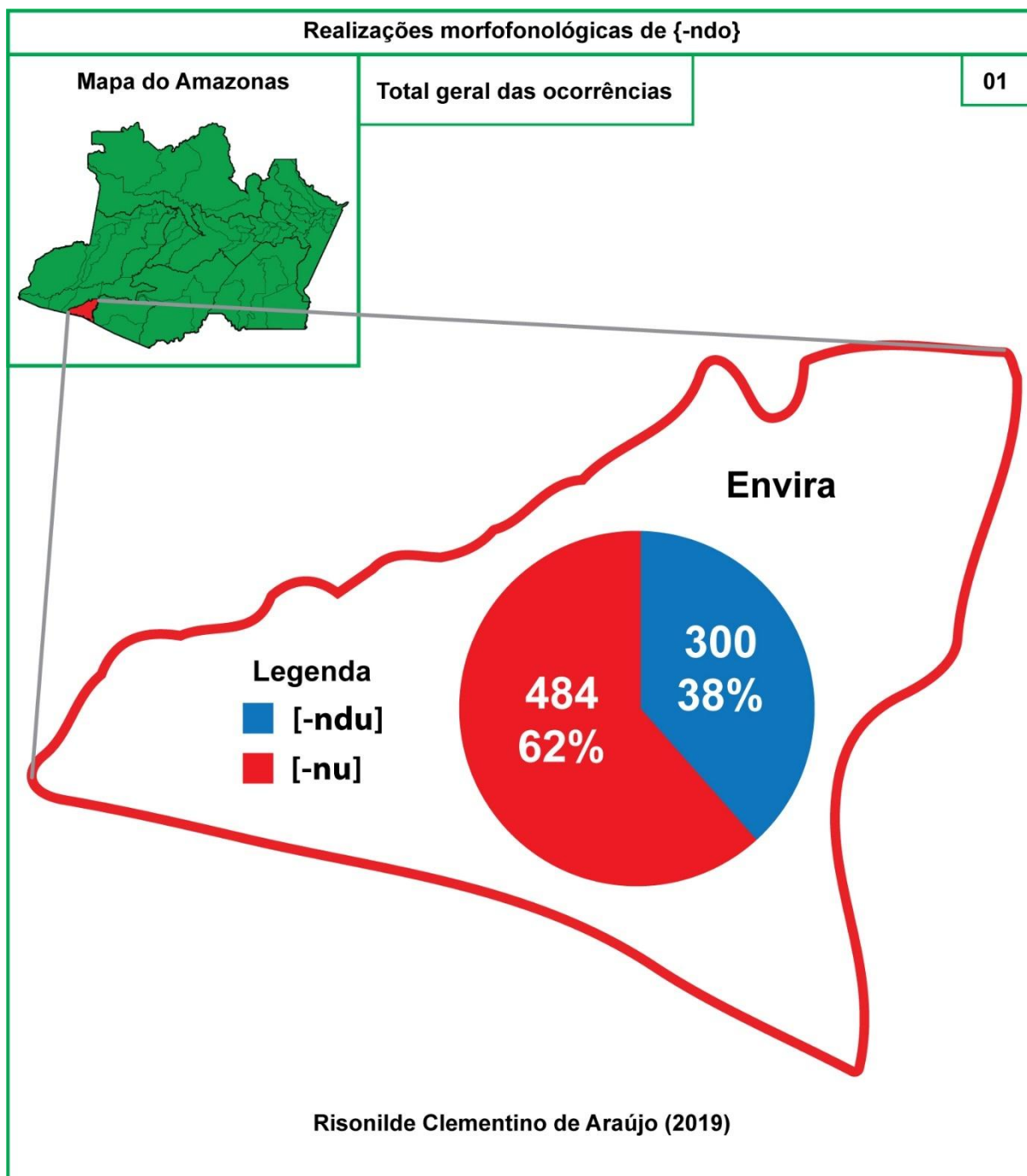
Pelayes (2016) descreve em seu estudo que o fato de residir no meio rural ou urbano não interferiu diretamente na maneira de falar de seus habitantes em relação à realização do gerúndio. Nesse sentido, podemos concluir que a variante estudada não é vista como um fator de exclusão social na comunidade de fala estudada. Pois, segundo a autora, não há diferença linguística significativa quanto ao uso do gerúndio entre a zona urbana e rural. Diante desse resultado, nossa hipótese é de que a forma elidida [-nu] é a predominante no dialeto envirense, nas duas comunidades estudadas (urbana e rural).

### **3.4 Análise e discussão dos dados**

Com o objetivo de verificar como se comporta a ocorrência do apagamento da oclusiva [d] no morfema de gerúndio, expomos aqui a análise variacionista dessa regra na variedade falada na região de Envira (AM), com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística de Labov (1972) e da Dialectologia Pluridimensional de (THUN, 1998) e em outros trabalhos realizados sob a perspectiva geolinguística (MARGOTTI, 2004; CRUZ, 2004; AZEVEDO, 2013).

De forma genérica, analisamos 784 ocorrências de formas verbais e constatamos que a variação da regra estudada apresenta 62% das ocorrências. Esse percentual evidenciou como significativa a característica dessa variedade na região estudada, como podemos observar na carta constante no Mapa 1.

Mapa 1 – Resultado das realizações morfofonológicas urbana e rural



Estudiosos como Amaral (1920), Marroquim (1934) e Silva Neto (1956) entre outros, caracterizaram em suas descrições o fenômeno do apagamento do [d] em morfema de gerúndio como um falar “caipira” ou “roceiro”, sendo um falante com pouco ou sem nenhum contato com a norma culta da língua, nota-se, portanto, uma carga de preconceito por parte dos autores, quando em suas descrições estigmatiza tal fenômeno. Por esse motivo, montamos uma tabela com os dados dos nossos resultados com outras variedades do (PB) que estudaram

o mesmo fenômeno para revelarmos a predisposição da realização desse fenômeno em outros dialetos.

Tabela 1 – Resultado de aplicação do apagamento de [d] em morfema de gerúndio em diversas variedades de PB

Cidade/Estado	Autor/ano	Aplicação (%)
Envira – AM	(ARAUJO, 2019)	300/ <b>484</b> (62%)
Santana do Ipanema – AL	(PELAYES, 2016) <sup>19</sup>	15/ <b>112</b> (88%)
São José do Rio Preto – SP	(FERREIRA, 2010) <sup>20</sup>	716/ <b>999</b> (72%)
João Pessoa – PB	(MARTINS, 2001) <sup>21</sup>	2275/ <b>3892</b> (58%)
Distrito de Taboco – MS	(VIEIRA, 2011) <sup>22</sup>	<b>386</b> /99 (80%)
Custódia – PE	(AMARAL, 2008) <sup>23</sup>	326/ <b>511</b> (64%)

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

Na tabela 01, observamos em todas as variedades, exceto no estudo de Martins (2001) uma forte inclinação para a aplicação do apagamento da oclusiva [d] em morfema de gerúndio. Criamos uma tabela com alguns estudos do fenômeno em questão, não para fazermos uma comparação, pois há diferença na estratificação entre eles, mas para termos uma visão geral das ocorrências de outros lugares e com isso, avaliarmos o nível de produtividade do fenômeno estudado em outras regiões do país.

A região de Envira mostrou-se bastante diversificada em relação ao uso da variante {-ndo} morfema formador de gerúndio. Este resultado confirma nossa hipótese de que a forma elidida [-nu] é a predominante no dialeto envirense, tanto comunidade urbana quanto na rural. Resultado de acordo com o que Pelayes (2016) descreve em seu estudo, pois o fato de residir no meio rural ou urbano não interferiu diretamente na maneira de falar de seus habitantes em relação à realização do gerúndio.

De acordo com o resultado geral, concluímos que houve uma alta frequência e distribuição regular na aplicação da variante [-nu] no morfema formador de gerúndio na fala envirense.

<sup>19</sup> Informantes: 35; gênero/sexo – masculino e feminino; zona urbana e zona rural; faixa etária: 17 a 30 anos; escolaridade: ensino médio completo ou cursando, ensino superior completo.

<sup>20</sup> Amostras 162 estratificadas em: gênero/sexo: masculino e feminino; faixa etária: de e a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos, e mais de 55 anos; escolaridade: 1º Ciclo do Ensino Fundamental, 2º Ciclo do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior; renda familiar: mais de 25 salários mínimos, de 11 a 24 salários mínimos, de 6 a 10 salários mínimos e até 5 salários mínimos.

<sup>21</sup> A amostra do estudo de Martins (2001) foi selecionada da seguinte forma: escolaridade – nenhum ano; de 1 a 4 anos; de 5 a 8 anos, de 9 a 11 anos. Sexo: masculino e feminino. Faixa etária: de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos, mais de 50 anos.

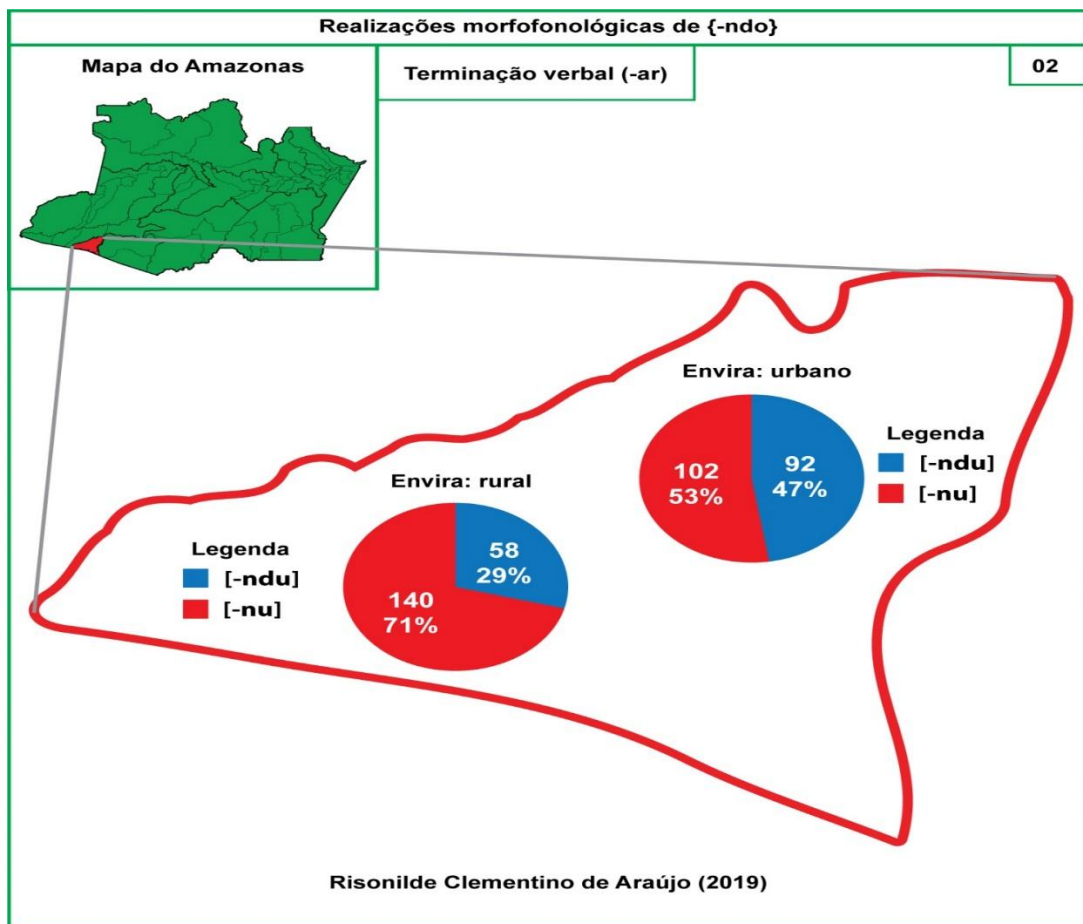
<sup>22</sup> 16 informantes, divididos em dois gêneros/sexo: masculino e feminino; duas faixas etárias: 15 a 35 e acima de 50; escolaridade: até o nono ano do Ensino Fundamental.

<sup>23</sup> Amaral (2008) estratificou da seguinte maneira: até 4 anos, mais de quatro. Faixa etária: de 15 a 30 anos, acima de 30 anos. Sexo: feminino e masculino: localidade – zona urbana e zona rural.

A partir de agora, apresentaremos os resultados obtidos nesta pesquisa, separados por categorias, em 13 cartas morfofonológicas, iniciando pelos fatores linguísticos e em seguida, os fatores extralinguísticos, conforme categorização no *GoldVarb X*. Com estes resultados, podemos verificar a norma<sup>24</sup> de uso e frequência em que essas variações ocorrem nas localidades estudadas.

Ao final de cada categoria analisada, disponibilizamos uma tabela com todos os fatores da mesma categoria, apresentando resultado geral com peso relativo, *input* e significância.

Mapa 2 – Variável linguística: terminação verbal 1ª conjugação

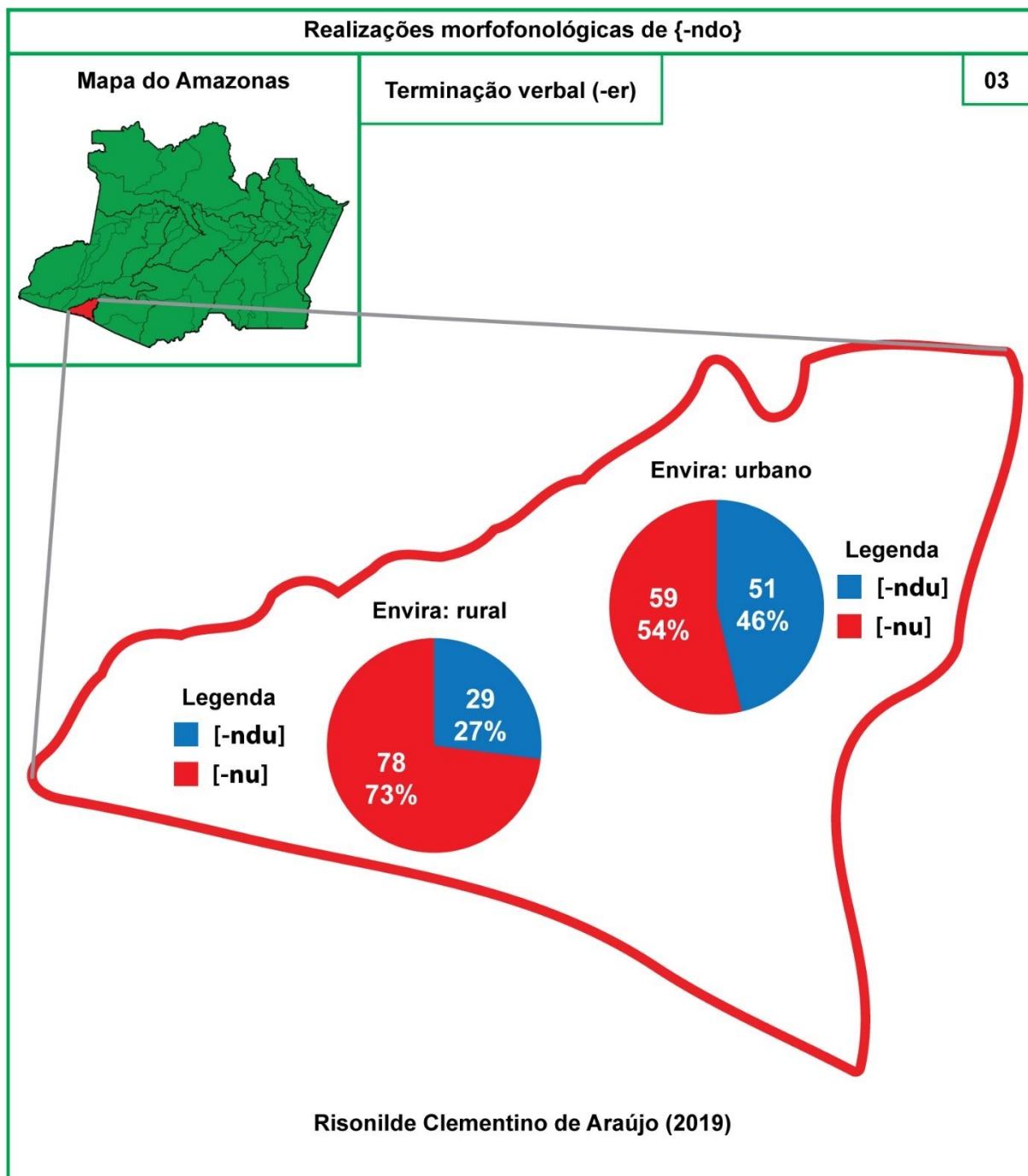


Com relação à 1ª terminação verbal (-ar), a carta 02 do mapa 2 revela um resultado positivo na aplicação da regra do apagamento. Dentre as 392 ocorrências, a zona rural apresentou maior produtividade na realização da variável com 71%, enquanto a zona urbana

<sup>24</sup> A norma se caracteriza como “conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular no discurso dos sujeitos falantes”. (BARBOSA, 1989, p. 573-4).

apresentou 53% dessas ocorrências. De acordo com os resultados a forma de apagamento [-nu] se mostra relevante nos verbos gerundivos da 1ª conjugação.

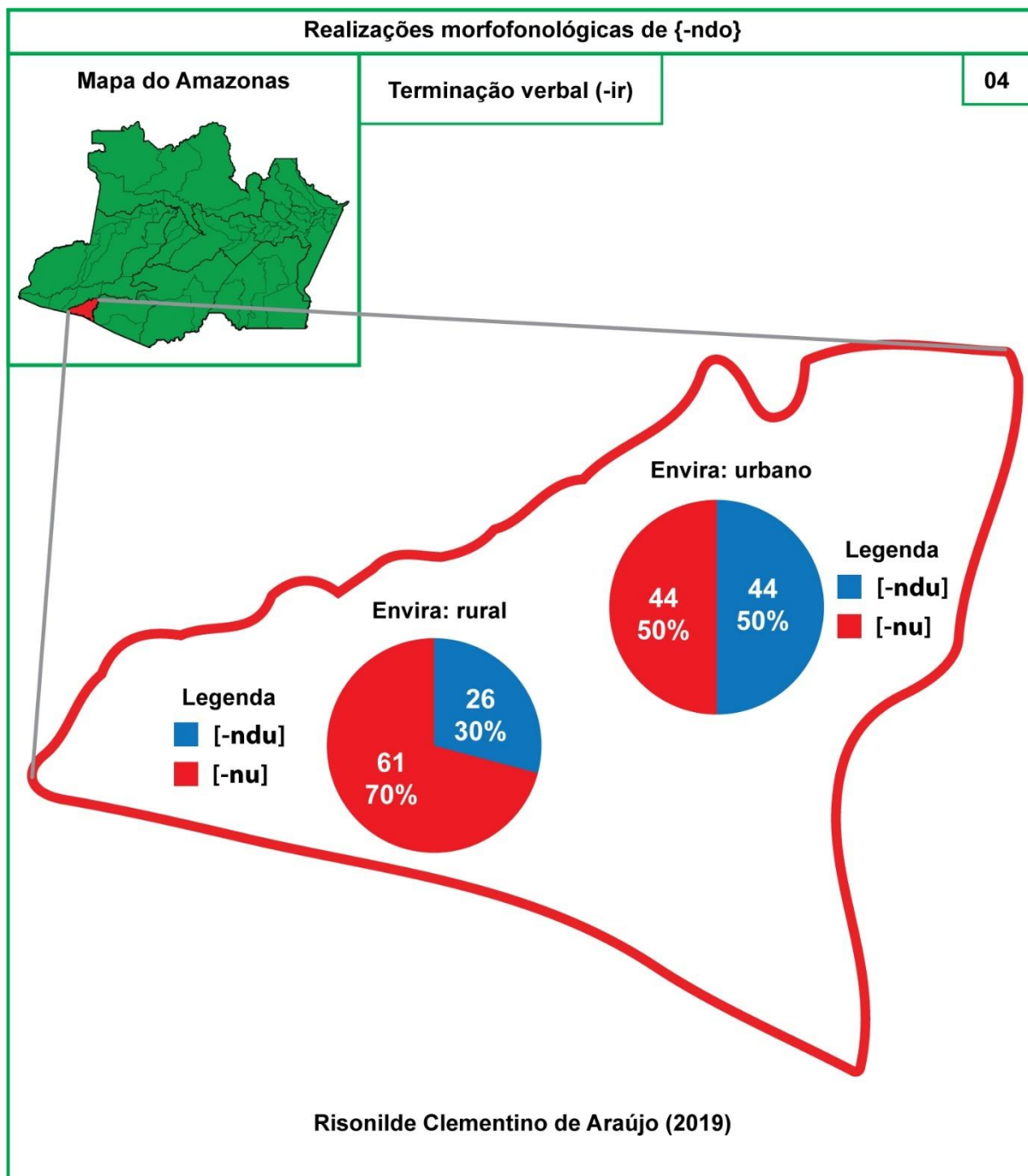
Mapa 3 – Variável linguística: terminação verbal 2ª conjugação



Na carta 03 do Mapa 3 que corresponde a 2ª terminação verbal (-er), apresentou um resultado próximo a 1ª conjugação, na aplicação da regra do apagamento. Dentre as 217 ocorrências, a zona rural apresentou maior produtividade na realização da variável com 73%,

enquanto a zona urbana apresentou 54% dessas ocorrências. De acordo com os resultados a forma de apagamento [-nu] se mostra relevante nos verbos gerundivos da 2ª conjugação.

Mapa 4 – Variável linguística: terminação verbal 3ª conjugação



Os resultados com relação à 3ª terminação verbal (-ir) apresentados na carta 04 do Mapa 4, das 175 ocorrências 70% apresentam favorecimento da aplicação da regra variável em [-nu] somente na zona rural. Já a área urbana o resultado foi inibidor em relação ao

apagamento, apenas 44% das ocorrências. De modo geral, os resultados da forma de apagamento [-nu] se mostram relevantes nos verbos gerundivos da 3ª conjugação na fala envirense.

Tabela 2 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: terminação verbal.

T. Verbal U/R	[-ndu]	%	[-nu]	%	Total	Peso Relativo	Signif.	Input
1ª -ar	150	38	242	62	392	0.50	0.819	0.383
2ª -er	80	37	137	63	217	0.48		
3ª -ir	70	40	105	60	175	0.52		

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

Observando a Tabela 2, de modo geral, verificamos um menor desempenho da variável [-nu] na 2ª terminação verbal, ou seja, há um leve desfavorecimento com o PR de 0.48. Já a 1ª e 3ª conjugação, favorece a realização do apagamento, apesar da proximidade apresentada pelo peso relativo (1ª conjugação PR de 0.50 e 3ª conjugação PR de 0.52) estarem muito próximos ao ponto neutro<sup>25</sup>.

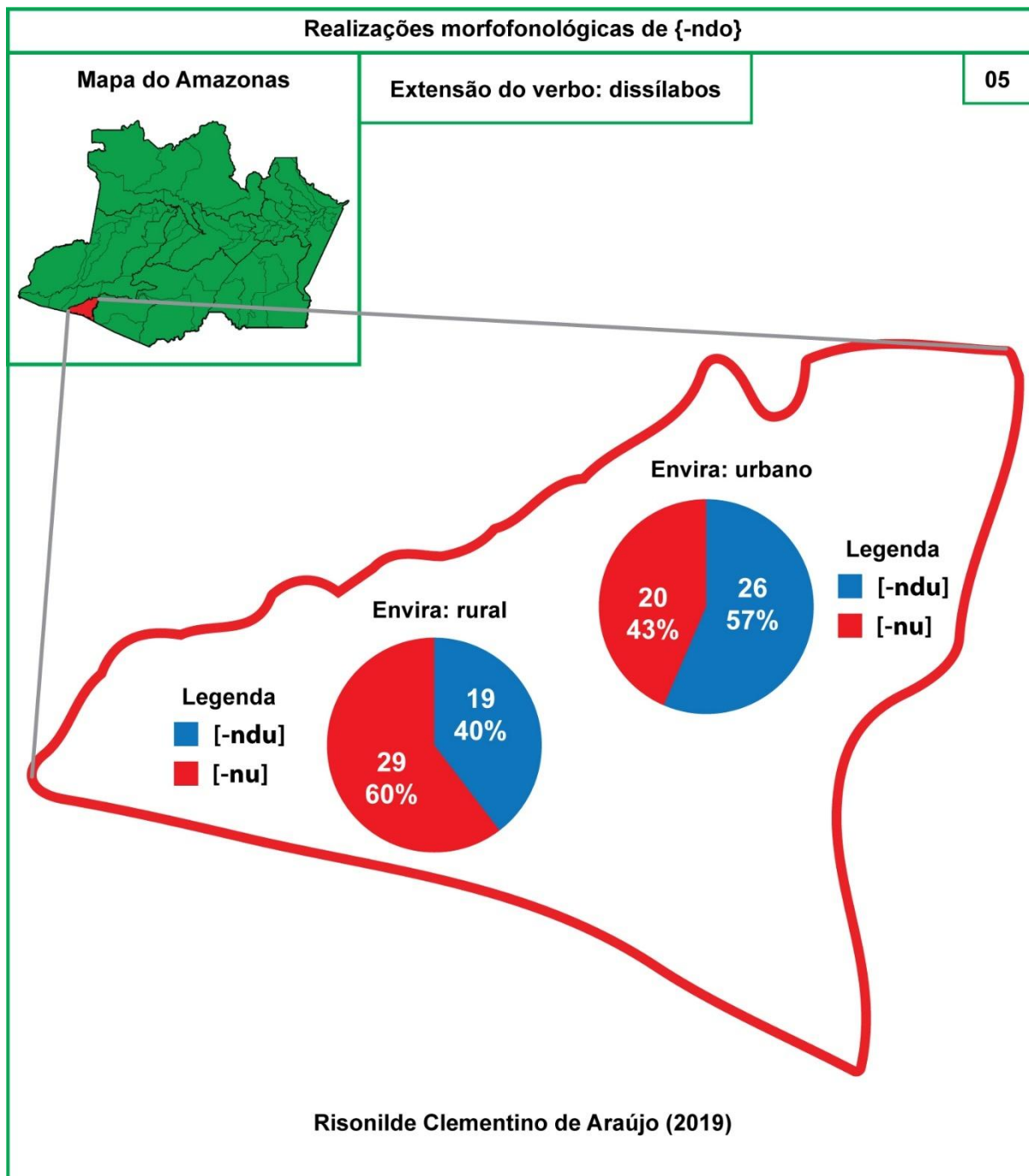
Diferentemente de nossos resultados, Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) concluem que o processo é desfavorecido quando antecedido de /i/, ou seja, verbos da 3ª conjugação.

Em síntese, verificamos que a 1ª e 3ª conjugação favorece, de maneira sutil, o apagamento da oclusiva [d] em morfema de gerúndio, refutando nossa hipótese de que a 3ª conjugação não é um fator determinante para o apagamento do /d/ em morfema de gerúndio. Vale ressaltar que o referido grupo de fatores não está entre os melhores resultados sugeridos pelo programa estatístico. Com relação à categorização, a terminação verbal ocupou o 6º lugar na ordem dos fatores.

<sup>25</sup> Scherre e Naro (2012) interpretam uma variável binária, caso deste estudo, como favorável uma variável se o peso relativo for superior a 0.50, como inibidor se for inferior a 0.50 e consideram neutro se for igual a 0.50.



Mapa 5 – Variável linguística: extensão do verbo: dissílabo

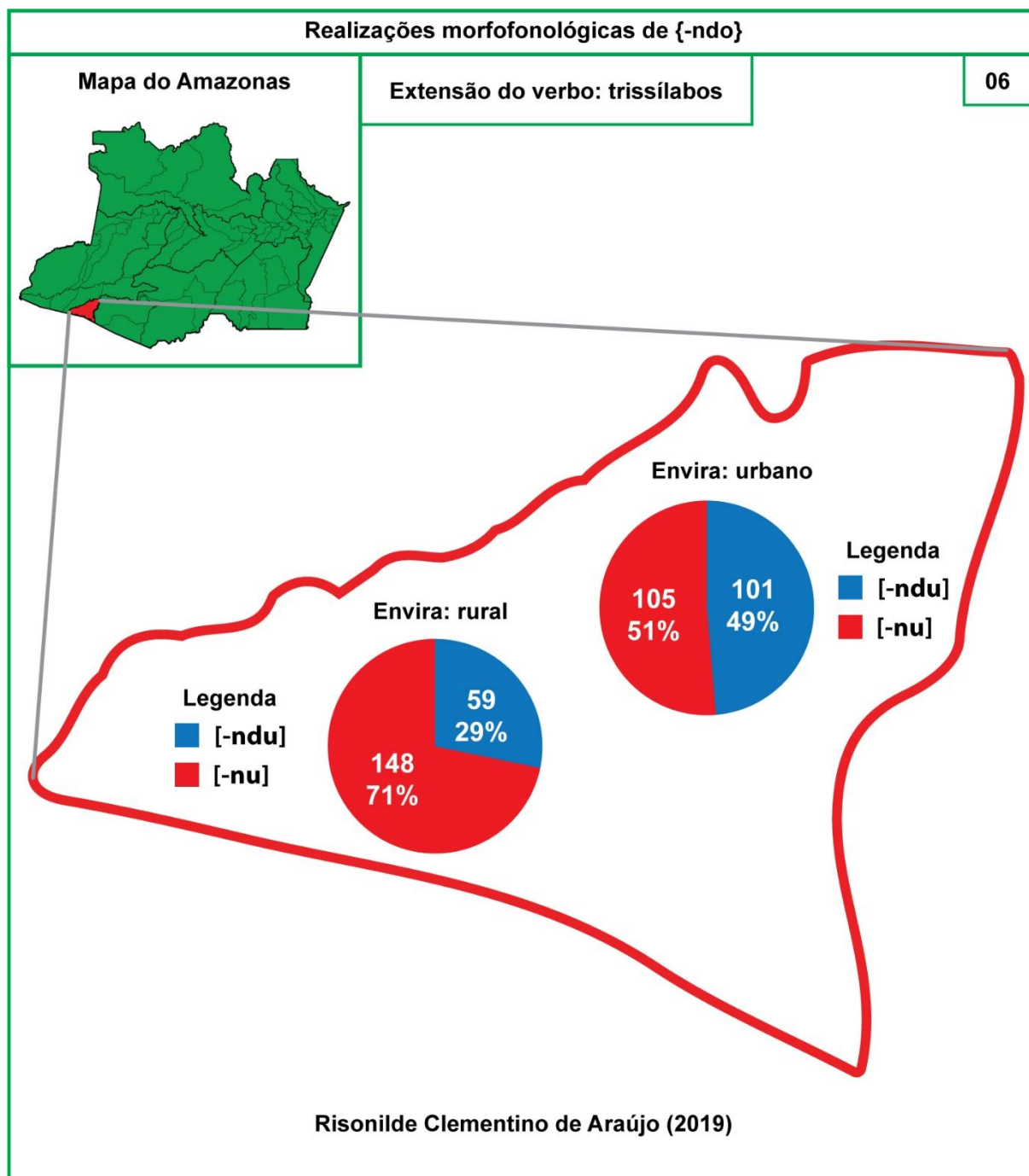


Analisando a carta 05 do Mapa 5, chegamos à conclusão que os verbos dissílabos na zona urbana favorecem na realização da variável [-nu], com a média de 52% de 94 ocorrências, mesmo que não seja tão relevante, como podemos verificar em seus resultados,

enquanto na zona rural apresenta um forte favorecimento, chegando a realizar 60% das 48 ocorrências.

Considerando o resultado geral para aplicação da regra na região estudada, concluímos que os verbos dissílabos influenciam para o apagamento nos dois pontos de inquéritos estudados.

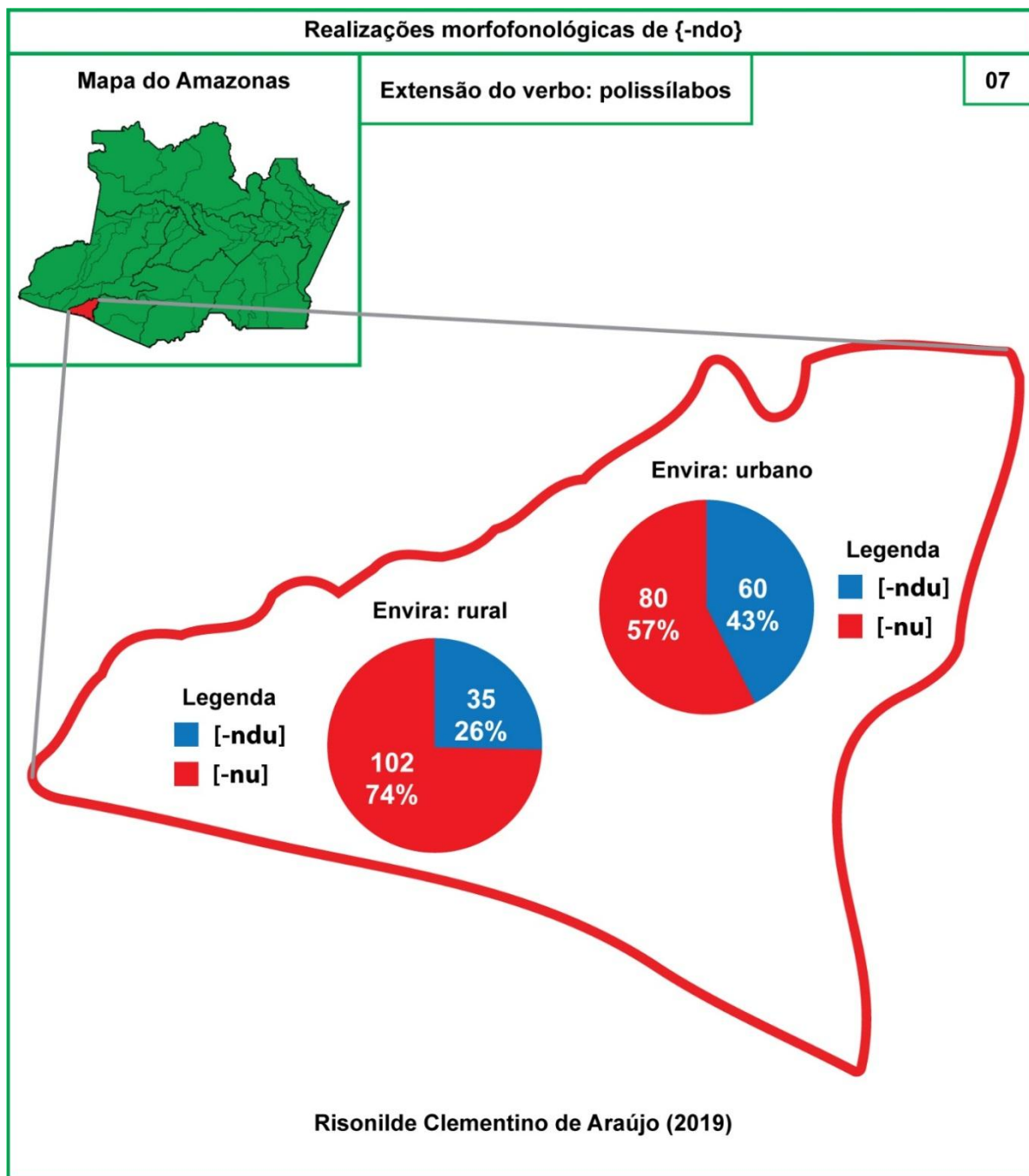
Mapa 6 – Variável linguística: extensão do verbo: trissílabo



Verificamos na carta 06 do Mapa 6, que os vocábulos trissílabos na zona urbana apresentam uma leve tendência para a realização do apagamento, realizando somente 51% de 206 ocorrências, já os resultados na zona rural apontam para uma forte influência na realização da variável [-nu], produzindo 71% das 206 ocorrências.

Em suma, o resultado geral nos leva a concluir que os verbos trissílabos influenciam a forma reduzida do gerúndio, mesmo que de maneira tímida na zona urbana.

Mapa 7 – Variável linguística: extensão do verbo: polissílabo



Analisando a carta 07 do Mapa 7, verificamos o favorecimento dos verbos polissílabos nos dois pontos de inquéritos. Na zona urbana, foram realizadas 137 ocorrências e 57% representou a variável [-nu]. A zona rural continua liderando na realização do apagamento da oclusiva [d] em morfema de gerúndio. Nos verbos polissílabos, de 137 ocorrências 74% dessas realizações conduzem ao apagamento.

Desse modo, constatamos que os verbos polissílabos revelaram forte influência sobre o fenômeno estudado tanto na comunidade rural quanto na urbana. A seguir faremos uma análise geral da extensão dos verbos, levando em consideração o peso relativo desse grupo de fator, conforme exposto na tabela 3.

Tabela 3 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: extensão do verbo.

Ext. verbo U/R	[-ndu]	%	[nu]	%	Total	Peso Relativo	Signif.	Input
Dissílabo	45	48	49	52	94	0.60	0.068	0.360
Trissílabo	160	39	253	61	413	0.51		
Polissílabo	95	34	182	66	277	0.45		

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

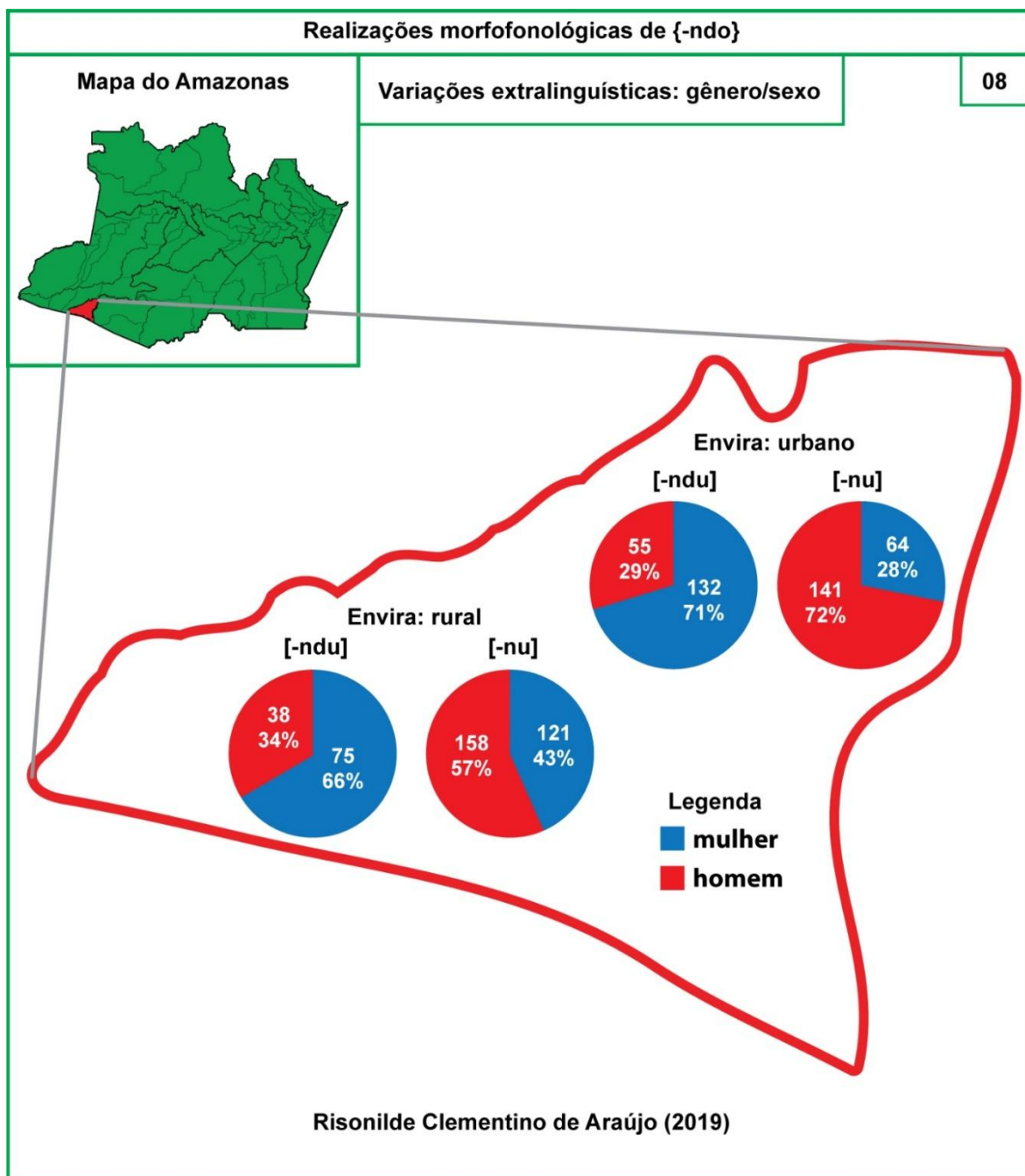
De modo geral, em relação à extensão do verbo, podemos destacar como o mais produtivo, os verbos polissílabos, se levarmos em consideração as realizações da variável [-nu] em 66% de 277 ocorrências, mas com relação ao peso relativo há uma discrepância em seu resultado. O peso relativo revela que os dissílabos e trissílabos têm maior chance de influenciar o apagamento do [d] no morfema de gerúndio.

Essa assimetria entre as ocorrências dos verbos polissílabos e o valor do peso relativo com relação aos dissílabos e trissílabos pode ser explicada pela distribuição desequilibrada dos dados, o que aparenta ser um grupo pouco significativo para a realização do fenômeno estudado. O que confirma o input desse grupo, pois para uma distribuição equilibrada, o cálculo deve se aproximar de 0.40, segundo Guy e Zilles (2007). Scherre (1993) esclarece que o nível de significância corresponde à margem de erro de até 5%, ou seja, indica o grau de confiabilidade referente aos resultados. Nesse sentido, a autora afirma que “se o nível de significância for acima deste valor, previamente arbitrado, os resultados não são considerados estatisticamente significativos.” (SCHERRE, 1993, p.27).

Vieira (2011) confirma o favorecimento dos verbos polissílabos para o apagamento. O mesmo resultado é revelado por Mollica e Mattos (1992); e Souza (2009). Esses estudiosos afirmam que quanto extenso o item, a chance de /d/ ser apagado é maior. Inspiramo-nos

nesses resultados para formular nossa hipótese de que os verbos polissílabos tendem a favorecer o apagamento da oclusiva /d/ em morfema de gerúndio. Quanto ao número de ocorrências, nossa hipótese foi confirmada. Porém, baseado no valor do peso relativo dessa variável, nota-se que não há muita relevância para aplicação da regra da variável em estudo. Resultado que a significância presente na tabela 03 pode confirmar.

Mapa 8 – Variável extralinguística: sexo



Observa-se na carta do Mapa 8, o fenômeno do apagamento na zona urbana neste grupo de fator é bastante relevante, pois de 196 ocorrências 72% foram realizadas pelo discurso masculino e 28% estão presentes na fala feminina. Na zona rural a tendência do apagamento ganha reforço na fala masculina com 57% dessas ocorrências. Conclui-se, portanto, com esse resultado, que a fala dos homens é um fator influenciador para o apagamento do fenômeno estudado.

Tabela 4 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: sexo.

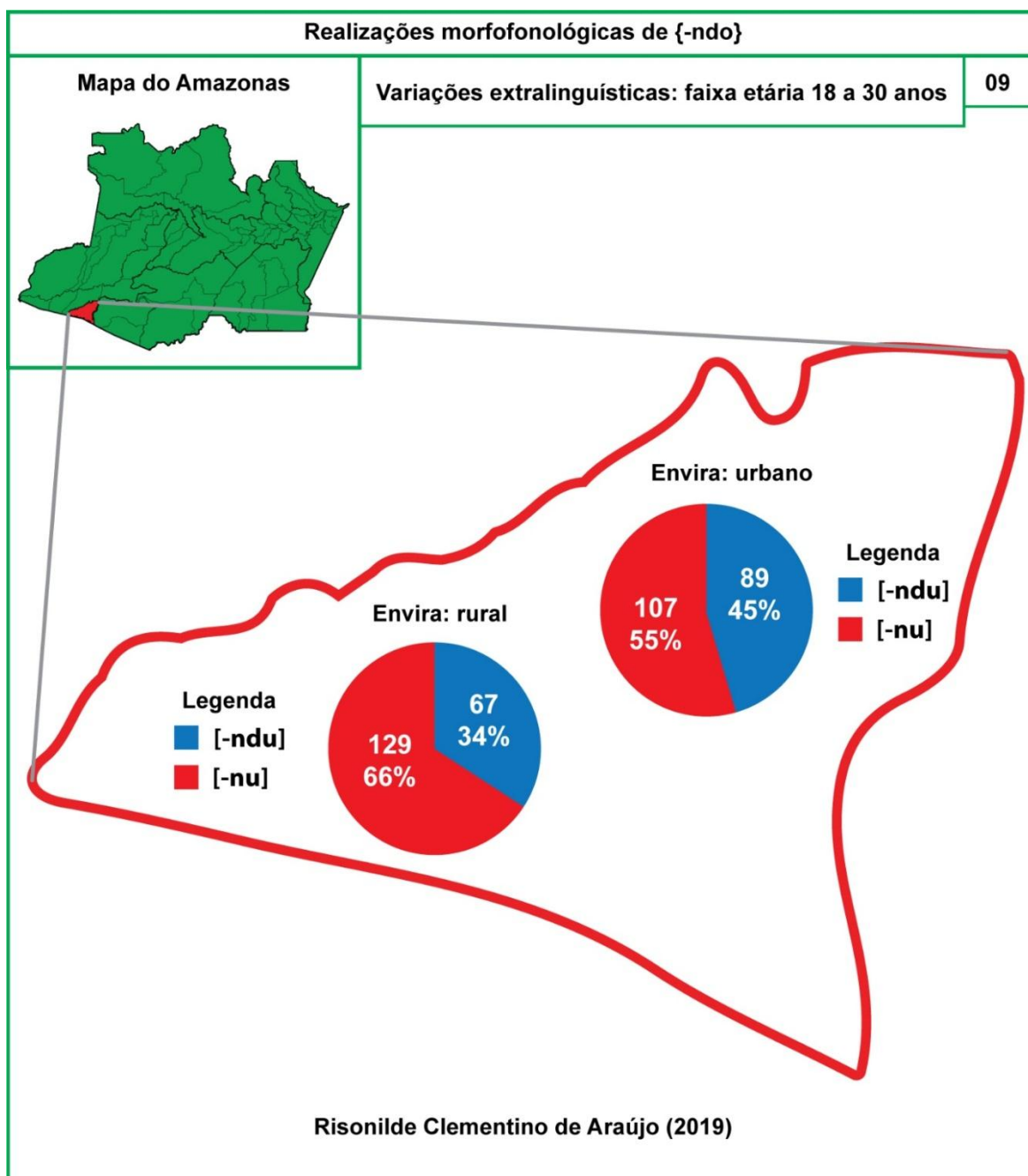
<b>Gênero U/R</b>	<b>[-ndu]</b>	<b>%</b>	<b>[-nu]</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>Peso Relativo</b>	<b>Signif.</b>	<b>Input</b>
Mulher	207	53	185	47	392	0.35	0.000	0.371
Homem	93	24	299	76	392	0.65		

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

Analisando a tabela 4, percebemos que a fala dos homens favorece o apagamento de [d] no morfema de gerúndio, apresentando peso relativo referente à 0.65, enquanto as mulheres há um índice relevante de desfavorecimento com peso relativo de 0.35. Esses resultados se aproximam da confirmação de Nascimento e Mota (2009), pois em seu estudo declaram que a maior ocorrência do apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio está no discurso masculino. Vieira (2011) confirma que os homens tendem a inovar, enquanto as mulheres evitam mais as formas consideradas pela sociedade “estigmatizadas”.

Nesse sentido, os resultados obtidos na cidade de Envira confirmam nossa hipótese de o homem tende a realizar o gerúndio em sua forma [-nu]. Portanto, o gênero/sexo é um fator condicionador importante para o favorecimento do apagamento da oclusiva no morfema de gerúndio.

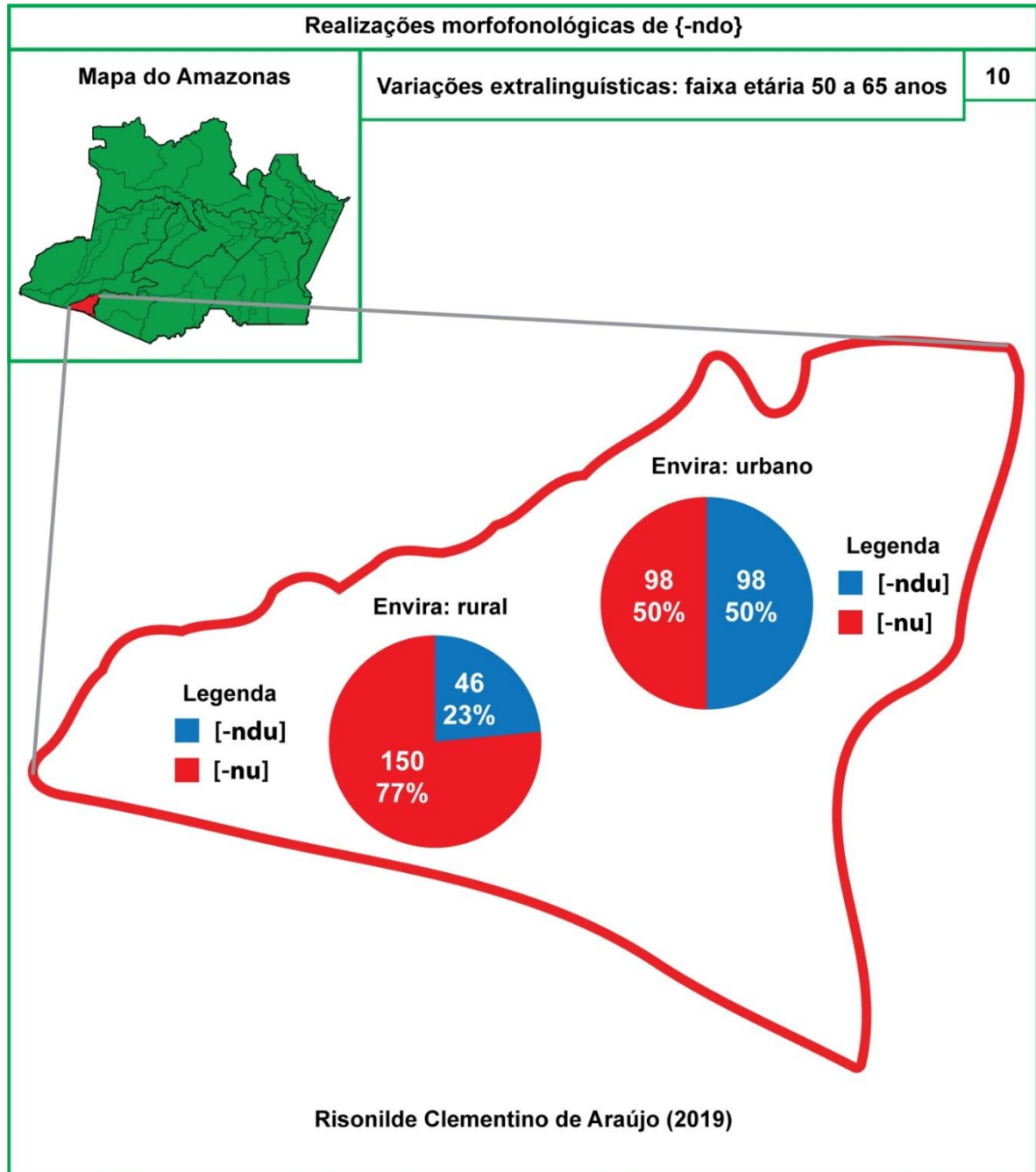
Mapa 9 – Variável extralinguística: faixa etária I



Conforme observamos na carta 09 do Mapa 9, a faixa etária I de (18 a 30 anos) se mostrou mais produtiva em relação à realização da forma reduzida de gerúndio, na zona rural, apresentado 72% de 196 ocorrências.

A zona urbana tem uma representatividade de forma mais sutil com 55% do mesmo número de ocorrências. Com base nos resultados aqui apresentados podemos considerar a faixa etária I como sendo favorecedor nas realizações da variável [-nu].

Mapa 10 – Variável extralinguística: faixa etária II



Nos resultados da faixa etária II (50 a 65 anos), percebemos um índice maior das realizações na zona rural, das 196 ocorrências 77% estão relacionadas à variável [-nu]. Já na



zona urbana o apagamento da oclusiva não foi muito produtivo. De 196 ocorrências 50% foi favorável ao apagamento e 50% favorável a manutenção do [d] em morfema de gerúndio.

Para termos um resultado definitivo da realização do apagamento, analisamos a tabela 05, pois nela podemos ter uma visão geral das realizações da faixa etária em relação ao fenômeno estudado.

Tabela 5 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: faixa etária.

F. etária U/R	[-ndu]	%	[-nu]	%	Total	Peso Relativo	Signif.	Input
18 a 30	156	40	236	60	392	0.52	0.396	0.383
50 a 60	144	37	248	63	392	0.55		

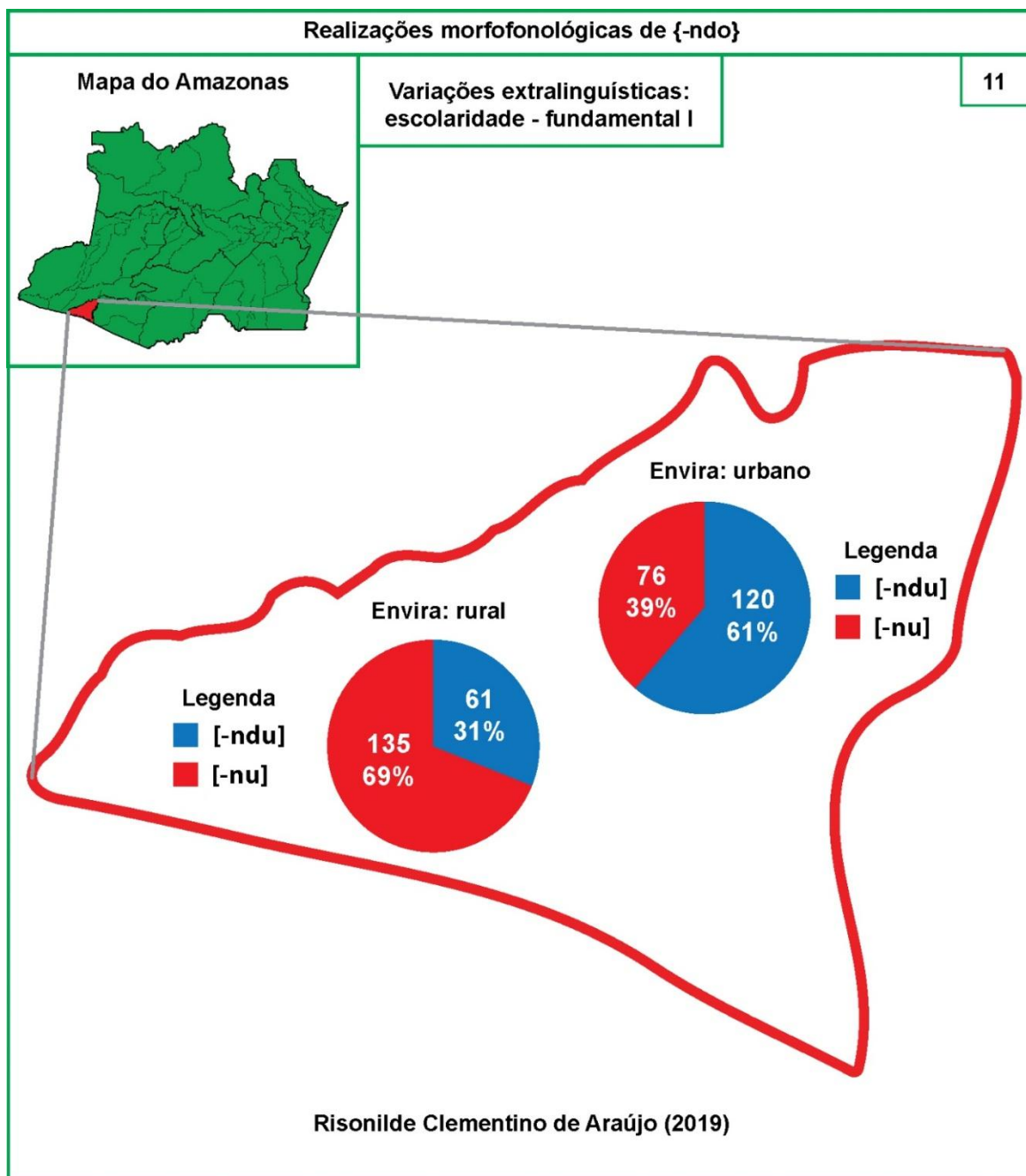
Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

Analisando a Tabela 05, verificamos que há favorecimento do apagamento na fala envirense, independente de faixa etária. O peso relativo apresenta um valor muito próximo de uma faixa etária para outra (0.52/0.55).

Nosso resultado diverge de outros estudos como de Labov (2008) quando afirma que falantes com mais idade tendem a preservar as formas mais tradicionais. Já Ferreira (2010) concluiu que quanto mais velho, menor será a realização da aplicação do apagamento. Mollica (1989) comunga com o mesmo pensamento de Ferreira ao confirmar que os falantes mais jovens empregam mais a variante de prestígio em relação às outras faixas etárias.

Portanto, nossa hipótese de que os mais velhos favorecem o apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio {-ndo} na fala envirense foi refutada. O resultado da variável faixa etária em nossa pesquisa é indiferente à regra de aplicação.

Mapa 11 – Variável extralinguística: escolaridade I

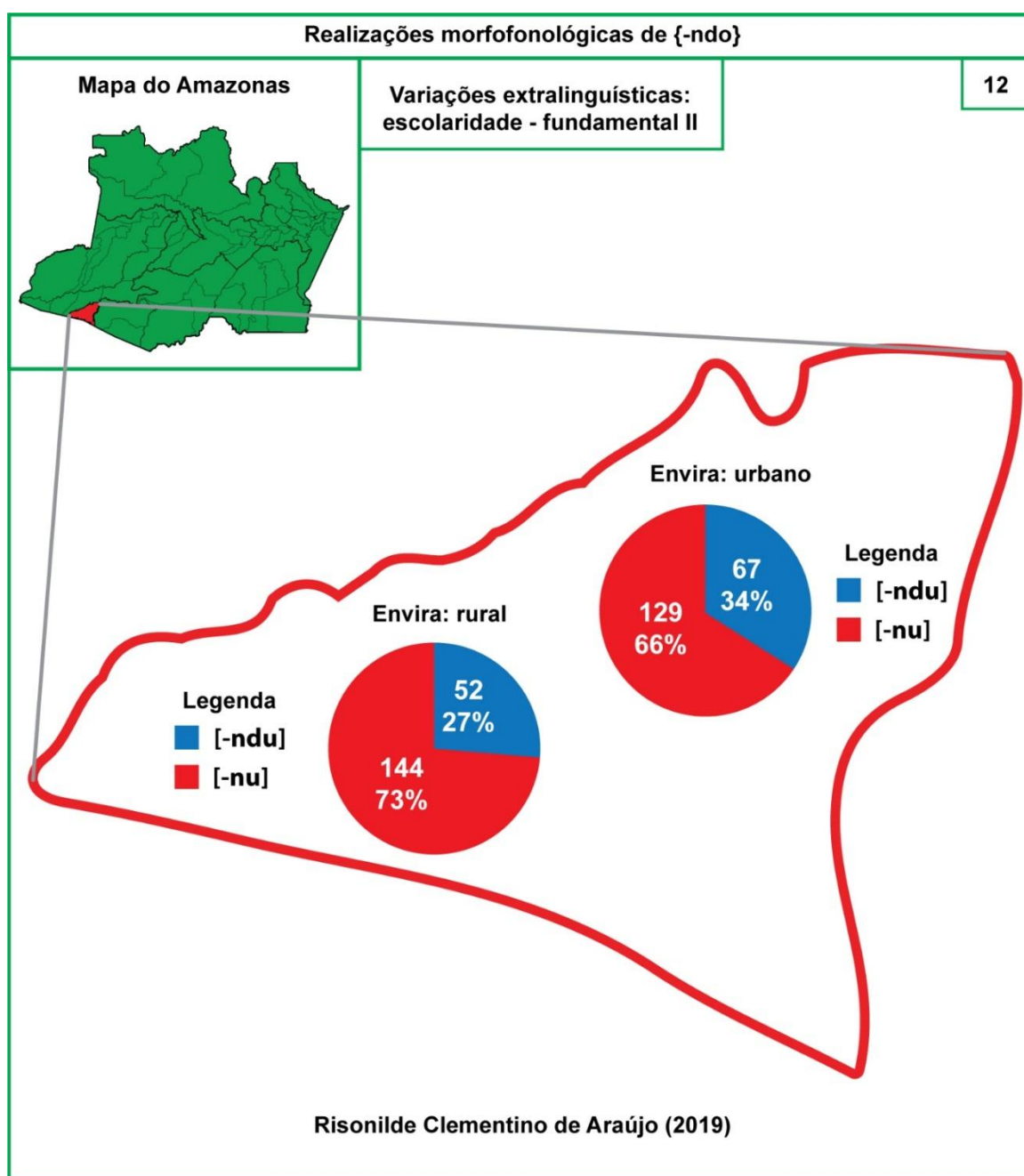


Na carta do Mapa 11, fazendo uma análise dos resultados entre zona urbana e zona rural, observamos um forte favorecimento da variável escolaridade I (analfabeto até a o 5º

ano, antiga 4ª série) especificamente na zona rural. Já na zona urbana esta variável não se mostrou favorável ao apagamento.

Das 196 ocorrências, 69% delas foram realizadas por falantes de 18 a 30 anos da zona rural. E a mesma faixa etária realizou somente 39% do total das referidas ocorrências. De modo parcial, podemos concluir que a variável faixa etária só contribui para a realização do apagamento na zona rural. Na zona urbana, consideramos a referida variável, improdutiva.

Mapa 12 – Variável extralinguística: escolaridade II



O resultado apresentado na carta do Mapa 12 nos revela uma forte tendência para realização do apagamento [-nu], tanto na área rural quanto na área urbana. De 196 ocorrências aplicadas nas duas comunidades citadas, os resultados foram favoráveis. A zona urbana realizou 66% e a zona rural 73% das ocorrências favorecem de forma significativa o fenômeno do apagamento.

Para termos uma boa visualização dos eventos, analisamos a realização do fenômeno em pauta considerando o resultado geral dos dois pontos de inquéritos estudados.

Tabela 6 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: escolaridade

<b>Escolaridade U/R</b>	<b>[-ndu]</b>	<b>%</b>	<b>[-nu]</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>Peso Relativo</b>	<b>Signif.</b>	<b>Input</b>
Fund. I	181	46	211	54	392	0.42	0.000	0.379
Fund. II	119	30	273	70	392	0.58		

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

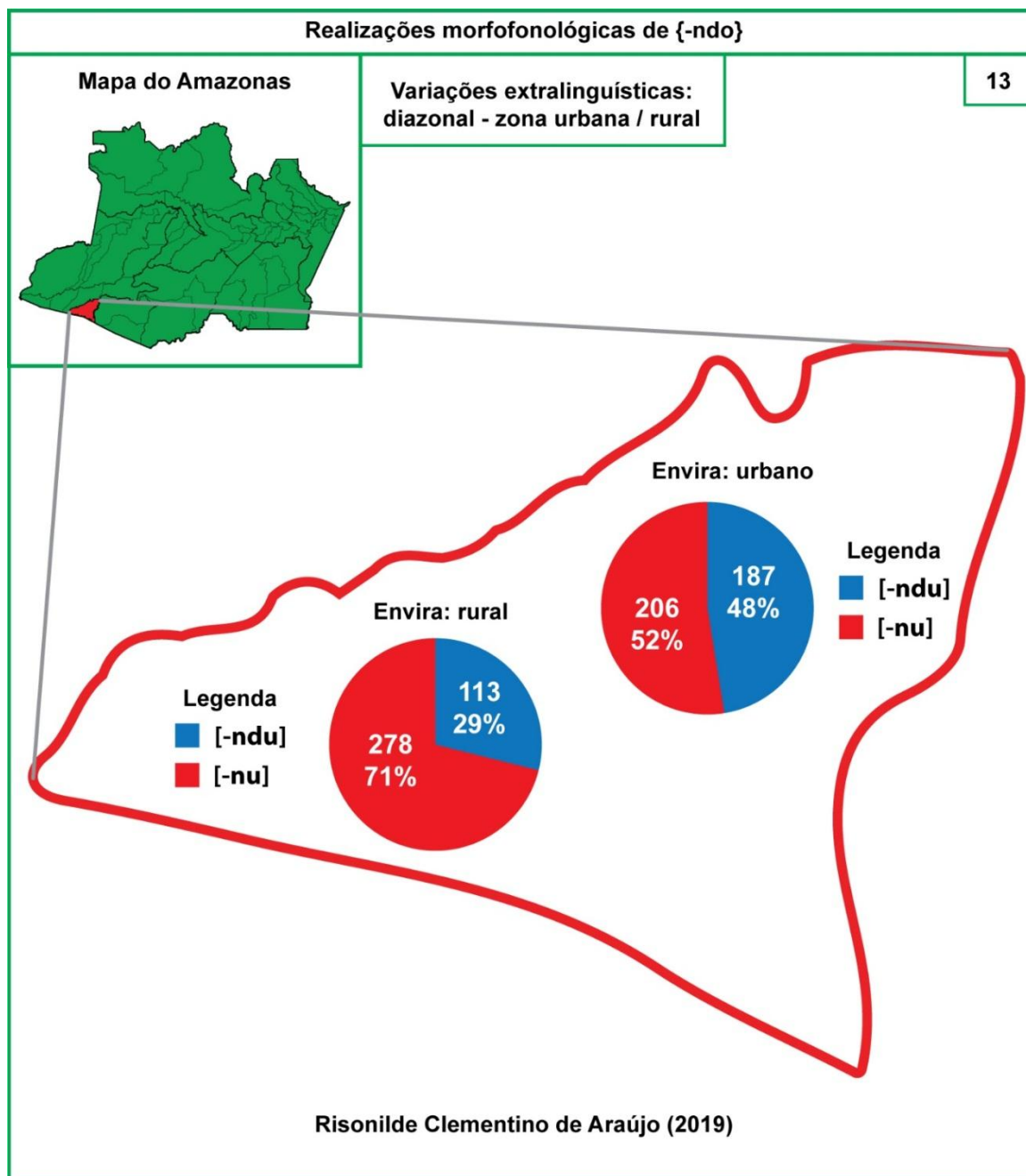
Fazendo uma análise geral da variável em questão nos dois pontos estudados, verificamos que diferentemente de outros estudos, a exemplo de Ferreira (2010) que comprova em seus resultados que quanto menor o nível de escolaridade maior será o favorecimento do apagamento da oclusiva /d/, nossos estudos revelaram outro resultado.

A escolaridade II (maior escolaridade) se mostrou mais produtiva, tanto na zona rural quanto na zona urbana. Pois partimos da hipótese de que quanto menor o nível de escolaridade, maior chance de favorecimento da aplicação da regra variável do apagamento da oclusiva /d/.

De acordo com a tabela 6 o peso relativo 0.42 revela que os informantes de menor escolaridade apresentam baixa frequência de uso com relação aos outros fatores. Já para os informantes de escolaridade mais alta, o resultado do peso relativo foi de 0.58, constatando que os informantes com maior escolaridade apresentam alta frequência de uso da variante.

Evidentemente esse resultado deixa uma lacuna que merece ser investigada de forma mais aprofundada, levando em consideração aspectos relevantes como selecionar informantes de classes sociais diferentes, em contextos de fala diversos e outros níveis de escolaridade. Dessa maneira, provavelmente encontraríamos elementos que pudessemos compreender melhor esse resultado. Diante de tudo que foi exposto, podemos deduzir que o fenômeno do apagamento de [d] no morfema de gerúndio não é tratada de maneira estigmatizada pelos falantes com maior nível de escolaridade.

Mapa 13 – Variável extralinguística: variação diazonal



Na carta do Mapa 13, analisando somente os resultados das ocorrências, vimos que tanto a zona urbana quanto a zona rural, favorecem o apagamento da oclusiva [d] formador de gerúndio. Pois o resultado da zona urbana foi de 52% e a zona rural 71% a favor do

apagamento, mas devemos levar em consideração os resultados do peso relativo para chegarmos a um resultado mais preciso. A análise dos dados com peso relativo está presente na tabela 7.

Tabela 7 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: faixa etária.

<b>Diazonal</b>	<b>[-ndu]</b>	<b>%</b>	<b>[-nu]</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>P. Relativo</b>	<b>Signif.</b>	<b>Input</b>
Urbano	187	48	206	52	393	0.40		
Rural	113	29	278	71	391	0.60		
Total	300		484		784		0.000	0.378

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

Analizamos a frequência de uso do apagamento de [d] em morfema de gerúndio, verificamos com relação à frequência percentual de uso, a zona urbana realiza 52% a variante [-nu], seria favorável ao apagamento, mas a média do peso relativo diante dessas realizações é de 0.40, o que caracteriza o fenômeno como sendo desfavorável à aplicação da regra. Talvez esse resultado seja em consequência da alternância entre [-ndu] e [-nu] feita pelo mesmo falante em um mesmo contexto de uso. Já a zona rural apresenta o peso relativo de 0.60 que corresponde como fator favorável ao apagamento.

Pelayes (2016) descreve em seu estudo, que o fato de residir no meio rural ou urbano não interferiu diretamente na maneira de falar de seus informantes em relação à realização do gerúndio. O nos levou a formular nossa hipótese de que a forma elidida [-nu] é a predominante no dialeto envirense nas duas comunidades estudadas.

Como podemos observar, nossa hipótese foi confirmada de modo parcial, pois com relação a aplicação da regra em nível de ocorrências da variável [-nu] é considerada favorável, porém o peso relativo registrado interpreta esse resultado como uma variante com características enfraquecidas. Já na área rural o indicativo do peso relativo é considerado bastante favorável.

O programa *GoldVarb X* selecionou como melhor resultado pela ordem de relevância, no falar envirense, como relevantes para o apagamento de [d] no morfema de gerúndio os seguintes grupos de fatores: zona urbana x rural; sexo; faixa etária; escolaridade e extensão do verbo. Verificamos que os fatores extralinguísticos são os que mais influenciam para a realização do apagamento em questão.

De acordo com os resultados obtidos, o grupo de fatores que foram considerados mais produtivos, se encaixa na dimensão diazonal, pois em todas as análises a zona rural é a

variável mais relevante para a aplicação da regra. Assim como o grupo sexo, que confirmou nossa hipótese de que o homem tem comportamento linguístico favorável à aplicação do uso da norma não padrão [-nu].

De modo geral, verificamos que o fator diatópico foi decisivo nos resultados dos dois pontos de inquéritos, pois o fenômeno do apagamento se apresenta como regra variável na região de Envira, pois de 785 ocorrências 62% foi para aplicação da regra do apagamento. Isso significa dizer que a forma mais utilizada, ainda que em menor relevância na zona urbana, é a não padrão representada pela variável [-nu].

Em relação à norma e à frequência de uso, com base em resultados do peso relativo, concluímos que a norma não padrão [-nu] é frequente somente na zona rural, portanto sua distribuição é irregular, ou seja, a maior ocorrência dessa variante acontece somente em um ponto de inquérito.

Diante das considerações aqui expostas, acreditamos ter alcançado todos os nossos objetivos, como o de descrever a realidade linguística do município de Envira, localizado no Estado do Amazonas, com enfoque prioritário na identificação do processo de apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema /ndo/ formador de gerúndio, resultando nas variantes [-nu] e [-ndu]; apresentar a norma de uso da localidade pela frequência e distribuição regular. Verificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciaram as ocorrências de [-nu] e de [-ndu] e elaborar cartas morfofonológicas sobre as realizações fonéticas de /-ndo/.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi realizado no município de Envira, localizado no Estado do Amazonas, onde selecionamos dois pontos de inquéritos (Bairro São Francisco e Comunidade Marajá) para estudarmos o modo de falar do povo dessa região com enfoque prioritário na identificação do processo de apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {ndo} formador de gerúndio, resultando nas variantes [-nu] e [-ndu].

A pesquisa seguiu a linha metodológica da perspectiva da Dialectologia Pluridimensional e relacional de Thun (1996), que contempla à variação linguística em diferentes dimensões (diatópica, diazonal, diagenérica, diageracional, diastrática, dentre outras). Contamos com o suporte da Sociolinguística Variacionista de Labov (1972), que reconhece a relação de interação estabelecida entre falante e comunidade. E para compreendermos melhor como se desenvolve o processo do apagamento de [d] no morfema de gerúndio, nos apoiamos em estudos já realizados como de Pelayes (2016); Nascimento, Araújo e Carvalho (2013); Ferreira (2010); Vieira (2011); Martins (2001); Amaral (2008); Campos (1980), dentre outros.

Utilizamos vários meios de transportes até chegar aos locais de pesquisa, pois só em viagem, levando em consideração ida e volta, o tempo aproximado foi de uma semana, indo pelo Estado do Acre. Apesar de mais demorado, preferimos esse percurso pelo fato de alternarmos os meios de transportes. Indo direto, ficaríamos quase 4 horas em aeronave monomotor ou bimotor, pequena sem nenhum conforto. Contudo, fizemos uma viagem bastante agradável e proveitosa, pois conseguimos nosso principal objetivo que era de descrever a realidade sociolinguística do município de Envira, especificamente o apagamento da oclusiva dental/d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio, como mencionado anteriormente. Trabalhamos com 16 informantes, sendo 8 por ponto de inquérito e distribuídos por células sociais (sexo; faixa etária e escolaridade). Além das variáveis sociais, verificamos também a atuação das variáveis linguísticas, a conjugação verbal e a extensão do verbo. Queríamos saber quais fatores internos e externos influenciam nas ocorrências da variável em estudo.

Para tratar os fenômenos variáveis utilizamos o programa estatístico *GoldVarb X*, versão criada por Sankof, Tagliamonte e Smith (2005). Com os resultados prontos, trabalhamos com o programa Excel 2010 para gerar os gráficos em formatos de pizzas com valores totais e percentuais arredondados para menos ou para mais. Os dados foram inseridos



na carta por um profissional da área através do Adobe Illustrator CC 2019, programa específico para este fim, utilizando um mapa preexistente.

O programa *GoldVarb X* selecionou como relevantes para o apagamento de [d] no morfema de gerúndio, os seguintes grupos de fatores: zona urbana x rural; sexo; escolaridade e extensão do verbo.

Com referência a zona urbana e zona rural, Pelayes (2016) descreve em seu estudo, que o fato de residir no meio rural ou urbano não interferiu diretamente na maneira de falar de seus informantes em relação à realização do gerúndio. Baseado nessa premissa, levantamos a hipótese de que a forma elidida [-nu] é a predominante no dialeto envirense, nas duas comunidades estudadas. Porém, não foi confirmada, pois o resultado das ocorrências da variável [-nu] na zona urbana de forma percentual é de 53%, mas o peso relativo apresentou o resultado de 0.40, significando uma variante com características enfraquecidas. Imaginamos que o peso relativo tenha verificado casos de alternância de um mesmo informante entre [-ndu] e [-nu] em suas realizações. Já na área rural o indicativo do peso relativo 0.60, o que indica um grande potencial para o favorecimento do apagamento.

Na variável sexo o discurso dos homens é o que mais favorece o apagamento de [d] no morfema de gerúndio {-ndo}. Nosso resultado comunga com confirmação de Nascimento e Mota (2009) que também apresentam em seu estudo a maior ocorrência do apagamento na fala masculina. Vieira (2011) confirma também que os homens tendem a inovar, enquanto as mulheres evitam mais as formas consideradas “estigmatizadas” pela sociedade. Os resultados apresentados na Carta do Mapa 08 confirmam nossa hipótese de que o homem apresenta um comportamento linguístico com tendência a realizar o gerúndio em sua forma [-nu]. Sendo o sexo um fator condicionador para o favorecimento do apagamento da oclusiva no morfema de gerúndio.

Verificamos também o fator escolaridade e descobrimos que diferentemente de outros estudos, a escolaridade II (do 6º ao 9º ano) se mostrou mais produtiva para a realização morfofonológica da variante [-nu], tanto na zona rural quanto na zona urbana. Havíamos considerado a hipótese de que quanto menor o nível de escolaridade, maior a chance de favorecimento da aplicação da regra variável do apagamento da oclusiva /d/. Em outros estudos como o de Ferreira (2010), é comprovado que quanto menor o nível de escolaridade, maior será o favorecimento do apagamento da oclusiva em questão.

O peso relativo 0.42 revela que os informantes de menor escolaridade apresentam baixa frequência de uso com relação aos outros fatores. Já para os informantes de escolaridade mais alta, o resultado do peso relativo foi de 0.58, constatando que os informantes com maior

escolaridade apresentam alta frequência de uso da variante [-nu]. Diante desse resultado podemos deduzir que o fenômeno do apagamento de [d] no morfema de gerúndio não é tratada de maneira estigmatizada pelos falantes com maior nível de escolaridade.

Em relação à extensão do verbo, podemos verificar que houve a ocorrência de 66%, de um total de 277, da variante [-nu] considerando verbos polissílabos; porém com relação ao peso relativo houve uma discrepância em seu resultado, sendo o peso relativo de 0.36 – o que aparenta ser um grupo de fator que não tem tanta relevância para a realização do apagamento. Vieira (2011) em sua pesquisa confirma o favorecimento dos verbos polissílabos para o apagamento. O mesmo resultado foi revelado por Mollica e Mattos (1992); e Souza (2009). Esses pesquisadores afirmam que quanto mais extenso for o item, maior a probabilidade de ocorrer o apagamento do /d/. Baseado nesses resultados, formulamos nossa hipótese de que os verbos polissílabos tendem a favorecer o apagamento da oclusiva /d/ em morfema de gerúndio {-ndo}. Quanto à percentagem de ocorrências, nossa hipótese foi confirmada, porém o peso relativo apresenta um valor que caracteriza baixa predisposição dessa variável se desenvolver com o passar do tempo. Portanto, concluímos que a extensão do verbo não é relevante para aplicação da regra da variável em estudo. Resultado que a significância presente na Tabela 03 pode confirmar.

De acordo com os resultados selecionados dos grupos de fatores considerados mais produtivos está à dimensão diazonal, pois em todas as análises a zona rural é a variável mais relevante para a aplicação da regra. Assim como o grupo sexo, que confirmou nossa hipótese de que o homem tem comportamento linguístico favorável à aplicação do uso da norma não padrão [-nu].

Dessa forma o fator diatópico foi decisivo nos resultados deste estudo, pois o fenômeno do apagamento se apresenta como regra variável na região de Envira, pois de 785 ocorrências, 62% foi para aplicação da regra do apagamento. Isso significa dizer que a forma mais utilizada, ainda que em menor relevância na zona urbana, é a não padrão representada pela variável [-nu].

Em relação à norma e a frequência de uso, com base em resultados do peso relativo, concluímos que a norma não padrão [-nu] é frequente somente na zona rural, portanto sua distribuição é irregular, ou seja, a maior ocorrência dessa variante acontece somente em um ponto de inquérito.

Vale ressaltar que este trabalho não se esgota, visto que a região estudada é pouco explorada, ainda quando se trata de variação linguística. Existem algumas discussões

relacionadas aos fatores linguísticos e extralinguísticos registrados nas cartas e nas tabelas que podem ser um ponto de partida para futuras análises mais apuradas de suas causas.

Esperamos, que através desses resultados, possamos contribuir para futuras pesquisas no que concerne aos estudos linguísticos e especificamente no estudo sobre o apagamento de [d] no morfema de gerúndio {-ndo}, seja na mesma região ou em outras regiões do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v.1, 6ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.
- ALIB - ATLAS LINGUISTICO DO BRASIL. Disponível em: <http://www.alib.ufba.br/index.asp>. Acesso em: 02 de janeiro de 2018.
- AMARAL, F.J. do. O Gerúndio na fala de Custódia-PE: Influências das Restrições Sociais. In: *XXI Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste. GELNE*. Maceió, 2008.
- AMAZONAS. *Portal do Governo*. Disponível em: <http://www.amazonas.am.gov.br/o-amazonas/dados/> >. Acesso em 19 janeiro de 2018.
- ANDRADE, Maria Margarida de. *Dicionários de termos gramaticais*. São Paulo: Atlas S.A, 2009.
- ARAGÃO, Maria do Socorro. *Os estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil*. RRL, LIII, 1-2, p. 125-140, Bucuresti, 2008.
- AURÉLIO, Renato Pereira, 1982- *Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos* / Renato Pereira Aurélio. – 2012. 132 f.: il.
- AZEVEDO, Orlando da Silva. *Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no baixo Amazonas (PA) e no médio Solimões (AM)*. Tese (Doutorado) Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, 2013.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAKKER, M.P.R. *Cartografia – Noções Básicas*. DHN, Marinha do Brasil. 1965.
- BAKHTIN, M.M. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud et al. 9. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BLOOMFIELD, L. [1926]. Um conjunto de postulados para a ciência da linguagem, In: DASCAL, M (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: UNICAMP, 1978.
- BRANDÃO, Silvia F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Editora Ática S. A. 1991.
- BRITO, Roseanny Melo de. *Atlas dos falares do baixo Amazonas - AFBAM*. 2011. 297 f. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução teoria e a prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística — parte II, In: MUSSALLIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V.1 São Paulo: Cortez, 2012, p. 51- 83.

CAMARA JÚNIOR, J. M. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 43. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAMPOS, Maria Sandra. *O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas*. Tese (Doutorado em Linguística) Niterói: UFF, 2009.

CAMPOS, Odete. A. de Souza. *O gerúndio no português (estudo histórico-descritivo)*. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1980.

CARDOSO, S.A.N. Atlas linguístico de Sergipe II. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Projeto AliB: descrição e estágio atual*. In: Revista da ABRALIN, v.8, n.1, p. 185-198 jan./jun. 2009.

CARDOSO, Susana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: parábola 2010.

CARDOSO, Susana Alice; FERREIRA, Carlota. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

CARNEIRO, Dayana R.; MAGALHÃES, José S. de. *O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari*. 2009. Disponível em: <http://www.horizontecientifico.propp.ufu.br/include/getdoc.php?id=863&article=424&mode=pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

IBGE. *Censo Demográfico 2010: Características da População e dos Domicílios: Resultados do Universo*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 28 abril 2018.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La Dialectología*. Tradução de Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1993.

COELHO, I. L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CORRÊA, Hydelyvia Cavalcante de Oliveira. *O falar do caboclo amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves*. Rio de Janeiro: PUC, 1980.

COLLINSCHONN, G. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, p. 12-33, 2006.

COULTHARD, Malcom. *Linguagem e sexo*. Trad. Carmen Rosa Caldas-Coulthard. São Paulo: Ática, 1991.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1967.

CRISTÓFARO SILVA, Thais. Fonologia: *Por uma análise integrada entre a morfologia e à sintaxe*. Viva Voz, Belo Horizonte, v. 2, p. 61-70, 1996.

CRISTÓFARO SILVA, Thais; FARIA, I. . *Percursos de ditongos crescentes no Português Brasileiro* (Letras de Hoje. v. 49, n.1, OCTOBER/DECEMBER, 2014). Letras de Hoje (Impresso), v. 1, p. 19-27, 2014.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CRUZ-CARDOSO, Maria Luiza de C. *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)*. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

CUNHA, C. *Gramática da Língua Portuguesa*. RJ: MEC/ FENAME, 2008.

DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FERREIRA C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto: 1984.

FERREIRA, Jesuelem Salvani. *O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no Português falado no interior paulista*. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2010.

\_\_\_\_\_; TENANI, Luciani; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *O morfema de gerúndio “ndo” no português brasileiro: análise fonológica e sociolinguística*. Revista Letras e Letras, v. 28, n. 1, p. 167-188, jan-jun. 2012.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto. 1994.

FISHMAN, J. A. *The Sociology of Language: A Interdisciplinary Social Science Approach to Language in Society*: Rowley, MA: Newbury House Publ, 1972.

GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. *Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: Um estudo de geolinguística*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Amazonas, 2015.

GNERRE, Maurício. *Linguagem, escrita e poder*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes,

1998.

GUY, G. A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. *Organon. Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 28 e 29. 2000, p. 17-32.

GUY, Gregory. *As comunidades de fala: fronteiras internas e externas*. II Congresso Internacional da Abralín. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.

\_\_\_\_\_. *Rumos da Sociodialetoлогия da América Latina*. In: Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística (2.: 2012 : Belém, PA). Diversidade linguística e políticas de ensino: anais. Coord. Abdelhak Razky, Marilúcia Barros de Oliveira, Alcides Fernandes de Lima. São Luís: EDUFMA, 2012. p. 44-60.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HYMES, D. (Ed.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. Oxford: Blackwell, 1972. p. 35-71.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0, 2001.

HUDSON, Richard A. *Sociolinguistics*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University. Press, 1996.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. *Atlas Linguístico dos Falares do Alto rio Negro – ALFARiM*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012. Dissertação de Mestrado em letras.

LABOV, Willian. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta pereira; CARDOSO, Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. *Princípios del cambio linguístico*. Madri: Gredos, 1996. V.I: factores internos, tomos I e II.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LEMLE, M.; NARO, A. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Mobral/Fund. Ford, 1977.

MAIA, Edson Galvão. *Atlas linguístico do sul amazonense – ALSAM*. 2018. 310 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MALMBERG, Bertil. *As novas tendências da linguística: uma orientação à linguística moderna*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, Editora da USP. 1974.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese de Doutorado, 330 p.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Nacional, 1934.

MARTINS, Flávia Santos. *Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas)*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, 2013.

MARTINS, I. F. de M. *Apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” na fala de João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

MARTINS, Iara F. de Melo. *Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica*. In: HORA, Dermeval da. *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João pessoa: Pallotti, 2004.

MARTINS, Ivone da Silva; BUENO, Elza Sabino da Silva. (2011). *Estudo do gerúndio – a transformação de [nd] em [n] no Português falado na região de fronteira* (v. 1, n. 4, p. 1 – 24). UEMS/Campo Grande: *Sociodialeto* (Online). In <http://www.sociodialeto.com.br/edições/9/28092011064716.pdf>. Acesso em dezembro/2018.

MENEZES, P. M. L. de; FERNANDES, M. do C. *Roteiro de Cartografia*. São Paulo: Oficina de textos, 2013.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luíza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA & PAIVA, M. Da C. De & PINTO, I. I. *Relações entre [l] [r] e [r] e [o] em grupos consonantais em português*. In: *Relatório Final do Projeto Mecanismos funcionais do Uso Linguístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NASCENTE, Antenor. *O linguajar carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1953.

NASCIMENTO, Katiene Rozy Santos do; ARAÚJO, Aluiza Alves de; CARVALHO, Wilson Júnior de Araújo. *A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista*. Veredas On-line – Atemática, v. 17, n. 2, p. 398-413, 2013.

NASCIMENTO, L.; MOTA, J. *A ausência do ‘d’ no gerúndio: com base em inquéritos experimentais do projeto ALIB*: Hyperion Letras: Revista Científica Semestral do Instituto de Letras da UFBA. Salvador, s/v, n.7, 2004. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistahyperion/issue/viewFile/1257/143>. Acesso em 10 nov.2017.



PADOVANI, Bruna Fernanda S. de Lima; SANCHES, Romário Duarte. *Interface entre Sociolinguística e a Dialeto* (Web – Revista Sociodialetto. ISSN: 2178-1486. V. 6, n.18, Maio, 2016). Edição especial.

PAGOTTO, E. G. *Varição é identidade*. 2001. 454.f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PELAYES, Geicilayne Tavares Pelayes. Apagamento do fonema /d/ em verbos gerundiais no Português Brasileiro: variantes rural e urbana em Santana do Ipanema. (*Diversitas Journal*. ISSN: 2525-5215- V. 1, n.2, mai./ago. 2016) pp: 220-227.

PERINE, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.

PRETI, Dino, 1930-Sociolinguística: *Os níveis de Fala: Um estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira / Dino Preti*. 9. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. –(Campi;15)

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos camino de la geolinguística románica. Um balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Org.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Akten des Symposiums Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. P. 25-49.

RAZKY, A.(org.). *Estudos geossociolinguísticos no Estado do Pará*. Belém: s/ed., 2003.

RIBEIRO, Lorena Nascimento de Souza. *O apagamento do –R em posição de coda silábica: há influência da fala na escrita discente?* Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2013.

RODRIGUES, Aryon. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. In: BAGNO, M (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 11-25.

ROMAINE, S. What is a speech community? In: *SOCIOLINGUISTIC variation in speech communities*. London: Edward Arnold, 1980. P. 13-24.

ROMAINE, Suzanne. *Language in society*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SCHERRE, M. M. P. Introdução ao Pacote *VARBRUL para microcomputadores*. Brasília, UNB, 1993.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. *Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul*. In: Mollica, M.C.; BRAGA, M. L. (Orgs). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo-SP, Editora Contexto, 2012, p. 147-177.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 28. Ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUTCHUCK, Inez. *Prática de morfossintaxe: como e porque aprender análise (morfo)sintática*. 2.ed. Berueri, SP: Manole, 2010.

SEVERO, C. G. *A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões*. Revista Voz das Letras, n. 9, p. 1-17, 2008.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva. *Interferência da fala na escrita de alunos do ensino médio: descrição e análise de usos de Monotongaço e de Apagamento do [R] final* - Dissertação de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Amazonas. UFAM, 2017.

SILVA NETO, Serafim. *Guia para estudos dialectológicos*. Florianópolis. 1955.

\_\_\_\_\_. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUSA, S. C. T. *Interferência da língua falada de crianças: processos de apagamento da oclusiva dental /d/ e da vibrante final /r/*. DELTA, São Paulo, v.25, n.2, p.465-495, 2009.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Pesquisa Sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

THUN, H. *La géographie linguistique romane à la fin du XXe. Siècle*. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22., 1998<sup>a</sup>, Bruxelas. Actes... v. 3. Vivacité et diversité de la variation linguistique. Tübingen: Niemeyer.

VIEIRA, M.S. *Apagamento do /d/: abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero sexual*. Web-Revista Sociodiaeto, v1, n.4, julho. 2011.

VIEIRA, Shirley *O comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo* [dissertação] / Shirley Vieira ; orientador, Felício Wessling Margotti. - Florianópolis, SC, 2010.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

**APÊNDICE A – Ficha do informante**

Localidade: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Região de nascimento: \_\_\_\_\_

Lugar de origem dos pais: \_\_\_\_\_

Quantos anos vive na localidade? \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B** – Questionário morfofonológico (QMF)

O que a moça está fazendo com o copo d'água?

1. *Bebendo*

O que o homem está fazendo com a banana?

2. *Comendo*

O que o bebê está fazendo em cima da cama?

3. *Dormindo*

O que o aluno está fazendo no quadro ao lado da professora?

4. *Escrevendo*

O que os homens estão fazendo no campo de futebol?

5. *Jogando*

O que a pessoa está fazendo com a massa dentro da peneira?

6. *Peneirando*

O que o homem está fazendo no rio?

7. *Pescando*

O que os cantores estão fazendo com o violão?

8. *Tocando*

O que o pássaro está fazendo no céu

9. *Voando*

Complete:

Quando alguém entrega alguma coisa para outra, ela está .....

10. *Dando*

Quando uma comida tem cheiro ruim, a comida está .....

11. *Fedendo*

Complete:

Quando alguém guarda um objeto para que outra pessoa não veja, ela está .....

13. *Escondendo*

Quando um carpinteiro está no final de um trabalho ele está .....

14. *Terminando*

Como o rapaz está atravessando o rio?

15. *Nadando*

O que a senhora está fazendo todo dia para emagrecer?

16. *Caminhando*

Complete:

O dedo da garota quebrou e agora está ...

17. *Doendo*

O que o homem está fazendo com aquela tarrafa?

18. *Tarrafeando*

Complete:

Eles ouviram uma piada e estão.....

19. *Rindo*

Aquele pessoal está ..... ao nosso encontro.

20. *Vindo*

Quando você olha para alguma coisa, você está .....

21. *Vendo*

O que ela está fazendo com o livro?

22. *Lendo*

Complete:

Quando duas pessoas discutem alto, ela estão....

23. *Brigando*

Quando o repórter está conversando com um jogador, ele está .....

24. *Entrevistando*

O que ela está fazendo com a vassoura?

25. *Varrendo*

Como você vai daqui ao roçado?

26. *Andando*

O que ela está fazendo com aquela blusa?

27. *Vestindo*

O que ele está fazendo pertinho do rádio?

28. *Ouvindo*

O que o cantor está fazendo no show?

29. *Cantando*

Complete:

Ele está ..... para a praia cedo.

30. *Indo*

O que ela está fazendo com a colher de pau no mungunzá?

31. *Mexendo*

Complete:

Quando não estamos descendo o rio, estamos.....

32. *Subindo*

A cobra está ..... o sapo.

33. *Engolindo*

Quando eu falo algo para uma pessoa e ela compreende, posso dizer que ela está.....

34. *Entendendo*

Quando eu pego um objeto posso dizer que estou .....

35. *Segurando*

Quando uma coisa não está aumentando, ela está .....

36. *Diminuindo*

O que o casal está fazendo no altar?

37. *Casando*

O que aquela senhora está fazendo naquela máquina?

38. *Costurando*

Qual o percurso mais rápido na viagem de canoa?

39. *Descendo*

Qual o contrário de chegando?

40. *Saindo*

O que o atendente está fazendo no hospital?

41. *Atendendo*

Complete:

Quando o barranco está desmoronando, ele está.....

42. *Caindo*

O que ela está fazendo com o penacho na beira do fogo?

43. *Abanando*

O que ela está fazendo juntando a goma com o coco?

44. *Misturando*

Complete:

Quando um rapaz e uma moça estão abraçados , eles estão .....

45. *Namorando*

Como se chama quando alguém se corta e fica derramando sangue:

46. *Sangrando*

Quando alguém está usando uma frigideira com óleo o que está fazendo?

47. *Fritando*

Complete:

Quando alguém está ajoelhado costumamos dizer que está ....

48. *Rezando / orando*

Quando uma pessoa está em seu local de trabalho ela está .....

49. *Trabalhando*